

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**A PRESENÇA DA REVISTA *FON-FON!* NO INÍCIO DO SÉCULO XX: O
PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO NO BRASIL E A EDUCAÇÃO
FEMININA**

RENATA FRANQUI

**MARINGÁ
2016**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**A PRESENÇA DA REVISTA *FON-FON!* NO INÍCIO DO SÉCULO XX: O
PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO NO BRASIL E A EDUCAÇÃO
FEMININA**

RENATA FRANQUI

**MARINGÁ
2016**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**A PRESENÇA DA REVISTA *FON-FON!* NO INÍCIO DO SÉCULO XX: O
PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO NO BRASIL E A EDUCAÇÃO
FEMININA**

Dissertação apresentada por RENATA
FRANQUI ao Programa de Pós-Graduação em
Educação, da Universidade Estadual de
Maringá, como um dos requisitos para a
obtenção do título de Mestre em Educação.
Área de Concentração: EDUCAÇÃO.

Orientador(a):
Prof.^a. Dr.^a.: MARCÍLIA ROSA PERIOTTO

MARINGÁ
2016

RENATA FRANQUI

**A PRESENÇA DA REVISTA *FON-FON!* NO INÍCIO DO SÉCULO XX: O
PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO NO BRASIL E A EDUCAÇÃO
FEMININA**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dra. Marcília Rosa Periotto (Orientadora) – UEM

Prof.^a. Dra. Vanessa Campos Mariano Ruckstadter – UENP –
Jacarezinho/PR

Prof. Dr. Alessandro Santos da Rocha – UEM

28 de março de 2016

Dedico este trabalho ao meu amado marido,
Eduardo Marchioli.

AGRADECIMENTOS

É chegada a hora de agradecer àqueles cujo apoio ou incentivo contribuiu para tornar possível esta etapa da minha formação. Desse modo, registro, aqui, meus sinceros agradecimentos.

A Deus, em primeiro lugar.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa que viabilizou a dedicação integral ao desenvolvimento desta pesquisa.

À Prof.^a Dra. Marcília Rosa Periotto, pela generosidade e respeito com os quais me orientou na realização deste trabalho. Agradeço, também, pela paciência e compreensão nos momentos difíceis. Esta pesquisa não seria possível sem sua ajuda.

Aos membros da banca examinadora deste trabalho, Prof.^a Dra. Vanessa Campos Mariano Ruckstadter e Prof. Dr. Alessandro Santos da Rocha, pelo respeito e atenção dedicados à leitura do texto e pelas valiosas contribuições para com esta pesquisa.

À Prof.^a Dra. Ivana Guilherme Símlil e ao Prof. Dr. Flavio Massani Martins Ruckstadter, pelas importantes sugestões apontadas no momento da qualificação deste trabalho.

Aos professores ministrantes das disciplinas cursadas durante a obtenção dos créditos do mestrado: Prof. Dr. César de Alencar Arnaut de Toledo, Prof.^a Dra. Amélia Kimiko Noma, Prof.^a Dra. Elma Júlia Gonçalves de Carvalho e Prof.^a Dra. Maria Cristina Gomes Machado.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEM, Hugo Alex da Silva e Márcia Galvão, pela atenção e prontidão em solucionar minhas dúvidas ao longo destes dois anos.

À Escola Anjos da Terra, nas pessoas de Maria Aparecida da Silveira Corsi e Marcos Corsi, pelo apoio e incentivo irrestritos, desde os tempos da graduação. De maneira especial, agradeço à Prof.^a Caroline dos Santos, por gentilmente trocar os horários de nossas aulas em virtude dos meus tantos compromissos com a universidade.

Aos colegas de mestrado, por compartilharem comigo as alegrias e, sobretudo, os momentos de angústia vividos neste período.

Às queridas Michelli Aparecida da Silva, Natasha Nardin Pereira Franqui, Ana Paula Rosa da Silva e Marcella Hauanna Cassula, pela amizade, incentivo, apoio e por acreditarem na minha capacidade mais do que talvez eu mesma acredite.

Aos meus pais – Marlene Tirapeli Franqui e Wanderley Capelli Franqui –, pelo amor e apoio incondicionais e por partilharem este sonho comigo.

Ao meu amado marido, Eduardo Marchioli, pelo amor, compreensão e paciência dedicados a mim durante este período. Sobretudo, agradeço por estar sempre a postos para ajudar nos momentos difíceis. Seu incentivo e apoio foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

FRANQUI, Renata. **A PRESENÇA DA REVISTA *FON-FON!* NO INÍCIO DO SÉCULO XX: O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO NO BRASIL E A EDUCAÇÃO FEMININA**. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Marcília Rosa Periotto. Maringá, 2016.

RESUMO

Este trabalho analisa os conteúdos publicados na revista carioca *Fon-Fon!* (1907-1958), realizado a partir da seleção e análise das imagens, textos e anúncios publicitários, veiculados nas décadas iniciais do século XX. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, vinculada à área da História da Educação, cujo objetivo é analisar os conteúdos veiculados pelo periódico, voltados para a formação das mulheres do período, sobretudo àquelas pertencentes à elite, público ao qual a revista era destinada. O primeiro capítulo recupera os aspectos principais da história da imprensa brasileira, destacando os primeiros jornais publicados no Brasil, bem como a imprensa periódica, característica dos períodos imperial e republicano. O segundo capítulo caracteriza o objeto de estudo - a revista *Fon-Fon!* -, em seus aspectos técnicos e gráficos, assim como apresenta seus conteúdos e colaboradores; exhibe a revisão de literatura e elenca títulos diversos de revistas que discutiram temáticas similares à *Fon-Fon!* à luz da época. No terceiro capítulo, articulam-se os conteúdos publicados por essa revista no início do século XX aos principais desdobramentos ocorridos no Brasil no início do século XX, como o processo de industrialização e modernização, decorrente da instalação definitiva do capitalismo e que deram ao país uma nova conformação política, econômica e social. O quarto capítulo apresenta a análise dos conteúdos da revista *Fon-Fon!* sobre os papéis sociais femininos daquele momento histórico, sobretudo no que diz respeito à maternidade, função social que se constituiu como decisiva para a reorganização da sociedade nos moldes do projeto de nação que se construía no período, sob o molde da família burguesa. A seleção e análise dos conteúdos permitiram concluir que a revista *Fon-Fon!* atuou, de maneira significativa, na educação das mulheres, tanto no que diz respeito aos comportamentos, como em relação à sua subjetividade. Recheada de conteúdos de humor, fotografias, caricaturas e diversas colunas sobre o universo feminino, a revista ensinava, às mulheres da elite, as maneiras de melhor desempenharem os papéis sociais de mãe, esposa e dona de casa, tornando-as aptas para a reprodução do ideal de família burguesa e, ainda, servindo como modelo a ser seguido pelas mulheres pobres.

Palavras-chave: Educação; História da Educação; Imprensa; Educação das Mulheres; Revista *Fon-Fon!*; Modernização do Brasil.

FRANQUI, Renata. **THE PRESENCE OF FON-FON MAGAZINE IN BEGINNING IN TWENTIETH CENTURY:** the process of modernization in Brazil and the feminine education. 154 f. Dissertation (Master in Education) – State University of Maringá. Supervisor: Marcília Rosa Periotto. Maringá, 2016.

ABSTRACT

This essay analyses the contents published in the Magazine Fon-Fon! (1907-1958), performed through the selection and analysis of images, texts and advertising published in the first decades of the 20th century. It consists of a bibliographic and documentary research linked to the area of History of Education, whose objective is to analyze the Magazine's contents for the formation of the women of that time, especially those women regarded as being from the elite, which was the target audience of the magazine. The first chapter recovers the main aspects of the history of the Brazilian press, highlighting the first newspapers published in Brazil, and also the periodical press of the imperial and the Republic periods. The second chapter features the object of this study – the Magazine Fon-Fon! – in its technical and graphic aspects, and presents its contents and collaborators; furthermore, it shows the literature review and lists a variety of magazine titles that discussed similar issues as the ones presented at Fon-Fon at the time. The third chapter presents the articulation of contents published by Fon-Fon in the beginning of the 20th century to the main events in Brazil in the early twentieth century, such as the process of industrialization and modernization result of the final installation of capitalism, which provided to the country a new political, economic and social frame. The fourth chapter presents the analysis of the contents of Magazine Fon-Fon, about social roles of the women in that historical moment, especially about the maternity, regarded as the social role that was constituted as decisive for the reorganization of the society in the project of nation that was being built in the period, known as the model of bourgeois family. The selection and analysis of the contents showed that the Magazine Fon-Fon acted significantly in women's education, shaping their behavior and in relation to their subjectivity. With humorous contents, photographs, cartoons and several columns about the female universe, the magazine taught the elite women ways to perform better the social roles of being a mother, wife and homemaker, making them suitable for the reproduction of the ideal of bourgeois family and also serving as a model to be followed by poor women.

Keywords: Education; History of Education; Press; Women's Education; Magazine *Fon-Fon!*; Brazil's Modernization.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: TEXTO “PÁTRIA LIVRE”	31
FIGURA 2: CHARGE “TIRAR DOLÓR CASTIGO O MÓR CONSOLO”	32
FIGURA 3: FON-FON! SEMANÁRIO ALEGRE, POLÍTICO, CRÍTICO E ESFUSIANTE.....	54
FIGURA 4: ESCRITÓRIO DA REVISTA FON-FON! EM 1916	55
FIGURA 5: FON-FON! E SELECTA NA INTIMIDADE	56
FIGURA 6: CHARGE “A MODA”	57
FIGURA 7: FOTOS DE CALIXTO CORDEIRO E RAUL PEDERNEIRAS	58
FIGURA 8: CHARGE "RAUL E CALIXTO DEPOIS DO CARNAVAL"	59
FIGURA 9: CHARGE “O FLAGRANTE DO INSTANTÂNEO”	61
FIGURA 10: FOTOGRAFIA DO CARICATURISTA J. CARLOS.....	62
FIGURA 11: CARICATURA DE LAURINDA SANTOS LOBO NA GALERIA DAS ELEGÂNCIAS, DE NAIR DE TEFFÉ.....	64
FIGURA 12: TEXTO SOBRE O JORNALISTA ALEXANDRE GASPARONI	67
FIGURA 13: CAPA DA REVISTA FON-FON! EM 1912 “OS TREZ REIS”	69
FIGURA 14: ANÚNCIO PUBLICITÁRIO “A PATRÔA”	75
FIGURA 15: ANÚNCIO PUBLICITÁRIO “ÓLEO PALMOLIVE”	75
FIGURA 16: TEXTO “A REGENERAÇÃO DO ‘HOVERAM”	80
FIGURA 17: FON-FON! NO ESTADO DO RIO	83
FIGURA 18: TEXTO “NOTAS AGUDAS”	85
FIGURA 19: TEXTO “ARGUEIROS POR CAVALLEIROS”	86
FIGURA 20: CHARGE “POR PATRIOTISMO...”	99
FIGURA 21: TEXTO “QUANDO É QUE A MULHER DEIXA DE SER JOVEM?”	100
FIGURA 22: TEXTO "O PAPEL DA MULHER BRASILEIRA NA GUERRA"	102
FIGURA 23: CHARGE "POSITIVISMO"	104
FIGURA 24: CHARGE "LIBERDADE, IGUALDADE, FRATERNIDADE"	105
FIGURA 25: CHARGE “ENTRE CRIADAS”	107
FIGURA 26: ANÚNCIO PUBLICITÁRIO “LEITE MATERNISADO ‘GLAXO”	110
FIGURA 27: CHARGE "UMA CRISE POLÍTICO-DOMÉSTICA EM FUTURO PRÓXIMO"	112

FIGURA 28: CHARGE SOBRE O FEMINISMO.....	117
FIGURA 29: CAPA DE FON-FON! "TIO SAM - QUEM NASCEU PARA LIBRA, NUNCA CHEGA A SER DOLLAR"	118

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. REVISTA FON-FON! E O PANORAMA DA IMPRENSA BRASILEIRA ENTRE O IMPÉRIO E A REPÚBLICA	20
2. A IMPRENSA BRASILEIRA: HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS GERAIS	22
2.1.1 OS PRIMEIROS JORNAIS BRASILEIROS	22
2.1.2 A IMPRENSA NO IMPÉRIO BRASILEIRO	27
2.1.3 A IMPRENSA NO BRASIL REPUBLICANO	30
2.2 CARICATURAS, INTELECTUAIS E FORMAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA.....	36
3. A TRAJETÓRIA DE <i>FON-FON!</i>: DE SEMANÁRIO ILUSTRADO E CRÍTICO À REVISTA PARA O LAR.....	42
3.1 PANORAMA HISTÓRICO DA IMPRENSA FEMININA NO BRASIL NA PASSAGEM DO SÉCULO XIX AO SÉCULO XX	42
3.2 A REVISTA <i>FON-FON!</i> NA VISÃO DA HISTORIOGRAFIA	46
3.3 REVISTA <i>FON-FON!</i> – CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	53
4. MODERNIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO MATERIAL E SOCIAL NO BRASIL: A AÇÃO PEDAGÓGICA DA REVISTA <i>FON-FON!</i>.....	77
4.1 O BRASIL ENTRE O IMPÉRIO E A REPÚBLICA: A MODERNIZAÇÃO RECLAMA POR CIVILIDADE.....	77
4.2 O BRASIL TRANSFORMA-SE: A URBANIZAÇÃO E AS PRÁTICAS HIGIENISTAS DO IMPÉRIO PARA A REPÚBLICA	81
4.3 A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA.....	92
5. A CONDIÇÃO SOCIAL DA MULHER NO BRASIL NO INÍCIO DO SÉCULO XX E A IMAGEM FEMININA EMERGENTE NO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO	97
5.1 A <i>FON-FON!</i> E A EDUCAÇÃO DAS MULHERES	98
5.2 A MULHER OPERÁRIA.....	103
5.3 A MATERNIDADE E O PROTAGONISMO FEMININO NA NOVA CONFIGURAÇÃO SOCIAL: A PERSPECTIVA DA REVISTA <i>FON-FON!</i>	108

5.4 O PAPEL DA MULHER NA REORGANIZAÇÃO DAS VIVÊNCIAS DOMÉSTICAS	111
5.5 O DEBOCHE BEM HUMORADO NA REVISTA <i>FON-FON!</i> SOBRE A LIBERDADE FEMININA E FEMINISMO.....	114
CONCLUSÃO	120
REFERÊNCIAS.....	123
PERIÓDICOS.....	133
ANEXOS	135

1. INTRODUÇÃO

A revista *Fon-Fon!*, publicada no Rio de Janeiro em 1907 e extinta em 1958, foi um exemplar de imprensa periódica que se ocupou, na sua longa trajetória, da veiculação de um debate cuja causa maior era a modernização brasileira no âmbito social e material, como também dos hábitos e comportamentos da população. A revista visava, preferencialmente, o público feminino.

Este trabalho tem por objetivo a análise da revista *Fon-Fon!*, na condição de um órgão de imprensa que se dizia representante do processo de modernização do Brasil, iniciado com maior ênfase após o fim da monarquia (1822-1889) e da instauração da república (1889). O estudo realizou-se a partir da seleção e análise dos temas publicados na *Fon-Fon!*, durante as décadas iniciais do século XX, debruçando-se sobre a relação da revista com a nova realidade político-social. Busca-se evidenciar o debate sobre a necessidade de mudanças na sociedade e a forma como esse objetivo foi desempenhado a partir das centenas de artigos e matérias cujo tema versava sobre a nova realidade social brasileira.

Ressalta-se o fato de a imprensa brasileira, dedicada às mulheres desde o decorrer do século XIX, caracterizar-se como um instrumento pedagógico na formação de visões de mundo e que, ao serem inoculadas por seu público leitor, inserem-se em um conceito amplo de educação. Nesse sentido, a análise aqui realizada pautou o seu desenvolvimento numa concepção de educação, cuja característica principal é o aspecto geral do processo educativo ao qual os homens se submetem na tarefa de produzirem a sua própria humanidade.

Saviani e Duarte (2012, p. 34), ao definirem educação, assinalam sua indissociabilidade com a própria formação humana, a qual se configura como “[...] o contínuo movimento de apropriação das objetivações humanas produzidas ao longo da história”. Da mesma forma, Figueira (1995) reflete que à educação cabe o papel de moldar os instintos humanos, ao afirmar que a natureza humana é “[...] uma criação artificial” (FIGUEIRA, 1995, p. 12), indicando seu caráter social, isto é, aquilo que o indivíduo torna-se a partir de suas vivências.

O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e indiretamente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto de homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à

identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana, para que eles se tornem humanos, e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas de se atingir esse objetivo (SAVIANI, 1991, p. 21).

A partir dessa visão histórica acerca do que é educação, a essência humana “[...] não é dada pela natureza, mas é produzida pelos próprios homens, processo esse que conhecemos pelo nome de trabalho” (SAVIANI, 2012, p. 127). Logo, a existência do homem é resultado da produção que este faz de si mesmo e, portanto, sua formação é, ao mesmo tempo, um processo educativo. Ademais, faz parte da natureza da educação a promoção da humanização do indivíduo, que só é possível por meio da aquisição de saberes sistematizados, produzidos historicamente (SAVIANI, 1991).

Figueira (1995) pontua que a educação, enquanto fenômeno social, parte do princípio de que uma de suas primordiais funções é a de acabar com aquilo que é natural ao homem, dando espaço a uma natureza humana artificial. Desse modo, a escola cumpre importante tarefa no que diz respeito ao período transitório entre um e outro modo de ser da sociedade, como é o caso do período entre o declínio da sociedade feudal e a ascensão do capitalismo.

A partir da concepção de que a ideologia natural de cada classe social não é dada de forma automática, mas é caracterizada como um processo educativo consciente e intencional, o autor destaca a necessidade de se ter em mente o que se deve e o como se deve ensinar para que, de fato, ocorra o estabelecimento da nova ordem social que se empreende.

Enquanto o feudalismo, denominado pelo autor de “velha ordem”, pregava a honra e a submissão, a “nova ordem”, o capitalismo, e trazia a concepção de que a existência humana se derivava da atividade produtiva – o trabalho. Contrariava, assim, o pensamento de que a existência humana se consistia em uma dívida divina. Dessa forma, o fazer-se humano só poderia ser alcançado por meio do trabalho.

Portanto, é apenas por meio do processo educativo que o homem se faz homem, tendo-se em vista seu caráter social (FIGUEIRA, 1995). Assim, cabe à escola identificar a essência, o “comum” da sociedade em que atua, de modo a deixar bastante definido aquilo que marca a diferença de seu tempo histórico com as outras épocas que a precedem.

Vale lembrar que, no nascimento da burguesia, à educação cabia a tarefa de transmitir a ideia de condenação do ócio, contrariando os princípios da antiga sociedade aristocrática. Dessa forma, a partir do processo educativo, o ideário aristocrático mostra-se insuficiente para fazer funcionar a sociedade da maneira como se fez outrora, dando lugar a uma nova organização social.

Por fim, pode-se compreender que, a partir de seu caráter civilizatório, a educação tem, por objetivo primordial, fazer com que os indivíduos se tornem membros da sociedade, definindo, assim, a ética que a norteia. Nesse processo, a constituição de uma nova sociedade está intrinsecamente ligada à total destruição daquilo que fora posto na sociedade que se quer superar.

Em síntese, Figueira (1995) esclarece que

[...] a natureza humana de uma determinada época não é uma simples resultante de forças cegas, mas uma luta com marcas bem definidas. O processo educativo não é, neste sentido, um apêndice mais ou menos inútil de que a sociedade pode prescindir. Ao contrário, a educação é algo tão visceralmente social que a sociedade humana não poderia ter este seu atributo essencial, o de ser humana, se esta componente não fizesse parte dela (FIGUEIRA, 1995, p. 14).

A reflexão dos autores a respeito do papel da educação na constituição do homem enquanto ser social presume a formação humana, realizada além dos ambientes formais de educação, ou seja, a escola, local que hoje se acredita ser o espaço preferencial e único do processo educativo. Entretanto a educação, ao ocorrer sob as mais diversas formas e, dentre elas, a mídia impressa – jornais, revistas, folhetins etc. –, deve ser considerada na mesma ordem de importância quando se avaliam os processos educativos em busca do alcance das ideias e concepções de mundo que, veiculadas e inoculadas pelos leitores, atuam na condição de formadoras de opinião e ditam posturas e comprometimentos político-sociais.

Dessa maneira, o estudo da imprensa, como fonte histórica, justifica-se por trazer em si elementos que expressam a prática social do momento histórico em que se inserem e permitem revelar a visão de mundo e o projeto de sociedade dos indivíduos ou grupos a ela vinculados. Deve-se reconhecer o papel da imprensa na constituição da memória histórico-social brasileira, ao mesmo tempo a participação nas manifestações as mais gerais, seja em prol das práticas progressistas, seja em

nome da manutenção dos laços vinculados ao atraso material e social, característico de relações de submissão a determinadas nações.

Na certeza de que os processos educativos, sejam eles de caráter formal ou informal, articulam-se à construção de dada realidade social, mostra-se relevante à pesquisa, com a imprensa periódica como objeto de análise e que traz em si elementos reveladores de dado momento social e, no caso específico da revista *Fon-Fon!*, a análise de um processo do nascimento de uma época que se pretendia modernizada e que exigia a construção de novos parâmetros sociais.

Feitas tais considerações a respeito da não dissociabilidade entre o processo educativo e a formação humana, entende-se que o estudo da imprensa periódica, na qualidade de artefato pedagógico, articulada aos principais acontecimentos do momento histórico em que se insere, constitui fonte profícua para a compreensão da realidade social de um período. Dessa maneira, a revista *Fon-Fon!*, um retrato de seu tempo, expressou, a partir dos textos, imagens, sátiras e anúncios publicitários, conteúdos essencialmente educativos, os quais disseminavam os valores, visões de mundo e modelo de homens e mulheres que se almejavam consolidar.

À justificativa, soma-se o interesse pessoal da autora, cujo percurso acadêmico iniciou-se ainda durante o curso de graduação em pedagogia (2010-2013), na Universidade Estadual de Maringá. No decorrer do curso, foram realizados projetos de pesquisa em nível de iniciação científica – com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), de 2011 a 2012, e da Fundação Araucária, de 2012 a 2013 –, os quais versaram sobre a importância da indumentária infantil na construção das identidades de gênero como feminino ou masculino.

Nessas pesquisas, foi possível dimensionar a história das aparências em seus nexos com a educação, à medida que o vestuário ocupa lugar de destaque nas relações humanas, sociais e pedagógicas, inclusive nos espaços escolares. Dessa maneira, verificou-se a necessidade de se compreender a criança com a qual se lida no fazer e no pensar pedagógico. Diante disso, o modo como as crianças mostraram-se aos olhos dos educadores perpassa a maneira como são educadas e, nesse ponto, entendeu-se a necessidade de se voltar a atenção para a figura da mãe que, como primeira educadora, atua diretamente na educação das aparências infantis.

Pensando-se nisso, a revista *Fon-Fon!* tornou-se objeto de estudo durante a realização do trabalho de conclusão de curso, em 2013, como requisito obrigatório

para a diplomação em pedagogia. Na ocasião, a pesquisa ocupou-se com a análise dos conteúdos publicados pelo periódico em dezembro de 1937, ano em que se inicia o período denominado de Estado Novo, buscando verificar o modo como o magazine voltava-se para a figura materna, na condição daquela que se constituía a primeira educadora dos filhos, futuros cidadãos da pátria brasileira. Os resultados do trabalho abriram caminho para novas inquietações e estudos, ocasionando o interesse na realização da pesquisa de mestrado.

O percurso acadêmico, ora apresentado, reafirma o interesse na pesquisa científica no campo da História da Educação, especificamente no que concerne aos estudos sobre imprensa, na qual os olhares se voltam para as múltiplas possibilidades de compreensão das dimensões histórica, social e cultural brasileiras, sobretudo em um momento decisivo para a história do país.

A presente pesquisa foi oportunizada pelo financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e vincula-se à linha de pesquisa de História e Historiografia da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá.

O estudo é uma pesquisa bibliográfico-documental, na qual foram analisados os conteúdos da revista *Fon-Fon!* publicados nos exemplares que se encontram nas versões digitalizadas e disponíveis para o acesso no acervo *on-line* da Biblioteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, a qual constitui fonte de excelência para a pesquisa e os estudos historiográficos, contribuindo para a preservação da memória documental brasileira.

A dissertação apresenta uma organização textual que traz a divisão da pesquisa em quatro capítulos. O primeiro, intitulado **“Revista *Fon-Fon!* e o panorama da imprensa no Brasil do império à república”**, ocupa-se em recuperar os aspectos principais da história da imprensa brasileira, destacando os primeiros jornais publicados no Brasil, bem como a imprensa periódica característica dos períodos imperial e republicano. O item apresenta, ainda, a discussão sobre a formação da opinião pública por intermédio das caricaturas e da atuação dos intelectuais ligados à imprensa.

Adiante, o capítulo **“A trajetória de *Fon-Fon!*: de semanário ilustrado e crítico à revista para o lar”** caracteriza o objeto de estudo deste trabalho – a revista *Fon-Fon!* –, em seus aspectos técnicos e gráficos, assim como apresenta seus conteúdos e colaboradores; além disso, exhibe uma revisão de literatura, na

qual destaca os principais trabalhos acadêmicos que tomam o referido periódico como objeto de estudo, e elenca títulos diversos de revistas que discutiram temáticas similares à *Fon-Fon!* à luz da época.

O terceiro capítulo, **“Modernização e desenvolvimento material e social no Brasil: a ação pedagógica da revista *Fon-Fon!*”**, articula os desdobramentos ocorridos no panorama histórico, em suas condições políticas, sociais e culturais em que o Brasil inseria-se no contexto do início do século XX, no qual as forças mundiais disputavam a partilha do mercado, aos conteúdos propalados pela revista *Fon-Fon!* durante as primeiras décadas do século XX. Assim, buscou-se avaliar de que maneira o discurso veiculado em seus textos, imagens e opiniões representa o desejo nacional pela modernização ou se este traz consigo, de maneira implícita, um enunciado conservador, característico de um país ainda preso às amarras da mentalidade dos tempos imperiais.

O último capítulo, intitulado **“A condição social da mulher no Brasil no início do século XX e a imagem feminina emergente no processo de modernização”**, apresenta a reflexão sobre os conteúdos publicados pelo periódico que diziam respeito às mulheres e aos papéis sociais considerados adequados a elas naquele momento - a mulher deveria cumprir seu papel edificante dentro do lar, tanto nas vivências com seu marido quanto na criação dos filhos, estes que constituiriam o futuro da nação.

Com base no exposto, salienta-se que o estudo buscou contribuir para o avanço científico das pesquisas na área de História da Educação ao abordar as características educativas inerentes à revista *Fon-Fon!*. O panorama das questões trazidas pela modernização, que tardiamente chegou ao Brasil e impresso nas páginas referentes aos 51 anos de atuação da revista, contém uma imensidade de problemas, em especial os de natureza educativa, os quais foram, dentro dos limites da pesquisa, analisados no sentido de se compreender a relação imprensa e educação nas décadas iniciais do século XIX. A revista *Fon-Fon!*, ao fazer parte desse processo, tornou-se guardiã da memória de um tempo de modernização e, ao mesmo tempo, partícipe direta de um proveitoso processo educativo.

2. REVISTA FON-FON! E O PANORAMA DA IMPRENSA BRASILEIRA ENTRE O IMPÉRIO E A REPÚBLICA

Com a eleição de novas temáticas pela historiografia educacional, a imprensa, desde as décadas finais do século XX, passou a ocupar lugar de destaque como fonte entre os pesquisadores que buscam coligar, nos seus estudos, a educação com as circunstâncias sociais e históricas da época.

De acordo com Saviani (2006), o valor das fontes históricas é dado pela potencialidade que encerram em resposta às questões formuladas aprioristicamente pelo pesquisador, de tal forma que,

Considerando-se que as fontes são o ponto de origem, a base e o ponto de apoio para a produção historiográfica que nos permite atingir o conhecimento da história da educação brasileira, releva de importância o desenvolvimento de uma preocupação intencional e coletiva com a geração, manutenção, organização, disponibilização e preservação das múltiplas formas de fontes da história da educação brasileira (SAVIANI, 2006, p. 33).

Desta feita, a utilização da imprensa como fonte histórica, por sua vez, exige do pesquisador uma série de cuidados e procedimentos metodológicos, tendo em vista que

[...] a constância do uso de revistas como fontes históricas vem revelando que frases e imagens de periódicos pinçadas aqui e acolá, descosturadas do mergulho em seu tempo – vale dizer, do imaginário construído a seu tempo – não iluminam suficientemente o passado. A pertinência desse gênero de impresso como testemunho do período só é válida se levamos em consideração as condições de sua produção, de sua negociação, de seu mecenato propiciador, das revoluções técnicas a que se assistir e, em geral, da natureza dos capitais nele envolvidos (MARTINS, 2003, p. 60-61).

Esse procedimento evita que a imprensa do passado se torne portadora de uma visão absoluta dos fatos, com as “verdades” que construiu acerca da dinâmica social do tempo vivenciado. Os conteúdos por ela expressados são respeitantes aos objetivos apostos na própria existência das folhas, periódicos e jornais, sabidamente nascidos tanto para instruir como também para formar determinada parcela da população nas questões que interessavam aos grupos políticos e sociais existentes. Por esse motivo, a imprensa passou a ser um instrumento difusor de visões de

mundo que se desejava consolidar, em meio ao processo de construção da nação brasileira, e de um modelo de sociedade erigido pelas elites do período.

É o caso da Revista *Fon-Fon!*, periódico de longa existência, surgido no cenário editorial carioca em abril de 1907. Em agosto de 1958, após meio século de participação na vida dos leitores, teve sua circulação descontinuada sem que se dispusesse a dar explicações para seu público sobre os motivos que a levaram ao seu desaparecimento do mercado editorial carioca.

O período de seu nascimento, no início do século XX, marcado por significativas mudanças no cenário político brasileiro, com a chegada do regime republicano, fez a *Fon-Fon!* apresentar suas credenciais ao público, prometendo acompanhar as mudanças pelas quais o país passava ao mesmo tempo em que anunciava a modernidade que condicionaria o empreendimento editorial.

Fon-Fon! possuía um sumário variado que informava sobre os principais acontecimentos da capital federal, tratando os assuntos políticos com criticidade e humor e exibindo as figuras sociais de maior representatividade do período – políticos, damas da sociedade e outras personalidades. A revista possuía, ainda, espaço privilegiado para a disseminação de um conteúdo direcionado ao seu público-alvo: as mulheres letradas, pertencentes à elite carioca. A essas mulheres, eram endereçados receitas, dicas e truques sobre como bem cuidar da casa e da família e, de maneira especial, elas eram ensinadas sobre o comportamento adequado, o cuidado com os filhos e com o marido.

Nos primeiros anos de sua existência, *Fon-Fon!* valia-se da ilustração como recurso principal para sua comunicação. A revista, repleta de caricaturas, fotografias e imagens diversas, educava o olhar do leitor, ora por meio do deboche e da sátira, ora pelo deslumbre de uma fotografia em cores, que registrava os flagrantes das damas da sociedade em seus passeios pelas avenidas cariocas.

No decorrer de suas publicações, *Fon-Fon!* passou por mudanças em sua linha editorial e, por conseguinte, o conteúdo publicado também foi alterado. De revista mundana de assuntos variados, dando à política destaque especial, viu seu programa ser redefinido ao longo dos anos, passando a dar maior ênfase aos temas relacionados ao universo feminino. O *slogan* da revista refletiu sua mudança: de semanário ilustrado e crítico, *Fon-Fon!* se tornou revista para o lar, indicando os rumos para o futuro do magazine.

Tendo-se em vista o exposto, para que seja possível o trabalho de análise da revista *Fon-Fon!* na condição de fonte histórica, faz-se necessário conhecer um pouco da trajetória de alguns periódicos que a precederam no intuito de caracterizar a imprensa brasileira de modo geral para, então, melhor qualificar a atuação de *Fon-Fon!*. Para tanto, esta seção apresenta brevemente a trajetória da imprensa no Brasil desde os primórdios de sua instauração no território brasileiro até as décadas iniciais do período republicano, com o objetivo de expor a dinâmica social da época, expressa nos discursos veiculados.

2. A IMPRENSA BRASILEIRA: HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS GERAIS

2.1.1 OS PRIMEIROS JORNAIS BRASILEIROS

Criada pelo alemão Johannes Gutenberg (1398-1468), no século XV, a imprensa chegou ao Brasil apenas no século XIX. Em solo brasileiro, as atividades ligadas à impressão foram autorizadas em 1808 com a vinda da família real portuguesa. Nesse período, as ordens e decretos reais eram divulgados por intermédio de emissários do rei, que realizavam a leitura das notícias em voz alta à população concentrada nas praças públicas, para serem, em seguida, “[...] afixadas na porta da residência da mais alta autoridade local” (MARTINS, LUCA, 2006, p. 17). As autoras atribuem as seguintes razões para o atraso:

A mais flagrante está no caráter severo e censurador da administração portuguesa, a quem não convinha levar o esclarecimento da palavra impressa à população de territórios que se prestavam apenas à exploração comercial. Outro entrave vinha da forte presença da Igreja Católica, parceira do Estado no projeto colonial, não lhe interessando divulgar outro meio de comunicação do conhecimento que não aquele da catequese, controlador das mentes (MARTINS, LUCA, 2006, p. 16).

Além disso, a dificuldade do funcionamento das atividades ligadas à impressão no Brasil deveu-se, por extensão, à inviabilidade dessa atividade em um território de elevado percentual de analfabetos e escravos. A isso se somam fatores como “[...] a ausência da urbanização, a precariedade da burocracia estatal, a incipiência das atividades comerciais e industriais” (MARTINS, LUCA, 2006, p. 17), inviabilizando as condições materiais para tal intento. Uma das preocupações da

corte portuguesa, ao negar a instalação da imprensa, consistia na possibilidade da entrada das ideias liberais no Brasil, as quais poderiam ameaçar a Coroa portuguesa.

De acordo com Martino e Sapaterra (2006, p. 237), “Em 18 de maio de 1768, estabeleceu-se um regimento no qual constavam todas as atribuições e normas de funcionamento da Mesa” – Real Mesa Censória – criada por Marquês de Pombal, a fim de “[...] secularizar a censura, para atender às necessidades do Estado” (MARTINO; SAPATERRA, 2006, p. 236). O exame dos impressos que circulavam no reino intencionava autorizar a difusão apenas daqueles que não viriam a constituir uma ameaça à política pombalina. A decisão de censurar livros e quaisquer outros tipos de publicação incluía 15 pontos exemplarmente definidos e extensivos às colônias ultramarinas:

- 1) os livros de autores ateus,
 - 2) os de autores protestantes que combatessem o poder espiritual do Papa e dos bispos ou atacassem os artigos da Fé Católica,
 - 3) os que negassem a obediência ao Papa,
 - 4) os livros de feitiçaria, quiromancia, magia e astrologia,
 - 5) os que, apoiados num falso fervor religioso, levassem à superstição ou fanatismo, 6) os livros obscenos,
 - 7) os infamatórios,
 - 8) os que contivessem "sugestões de que se siga perturbação do estado político e civil e desprezando os justos e prudentes dictames dos direitos divinos, natural e das gentes, ou permitem ao Soberano tudo contra o bem comum do vassalo, ou vão na outra extremidade fomentar a abominável seita dos sacrilégios monarcomacos...que tudo concedem ao Povo contra as sagradas e invioláveis pessoas dos Príncipes,
 - 9) os que utilizam os textos das Sagradas Escrituras em sentido diferente do usado pela Igreja,
 - 10) dos autores que misturassem artigos de fé com os de mera disciplina,
 - 11) os que impugnassem os Direitos, Leis, Costumes, Privilégios etc da Coroa e dos Vassalos,
 - 12) as obras "dos perversos filósofos destes últimos tempos...",
 - 13) os livros publicados na Holanda e na Suíça atribuídos a advogados do Parlamento da França e que tratavam da separação entre o "Sacerdócio e o Império,"
 - 14) todas as obras de autores jesuítas baseadas na "autoridade extrínseca da razão particular,"
 - 15) os livros "compostos para o Ensino das Escolas Menores que forem contrários ao sistema estabelecido por lei anterior,"
- (MARTINO; SAPATERRA, 2006, p. 237);

De acordo com Carlos Rizzini (1988, p. 331), “Até a suspensão da censura-prévia, não era naturalmente possível desenvolver-se periodismo no Brasil. As

poucas publicações contínuas tiradas no Rio e na Baía haviam de ser oficiosas ou inofensivas”. A permissão oficial da imprensa régia pelo príncipe regente D. João (1767-1826), em 13 de maio de 1808, permitiu o surgimento de jornais por uma razão prática: a Coroa necessitava de um órgão de imprensa para publicar e fazer conhecidos assuntos de seu interesse e do reino.

Nascia, então, a *Gazeta do Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro, 1808), com quatro a oito páginas e circulação aos sábados e quartas-feiras, tendo como editor frei Tibúrcio José da Rocha (1776-1840). Carlos Rizzini (1988) pontua que, embora a *Gazeta* possuísse os requisitos necessários para classificá-la como um jornal, o periódico não exercia a função social já assumida pela imprensa no mundo. “Abreviava-se em enfações róis de actos oficiais, convenientes apanhados de folhas europeias e intermináveis ditirambos à família reinante” (RIZZINI, 1988, p. 332).

Criado com o objetivo de difundir os atos oficiais do governo, “[...] o periódico também atuava como difusor do cotidiano da época, percebendo as mudanças ocorridas com a emigração portuguesa para o Rio de Janeiro, nos planos econômico, social, político e cultural” (MELLO, 2009, p. 80).

Maria Beatriz Nizza da Silva (2007) reconhece, na *Gazeta do Rio de Janeiro*, um conteúdo que excedia a mera informação das atividades reais e de governo por imprimir o cotidiano colonial, registrando desde

[...] as formas de morar, comer e vestir [...] à atividade de corretagem e seguros, à multiplicidade de leilões de mercadorias, à sempre presente venda de embarcações e, sobretudo, à questão de falências e concordatas, além de se aventurar na política ao se debruçar sobre o movimento constitucional e ao processo de separação do Reino Unido (SILVA, 2007, p. 22-23).

No mesmo período, Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça (1774-1823), considerado o primeiro jornalista brasileiro, inaugurava o *Correio Braziliense*, ou *Armazém Literário* (1808-1823), em Londres, cidade onde se exilou após fugir de Lisboa por razões de perseguição política. O jornal difundia ideias liberais, as quais se consignavam ao ampliado desenvolvimento material do reino inglês e sugeria a adoção de medidas que oportunizassem ao Brasil tornar-se progressista.

O Correio associa à natureza de jornal brasileiro o caráter de um veículo de referência internacional. Igualmente nisso é pioneiro. Sua

artilharia dispara contra a violência da polícia política, os atos discricionários da administração colonial e a conspiração dos poderosos para reduzir ao silêncio as idéias liberais e democráticas (BAHIA, 1990, p. 24).

Hipólito da Costa, em janeiro de 1811, questionava duramente as decisões políticas, tomadas pela Coroa portuguesa, centradas na manutenção de práticas comerciais e privilégios à aristocracia, uma classe já incapaz de promover um quadro econômico satisfatório às finanças do reino.

Os Ministros Portugueses, quando por falta de talento, pela obstinação de não consultar os homens instruídos, sacrificam os interesses de sua pátria; desculpam-se sempre com o capcioso subterfúgio de dizer que a nação é pequena, que não tem forças, que não pode resistir às grandes potências (CORREIO BRAZILIENSE, 1811, p. 43).

O jornal de Hipólito e ele próprio participaram ativamente da constituição de uma consciência propensa a entender o governo português, suas medidas e ações, bem como seus prepostos, como impedimentos a uma boa e profícua atividade comercial e a práticas políticas inibidoras dos privilégios da aristocracia e demais interesses lusitanos.

Todo o seu esforço se concentrou, portanto, em realizar na colônia-pátria o movimento peculiar ao período das luzes, ou seja, nela disseminar a importância de se adotarem as leis progressistas mostrando-lhes os seus benéficos resultados. Dessa feita, as ideias que defendeu nas páginas do *Correio* situavam-se no interior do debate entre as forças novas e velhas, na condição de aportes teóricos que propendiam a determinar os passos que os coloniais deveriam dar em nome do desenvolvimento material (PERIOTTO, 2013, p. 251).

O *Correio* circulou por um curto período após a independência do Brasil, encerrando a sua participação no processo de separação política em janeiro de 1823. Hipólito da Costa havia sido nomeado por D. Pedro (1798-1834) para o cargo de cônsul geral na Inglaterra, entretanto não chegou a ocupar o posto por adoecimento, vindo a falecer em 11 de setembro de 1823.

Além do *Correio*, o jornal *O Patriota* (Rio de Janeiro, 1813-1814) publicava artigos literários, científicos, políticos e mercantis na cidade do Rio de Janeiro e expressava os objetivos de difundir e informar os avanços científicos europeus, de tal forma que “O periódico se insere no universo da imprensa das Luzes, no qual a utilidade deveria ser a base das ciências” (KURY, 2011, p. 115).

O Patriota buscava difundir maneiras não só de fazer ciência, mas de conceber a ciência. Suas páginas foram veículo importante para introduzir temas, mostrar formas de solucionar problemas, homogeneizar o vocabulário dos grandes homens esclarecidos e vincular o prestígio e Luzes (KURY, 2011, p. 123).

O jornal *O Patriota* tinha como editor o baiano Manuel Ferreira de Araújo Guimarães (1777-1838) que, no mesmo período, era o responsável pela *Gazeta do Rio de Janeiro*. Considerado por Rizzini (1988, p. 337) “[...] um dos mais perseverantes lidadores da nossa incipiente literatura jornalística”, Ferreira de Araújo contou com a colaboração de diversos distintos literatos de seu tempo. A circulação do jornal compreendeu o período de 1813 a 1814, totalizando um número de 18 edições publicadas.

O jornal baiano *Idade D’Ouro do Brasil* (Bahia, 1811), fundado por Manuel Antonio da Silva Serva (1760-1819), cujo prospecto saiu em 14 de maio de 1811, também trazia o objetivo de propagar as luzes. A iniciativa de abrir uma tipografia na cidade de Salvador foi acompanhada de perto pelo conde dos Arcos, cujo despacho de 5 de maio de 1811 vaticinava ao jornal, entre outras orientações, que se abstinhasse de produzir reflexões sobre a política e se contivesse em apenas relatar “de maneira singela” os fatos, conforme anota Silva (1978, p. 17).

De acordo com Juarez Bahia (1990), a imprensa no período constituía “[...] o elemento que faltava na composição de forças, de anseios e de aspirações voltadas para a independência, para um ato de afirmação de autonomia” (BAHIA, 1990, p. 35).

Assim, dada a importância desses jornais para estudos da história do Brasil, pode-se considerar que, por constituírem-se como “[...] grandes observatórios sociais conjugando discursos políticos com informações cotidianas” (MELLO, 2009, p. 86), a apreciação dos periódicos aqui elencados abre caminhos para o entendimento de como a sociedade brasileira organizava-se naquele tempo histórico, marcado por crescente efervescência social.

Ademais, por eles já se é possível detectar o caráter formativo, no sentido de propagação de ideias, que nortearia a imprensa brasileira desde sempre. Os modelos de comportamento, formas de pensar e agir seriam, então, marcas corriqueiras na imprensa, considerando-se que não havia outro meio mais fecundo

para levar aos indivíduos e ou à população os propósitos desenhados no projeto de nação em curso desde o século XIX.

2.1.2 A IMPRENSA NO IMPÉRIO BRASILEIRO

Por se caracterizar como um instrumento de difusão das ideias correntes de sua época e, portanto, como uma importante fonte para o entendimento da dinâmica histórica à qual pertence, o papel da imprensa no império (1822-1889) destinou-se a narrar e evidenciar a emergência da consolidação do Estado nacional brasileiro, além de contribuir para esse processo.

Numa época em que a política transcorria no interior de uma emergente esfera pública, buscando a conquista de uma incipiente, porém ativa, opinião pública, a imprensa tornou-se então o principal espaço desse confronto, veiculando concepções e propostas as mais diversas acerca da nação que se pretendia construir (BASILE, 2003, p. 63).

Situada em uma sociedade rural e agrícola, a imprensa imperial tornou-se instrumento mediador na relação entre o Estado e a sociedade por meio de agentes locais e regionais, buscando a “[...] construção de uma nova cultura política e do Estado” (SILVA, 2006, p. 39).

Diante do avanço das ideias liberais que marcavam o início do império no Brasil, o caráter político da imprensa no período tornou-se elemento decisivo para a criação de uma literatura pátria, na busca da formação de uma identidade nacional.

[...] da Colônia amordaçada ao ensaio de Nação, a palavra escrita, veiculada por impressos diversos, tornou-se instrumento poderoso no território até então marcado pela proibição dos prelos e controle da censura [...] Logo, a formulação de um modelo de Estado e de fazer imprensa nasceram e caminharam coevos, exercitando-se simultaneamente, alimentando-se reciprocamente (MARTINS, 2009, p. 30).

Assim, era por meio da imprensa periódica que o público leitor estabelecia o contato com as notícias e, em consequência, dava-se a formação da opinião pública que se delineava de acordo com os ideais propagados em suas páginas. É nesse momento que as publicações em formato de revista ganharam evidência, em virtude de “Seu caráter de leitura ligeira e amena, acrescido do recurso de ilustração

adequava-se ao consumo de uma população sem tradição de leitura, permitindo a assimilação imediata da mensagem” (MARTINS, LUCA, 2006, p. 25-26).

Segundo as autoras, as revistas ilustradas de caricaturas se sobressaíam entre os demais gêneros pela maneira bem-humorada que representavam naquele tempo cultural, em uma sociedade de “[...] fracas letras, população escrava, forte censura e iniciante mercado consumidor” (MARTINS, LUCA, 2006, p. 26).

O periódico *A Aurora Fluminense* (Rio de Janeiro, 1827), fundado pelo médico francês, José Francisco Xavier Sigaud (1796-1856), pelo jornalista brasileiro, José Apolinário Pereira de Moraes (1808-1833), e pelo professor Francisco Crispiniano Valdetaro no ano de 1827, é considerado o jornal de maior tiragem no Rio de Janeiro na época. Naquele momento, “[...] o periódico apresentava novidades quanto à forma e o conteúdo, a saber, a sobriedade doutrinária e o liberalismo clássico, respectivamente” (VIEIRA, 2014, p. 12). Com Evaristo da Veiga (1799-1837) como redator principal, o periódico estabeleceu uma linha editorial liberal, marcado pela influência dos princípios sustentados por Benjamin Constant (1836-1891).

O jornal *O Carapuceiro* (Recife, 1832), publicado em Recife nos anos de 1832 a 1845, por Miguel do Sacramento Lopes Gama (1791-1852), o padre Carapuceiro, tecia rigorosas críticas aos costumes da sociedade brasileira na primeira metade do século XIX. Além disso, denunciava a burla das leis por parte dos detentores do poder e a incapacidade política de enfrentamento das questões que melhorariam as condições materiais e sociais brasileiras.

O fato era que o Brasil, no período compreendido entre o primeiro império ao segundo império, enfrentava uma série quase ininterrupta de rebeliões e conflitos sociais, levada a cabo nas diversas províncias. O Maranhão conheceu a Balaiada (1838-1841), movimento liderado por indivíduos de origem pobre, prisioneiros e escravos fugitivos contrários ao poder político e econômico dos fazendeiros, que os submetiam aos seus interesses. O conflito foi debatido no *Jornal de Timon* (São Luis, 1832), publicado por João Francisco Lisboa (1812-1863), liberal exaltado e também opositor do latifúndio e de políticos que se apoderavam do poder em benefício próprio.

A então província de Pernambuco conheceu a sua revolução, conduzida pelo frei Joaquim do Amor Divino Rabelo (1779-1825), popularmente conhecido como frei Caneca, opositora do governo imperial e da manutenção dos privilégios do comércio

aos portugueses, situação que mantinha o grosso da população livre sem oportunidade de conduzir seus próprios negócios. O jornal *Tiphys Pernambucano* (Pernambuco, 1823), publicado por Caneca, empenhou-se contra o poder imperial e aos portugueses num momento em que havia “[...] um processo de reorganização do fluxo interno de apropriação do excedente econômico” (GULLA, PERIOTTO, 2010, p. 48), além de afirmação dos interesses de grupos locais em disputa pelo poder.

O jornal nasce em meio ao contexto da Confederação do Equador¹, resultante do processo revolucionário encabeçado por frei Caneca, que foi reprimida pelas forças imperiais com a prisão de seu líder. Findava, naquele episódio, um jornal vigoroso no debate, fortalecido nas ideias liberais, defensor da liberdade de imprensa e formador de opinião política num momento em que Pedro I retornava ao absolutismo característico da época colonial.

O processo deflagrado pela chegada da família real e a corte portuguesa alterou significativamente a estrutura da sociedade brasileira, influenciando de maneira direta na vida da mulher. A nova configuração da sociedade passou a exigir das mulheres maior participação social, estabelecendo maior nível de ilustração da parte delas.

Na ausência de uma imprensa decididamente feminina, as mulheres foram retratadas por diversos jornalistas. Um exemplo é o jornal *O Mentor das Brasileiras* (São João del Rei, 1829), editado na antiga vila de São João del Rei, em Minas Gerais, que se destaca como um periódico voltado exclusivamente às mulheres, embora suas publicações tenham sido produzidas apenas por homens. O jornal, aliado ao pensamento liberal, iniciou suas publicações no ano de 1829, anunciando ser um periódico de política, literatura, belas-artes, teatro e modas, dedicados às senhoras brasileiras.

Pode-se considerar que a imprensa imperial, nos exemplos aqui citados, constituiu-se na expressão do movimento político em curso em um tempo em transformação nas grandes nações, que trazia novas demandas as quais o Brasil da época desconhecia na prática, mas que passava a fazer parte das preocupações de muitos indivíduos empenhados na construção da nação brasileira, desenhada para

¹A Confederação do Equador ocorreu em 1824 na região do Nordeste brasileiro e constitui um movimento político e revolucionário de caráter emancipacionista e republicano. Proclamada por Manuel de Carvalho, teve como objetivo “[...] reunir sob forma federativa e republicana, além de Pernambuco, as províncias da Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e, possivelmente, o Piauí e o Pará. O levante teve conteúdo acentuadamente urbano e popular, diferenciando-se da ampla frente regional” (FAUSTO, 1995 p. 153).

manter a elite agrária no comando político-social do país. Assim, cumpriu a função de narrar a história de seu tempo, registrando os principais acontecimentos políticos do Império Brasileiro. Em síntese, na imprensa do império, “[...] cumprira-se a fase heróica do jornalismo brasileiro, arrebatado pelos ideais de gerações que fizeram da imprensa o instrumento eficaz de crítica ao regime” (MARTINS, LUCA, 2006, p. 34).

2.1.3 A IMPRENSA NO BRASIL REPUBLICANO

A Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, não se constituiu como um marco decisivo para a transformação da imprensa no cenário nacional. Os jornais publicados no período, em sua maioria, defendiam a manutenção da ordem monárquica em detrimento do regime republicano.

Dentre os temas abordados nesses periódicos, alguns aparecem com maior evidência, como é o caso do significativo fluxo migratório, a questão do nacionalismo e a formação da identidade nacional, bem como as discussões sobre a abolição da escravatura.

Em texto publicado no sítio eletrônico do Observatório da Imprensa sobre a história dos impressos, na ocasião dos 200 anos do estabelecimento da imprensa no Brasil, Dirceu Fernandes Lopes (2008) atribui como aspectos principais na imprensa da época a censura e a resistência. Diz o autor que

A evolução da imprensa, no fim do século 19 e início do século 20, depois da proclamação da República, aconteceu junto com o progresso do mundo ocidental. Os jornais se multiplicaram, aumentando as tiragens. As causas estão ligadas à generalização da instrução, democratização da vida política, urbanização crescente, desenvolvimento dos transportes e redução do preço de venda, devido ao barateamento da produção dos jornais e também à elevação do nível médio das massas (LOPES, 2008, s/p).

A *Revista Ilustrada* (Rio de Janeiro, 1876), de Angelo Agostini (1843-1910), é um exemplo de periódico afinado com o discurso dos novos tempos. Agostini é considerado o “[...] maior caricaturista em atuação no Brasil no século XIX”, “[...] participou da fundação e feitura de revistas populares, fortemente opinativas, bem-humoradas e politicamente engajadas” (A REVISTA NO BRASIL, 2000, p. 78).

As publicações da *Revista Ilustrada*, que circulou entre os anos de 1876 e 1898, evidenciavam que Agostini era um grande abolicionista, além de ferrenho

defensor do regime republicano. Na edição 498, de maio de 1888, Agostini comemorava a assinatura da Lei Áurea, conforme abaixo.

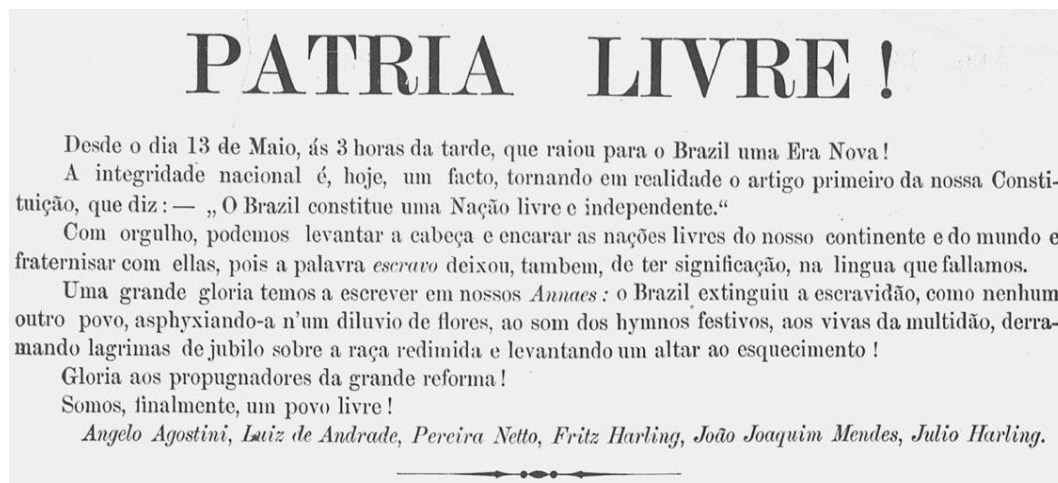


Figura 1: Texto “Patria Livre”.

Fonte: Biblioteca Nacional, Revista Ilustrada (1888, n. 498).

Em maio do ano de 1900, fundada por Álvaro de Tefé, foi lançada a *Revista da Semana* que circulou no Brasil até o ano de 1959. Em sua primeira edição, a revista revelava a que veio: “Feita para o povo - desde as infimas às mais altas camadas sociais - a Revista da Semana empenhar-se-ha somente em fornecer a todos ilustrações e artigos interessantes” (REVISTA DA SEMANA, 1900, n. 1, p. 2). O periódico enfatizava que “Não cogita de política, sob qualquer forma que se possa entender essa designação. Não tem empenho algum em ver triumphar tal ou qual escola litteraria” (REVISTA DA SEMANA, 1900, n. 1, p. 2).

No mesmo período, a revista *O Malho* (Rio de Janeiro, 1902-1954) chegava ao mercado editorial carioca sob a direção de Crispim do Amaral (1858-1911), sem programa definido, prometendo, assim, “[...] atacar e destruir o praxe” (O MALHO, 1902, n. 1, p. 4). Trata-se do “[...] primeiro órgão de grande tiragem a utilizar a tricromia, ou seja, a impressão em três cores” (A REVISTA NO BRASIL, 2000, p. 129).

O semanário ilustrado tratava de assuntos relacionados à política e tinha na caricatura um importante elemento de crítica e sátira, como é o caso da ilustração abaixo, publicada em 1902, em que Crispim do Amaral denuncia a precária situação em que se encontrava a rua Frei Caneca, na cidade do Rio de Janeiro:



Figura 2:Charge “Tirar dolór castigo o mór consolo”.

Fonte: Biblioteca Nacional, O Malho (1902, n. 8).

Kósmos (Rio de Janeiro, 1904-1909), lançada em janeiro de 1904, sob a direção de Mario Behring e edição de seu proprietário, Jorge Schimidt, trazia a alcunha de revista artística, científica e literária. Em seu primeiro número, garantiu que a apresentação de um programa era desnecessária, confiando que o título da revista, por si mesma, expressaria o seu caráter e a sua índole (KOSMOS, 1904, n. 1, p. 6).

Franqueamos suas paginas a todas as manifestações intellectuaes, esperando assim, modestamente, cooperar para o desenvolvimento e progresso de nossa terra; e nem poderá ser taxada de immodesta essa esperança, dadas as preclaras intelligencias que nos prometteram collaboração (KOSMOS, 1904, n. 1, p. 6).

Contudo o periódico alertava: "Não nos responsabilizamos pelas opiniões emittidas pelos nossos collaboradores" (KOSMOS, 1904, n. 1, p. 6). Um deles, talvez o de maior expressividade intelectual, Olavo Bilac (1865-1918), em crônica publicada pela revista em janeiro de 1904, salientou que a intenção do periódico era a de acompanhar a fase de modernização da cidade do Rio de Janeiro:

A hygiene, a beleza, a arte, o "conforto", já encontraram quem lhes abrisse as portas d'esta terra, de onde andavam banidas por um decreto da Indiferença e da Ignorancia colligadas. O Rio de Janeiro, principalmente, vae passar, e já está passando, por uma transformação radical. A velha cidade, feia e suja, tem os seus dias contados. Esta revista acompanhará, - se o publico quizer auxilia-la - essa lenta e maravilhosa metamorphose da lagarta em borboleta (KOSMOS, 1904, n. 1, p. 7).

Conforme observado por Nogueira (2012, p. 93), em seu estudo sobre o processo de modernização do Rio de Janeiro a partir das crônicas de Olavo Bilac e Lima Barreto, publicadas, respectivamente, nas revistas *Kosmos* e *Careta*, a primeira “[...] coadunou não apenas requinte e sofisticação visual ao excelente nível de colaboradores como contribuiu para forjar uma nova dinâmica cultural e intelectual no ambiente cosmopolita carioca”.

Martins (2008, p. 22), com base no estudo de Dimas (1983)², corrobora esse pensamento ao afirmar que “[...] a publicação esteve a serviço, e talvez até tenha surgido como porta-voz, do programa de modernização de Rodrigues Alves”, que pretendia a remodelação da capital federal.

Após a interrupção das publicações de *Kosmos*, Jorge Schmidt fundou a *Revista Careta* (Rio de Janeiro, 1808-1960), que teve seu primeiro exemplar publicado em 6 de junho de 1908, trazendo, na capa, a caricatura do então presidente Afonso Pena, feita por J. Carlos. O semanário contou com a colaboração dos mais importantes chargistas do período, como Raul Pederneiras, K. Lixto e J. Carlos.

De acordo com Nogueira (2010, p. 68-69), o semanário “[...] surgiu não apenas como consequência dos novos artefatos técnicos de impressão e de ilustração [...] mas principalmente para ocupar certo vazio que a revista *Kosmos* provocaria na editora de Schmidt”, ao fim de sua circulação, em abril de 1909.

Contemporânea a esses periódicos, *A Ilustração Brasileira* surgiu, inicialmente, em Paris, no ano de 1901, desaparecendo no ano seguinte (*A REVISTA NO BRASIL*, 2000, p. 116). Em sua primeira edição, prometia:

Afastando paixões de toda a especie, polemicas estereis e irritantes, só procuraremos acompanhar, com chronistas cuidados e conscienciosos, o desenvolvimento da nossa patria [...] de uma maneira clara e interessante, o importantissimo periodo de

² DIMAS, Antonio. *Tempos Eufóricos*. Análise da Revista *Kosmos*: 1904-1909. São Paulo: Ática, 1983.

transformação que o Brasil agora atravessa (A ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA, 1901, n. 1, p. 2).

Reinaugurado em 1909 na cidade do Rio de Janeiro, o magazine privilegiava as fotografias em detrimento aos desenhos e justificava a ausência de um programa definido em virtude de que "A palavra diz de mais ou de menos. A ilustração tem apenas o que deve ter: nem menos, nem mais." (A ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA, 1909, n.1, p. 2). O periódico findou suas publicações no ano de 1912.

Especificamente voltado para o público feminino, o *Jornal das Moças* foi um periódico de extensa duração, lançado em 1914, na cidade do Rio de Janeiro, circulando até dezembro de 1968. O periódico contava com sumário diversificado, que tratava de assuntos ligados ao cotidiano da mulher, tais como: comportamento, dicas de beleza, culinária e moda. A revista foi dirigida por seus fundadores, o diretor e redator, Álvaro Menezes, e seu irmão, o diretor responsável, Agostinho Menezes (SOARES; SILVA, 2013, p. 2).

No ano de 1915 nascia *A Revista do Brasil* em meio ao contexto da Primeira Guerra Mundial, fundada por Júlio Mesquita – também fundador do jornal O Estado de São Paulo –, com colaboração de Plínio Barreto e José Pinheiro Machado Junior, na capital paulistana. O periódico contou com a colaboração de diversos escritores, dentre eles, Olavo Bilac, Mário de Andrade, Monteiro Lobato, Manuel Bandeira, Graciliano Ramos e outros.

Seu lançamento balizou um ponto de inflexão do gênero revista no Brasil. Ao contrário do amadorismo que presidira as experiências anteriores, nascidas do entusiasmo e idealismo da boêmia das confeitarias da inicial República das Letras, o lançamento da *Revista do Brasil* foi cuidadosamente planejado, com linha editorial e diretrizes bem pensadas. Afinal, o empreendimento tinha em vista *um diagnóstico para a nação*. (MARTINS, 2008, p. 67).

Em 1922, na cidade de São Paulo, surgia a revista Klaxon, mensário de arte moderna, periódico de filiação modernista, que anunciava: "E KLAXON não se queixará jamais de ser incompreendido pelo Brasil. O Brasil é que deverá se esforçar para compreender KLAXON" (KLAXON, 1922, n. 1, p. 3). O periódico contou com a colaboração de diversos artistas que participaram da Semana da Arte Moderna, dentre eles, destacavam-se Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Menotti del Pichhia, Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Sérgio Buarque de Holanda, Tarsila do Amaral e Graça Aranha.

A revista teve curta duração, com apenas nove números publicados entre os meses de maio de 1922 e janeiro de 1923. “Sua capa, ao longo das nove edições, foi a mesma: um grande A, disposto de maneira a fazer parte de todas as palavras” (A REVISTA NO BRASIL, 2000, p. 131).

Anos mais tarde, nascia O Cruzeiro - Revista Semanal Ilustrada, com direção de Carlos Malheiro Dias e do diretor presidente, José Mariano Filho, que circulou na cidade do Rio de Janeiro durante o período de 1928 a 1975. Em seu primeiro exemplar, cuja tiragem alcançou o número de 50 mil exemplares, conforme informação dada pela própria revista, anunciava ser “[...] o esboço de um mundo novo no Novo Mundo” e também a “[...] mais moderna das revistas” (O CRUZEIRO, 1928, n. 1, p. 3). Além disso, decretava: “Esta revista será mais perfeita, mais completa, mais moderna amanhã do que é hoje” (O CRUZEIRO, 1928, n. 1, p. 3).

Com base nesse levantamento de algumas das principais revistas e jornais que circularam durante o início do período republicano, foi possível notar que,

Como vozes oficiais dessa metrópole que brotava como reflexo dos novos tempos deflagrados pela República e pela Abolição, grande parte das revistas ilustradas que circulavam pela urbe carioca trabalhava incansavelmente na divulgação desse ideário da cidade transformada (NOGUEIRA, 2012, p. 92).

Conforme observado por Clara Miguel Asperti Nogueira (2012), de modo geral, a imprensa da república trabalhou em prol de um único objetivo, qual seja, a difusão de um padrão de modernidade, tanto no que se refere aos aspectos da estrutura física da cidade, quanto no processo de modernização das sociabilidades, delineando os contornos de uma sociedade adequada ao novo ideário que se propagava na época.

A revista *Fon-Fon!* não destoava de seus pares e entregava ao público um conteúdo marcado por diretrizes de modos de ser e de se comportar conforme a moda e o estilo europeu de civilidade e bom gosto. Nesse sentido, a *Fon-Fon!*, na representação que dela fazia seus colaboradores, atuava como formadora de opinião, disseminando valores e ideias que viriam a consolidar um modelo de sociedade alinhada aos parâmetros de uma civilidade burguesa.

Desse modo, mostra-se oportuno refletir a respeito do alcance da influência dos conteúdos produzidos e divulgados pela imprensa periódica brasileira, sob a

interlocução de seus intelectuais, na formação da opinião do público leitor, tema que será tratado a seguir.

2.2 CARICATURAS, INTELECTUAIS E FORMAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA

O período inicial da república, nas décadas de 1890 a 1900, foi marcado pelo surgimento de novas demandas no mercado editorial do país, abrindo espaço para revistas esportivas, corporativas, infantis e cinematográficas, as quais “[...] permitiram vislumbrar conteúdos abraçados por aquele periodismo, explicitamente afinados com o projeto republicado e, na seqüência, com a demanda conjuntural do novo Estado e do País” (MARTINS, 2003, p. 64).

No mesmo período o jornalismo tornou-se uma grande empresa, na tentativa de “suprir a lacuna” do mercado e atendendo “[...] a expectativas e interesses de grupos, segmentando públicos, conformando-os aos modelos em voga; e, na maioria das vezes, a serviço da reprodução do sistema” (MARTINS, 2003, p. 61). Além disso, desde então a imprensa veiculava “[...] imagens conciliadoras de diferenças, atenuando contradições, destilando padrões de comportamentos” (MARTINS, 2003, p. 61).

Ao analisar a imprensa inicial do período republicano, Martins e Luca (2006, p. 44) anotam que “[...] as máquinas eram modernas, mas os textos e as mensagens refletiam o acanhado quadro mental do país, de tradição escravocrata, clientelismo, partidos políticos tendenciosos”. Assim, como empresa, a imprensa do período adotou, de maneira sistemática, a propaganda e publicidade para atrair o público consumidor e, ainda, fazendo uso do poder e da visibilidade dos jornalistas, enquanto formadores de opinião, a imprensa detinha o poder de “[...] tendenciosamente selecionar políticos, fazer governos, decidir eleições” (MARTINS, LUCA, 2006, p. 40).

No compasso da virada do século, regido pelo capitalismo dos países de economia hegemônica – então Inglaterra e França – e internacionalmente aberto às conquistas da ciência e da técnica, também o Brasil, inaugurando a nova ordem republicana, de inspiração positivista, buscava seu lugar na modernidade do mundo. A imprensa foi o espaço no qual esse embate aconteceu com mais visibilidade. Em ritmo acelerado, das gráficas artesanais do Império

passava-se à imprensa com foros de indústria, da República (MARTINS, LUCA, 2006, p. 37).

Em concordância, Velloso (2006, p. 313) anota que, “Com o surgimento das primeiras revistas de grande tiragem, modifica-se sensivelmente o processo de transmissão da informação, que leva, por conseguinte, à formação de uma opinião pública”.

Nesse contexto histórico, a formação do público leitor da imprensa brasileira foi, em grande medida, afetada, de maneira direta, pelos altos índices de analfabetismo e pela incidência da ordem escravocrata, tendo como consequências a indefinição de segmentos de consumo das revistas durante um longo período, até a elaboração de subtítulos especializados para os periódicos, dentre os quais se destacam a “Revista de Variedades, Revistas Ilustradas e Revistas Literárias” (MARTINS, 2003, p. 63).

O novo processo de transmissão de informações, propiciado pela imprensa, esteve diretamente relacionado à formação da opinião pública no período, na qual a atuação dos intelectuais assumiu papel de destaque, uma vez que a imprensa consistia em um lugar estratégico de veiculação de suas ideias, bem como de seus projetos político-culturais (VELLOSO, 2006, p. 313). Contudo, antes de se refletir a dimensão da influência dos intelectuais na formação da opinião pública brasileira, importa esclarecer quem vem a ser esse ator social.

Antonio Gramsci, no texto “Os intelectuais e a Organização da Cultura”, publicado pela Editora Civilização Brasileira em 1982, afirma que todos os homens são intelectuais, ainda que nem todos desempenhem funções intelectuais na sociedade (GRAMSCI, 1982, p. 7). De acordo com o autor:

Não existe atividade humana da qual se possa excluir toda a intervenção intelectual, não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens*. Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, [...] participa de uma concepção de mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção de mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar (GRAMSCI, 1982, p. 7-8).

De modo contrário, Michel Déguay (2006) atribui ao intelectual a qualidade daquele que nada sabe fazer, diferente de um cirurgião, de um piloto ou de um técnico em informática, cujo saber é especializado. Assim, o intelectual, operando

algum tipo de máquina, é inútil e, portanto, não existe. Entretanto, o intelectual é aquele que existe na intelectualidade das técnicas, que opera na instância do julgamento. “Enquanto categoria social mais afastada do processo produtivo, os intelectuais gozam de certa autonomia em relação às classes; autonomia que se manifesta por certa instabilidade, pelas flutuações e movimentos diversos” (LÖWY, 1979, p. 2).

Com base nas reflexões dos autores, é possível compreender que os intelectuais trabalham no sentido da formação da opinião pública, o que pressupõe que estes necessitam criar formas de difusão do pensamento no meio social. Dessa forma, a educação, em âmbito formal ou informal, e os diversos meios de comunicação, dentre eles, a imprensa, tornam-se mecanismos eficientes na elaboração e consolidação de um tipo de pensamento para a população, fundamental na legitimação dos atores político-sociais.

Nascimento (1989, p. 58) reflete sobre como o pensamento dos intelectuais que atuam na imprensa influencia a formação da opinião do público leitor, bem como a centralidade deste na legitimação de seus discursos. Segundo o autor (1989):

A partir do momento em que o intelectual consegue fazer suas idéias partilhadas por uma grande parte do povo, a partir do momento em que começa a obter uma resposta a seu apelo, não está mais sozinho. Sua força não provém do seu discurso, tomado em si mesmo, mas do público que o acata e assimila (NASCIMENTO, 1989, p. 58).

Nascimento (1989, p. 58) afirma que, “[...] para se tornar forte e poderoso, o saber filosófico deve sair de sua torre de marfim inacessível e chegar às ruas”, uma vez que “[...] os intelectuais passam a ter um papel definido”, por contribuírem com a formação da opinião pública e a difusão da verdade, aliadas a uma grande capacidade de persuasão, objetivando a criação de uma nova mentalidade social.

Leclerc (2004) corrobora o pensamento ao afirmar que “Os intelectuais não são apenas os usuários e os difusores das ideologias, mas [...] os produtores e os criadores desses sistemas de pensamento coletivo” (LECLERC, 2004, p. 32).

Em relação ao peso das palavras, Déguay (2006) afirma que a linguagem tem um poder significativo sobre os homens, sendo capaz de mudar suas convicções, objetivos e maneiras de agir. Destaca a arte da persuasão e a importância da eloquência como fundamentais à manutenção do poder. Diz o autor que “A ordem (a

paz civil) repousa sobre a ordem (o comando)" (DÉGUY, 2006, p. 211). Tal eloquência e capacidade de persuasão são consideradas virtudes essenciais aos intelectuais, qualidades indispensáveis àqueles profissionais que atuam na imprensa.

Velloso (2006, p. 314) afirma que a nova dinâmica do mercado editorial, verificada no início do século XX, especialmente nas décadas de 1900-1920, propiciou aos intelectuais a criação de "[...] novas formas de expressão e de linguagem, difundindo-as por intermédio da propaganda, das caricaturas e dos experimentos poéticos".

Na revista *Fon-Fon!*, nascida exatamente nesse momento histórico, o uso das referidas linguagens é facilmente verificado, sobretudo nas caricaturas, que ocuparam lugar de destaque no magazine. Por serem consideradas um recurso útil para instruir politicamente o público leitor, é necessário compreender as caricaturas e charges em seus aspectos teóricos, de modo a demarcar sua influência na opinião pública. Dessa forma, destaca-se a diversidade de conceitos que esse gênero discursivo abrange.

De acordo com o Dicionário Michaelis de Língua Portuguesa (2009), o verbete caricatura possui três definições: "Representação pictórica ou descritiva, que exagera jocosamente as peculiaridades ou defeitos de pessoas ou coisas"; "Imitação cômica ou ridícula" e, por fim, "Indivíduo ridículo pelo aspecto ou pelos modos". A origem epistemológica do termo surgiu do verbo italiano **caricare**, cuja acepção, de acordo com o Dicionário Michaelis de Italiano (2009), aponta para o sentido de carregar, exagerar e sobrecarregar.

De acordo com o estudo de Gawryszewski (2008, p. 10), "[...] inicialmente a caricatura estava ligada intrinsecamente ao homem, se ela era pessoal, passou depois a abarcar algo mais. Percebe-se que a caricatura abarcaria subdivisões, ou seja, a charge seria uma delas".

Embora sejam comumente denominados como sinônimos, em virtude de ambos utilizarem a sátira e o discurso humorístico como característica fundante, caricatura e charge possuem definições distintas. A caricatura, enquanto um retrato satírico da realidade, exalta as peculiaridades fisionômicas do caricaturado, de modo a evidenciar sua personalidade.

A charge, por sua vez, remete aos "[...] fatos reais que tradicionalmente se encontram ligados à realidade política e econômica de uma sociedade"

(CZYZEWSKI, 2015, p. 71). Além disso, tem como característica o “[...] aspecto temporal e crítico e tem o humor por elemento” (ARRIGONI, 2011, p. 2063).

Tanto a caricatura quanto a charge possuem o exagero como característica comum, bem como o desejo de subversão da ordem autoritária. Servindo-se do discurso gráfico de cunho humorístico, esses recursos servem para “[...] revelar a verdade, desmistificar e desnudar as contradições e as ambigüidades dos poderosos” (GAWRYSZEWSKI, 2008, p.14).

Na construção desse discurso, importa mencionar a relevância da intencionalidade dos artistas ao produzirem seus desenhos, tendo em vista que “O artista busca no leitor um cúmplice para defender os interesses coletivos” (GAWRYSZEWSKI, 2008, p.14). Nesse sentido, o autor defende o conceito de “caricatura ideológica”, ao qual ele atribui como aquela cujo discurso atua na “[...] defesa de um ideal político, de transformações políticas, econômicas e sociais [...]”, tendo “[...] a agressividade como essência” (GAWRYSZEWSKI, 2008, p.28).

Em concordância, Analice Czyzewski (2015, p. 68), ao elencar estudos referentes a esse recurso de linguagem verbo-visual, destaca a “[...] influência da caricatura na formação da opinião pública na medida em que elas simplificam a compreensão daquilo que está em realce, como também os significados ocultos nos traços do artista”.

Czyzewski conclui que “[...] a caricatura vai além do retrato cômico e da sagacidade de quem a produz, assumindo novos significados e características formais no decorrer da crítica” (CZYZEWSKI, 2015, p. 71-72). Sendo assim, as ilustrações inseridas em um texto não pretendem apenas deixá-lo visualmente mais agradável, mas revesti-lo de significados, ideologias e valores (ARRIGONI, 2011, p. 2061).

Com base no exposto, as caricaturas presentes em *Fon-Fon!*, ao realizarem uma representação política e social da realidade, expressam a visão de mundo e a posição política dos artistas que as produziram, cujos enfoques foram dados a partir da criação de imagens críticas que refletiam a dinâmica dos principais fatos políticos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro.

Em síntese, o estudo da imprensa, atrelado ao discurso intelectual por ela veiculado, nos séculos XIX e XX, auxilia na compreensão de como se deram os embates entre o que era considerado arcaico e avançado, tendo-se em vista que cabia à imprensa a tarefa de espalhar as luzes no objetivo de alçar o Brasil a um

maior desenvolvimento. Assim, “[...] comumente descrita como um instrumento de aperfeiçoamento moral, a imprensa era compreendida como um meio que possibilitaria o avanço do país rumo ao desejado progresso” (LIMA, 2008, p. 1).

Feitas tais considerações, compreende-se que a exposição da trajetória da imprensa brasileira até o marco inicial da revista permite entender as condições e os meios que, no contexto geral da sociedade, deram consistência às ações voltadas ao estabelecimento de novas condutas frente ao novo estágio de desenvolvimento material com a vinda sistemática de imigrantes, da introdução da indústria e a adição das mulheres no mercado de trabalho.

Nesse sentido, o estudo volta-se para a revista *Fon-Fon!*, animada por ares de renovação que ela própria levou à imprensa periódica do período, constituindo-se, a partir daí, numa fonte histórica não somente para a História da Educação, mas também para outras áreas do conhecimento social. Isso, em virtude de a *Fon-Fon!*, uma revista de conteúdo permeado de humor e de ácida crítica social nos primórdios da publicação, ter assumido o papel de formadora da opinião pública na qualidade de espaço de debate e produção ideológica no período.

3. A TRAJETÓRIA DE *FON-FON!*: DE SEMANÁRIO ILUSTRADO E CRÍTICO À REVISTA PARA O LAR

Este item apresenta o objeto de estudo e situa o periódico *Fon-Fon!* em seu tempo histórico, além de caracterizá-lo em sua forma e conteúdo, a partir da delimitação dos aspectos gráficos, das seções que o compunham e da apresentação de seus principais colaboradores, os quais contribuíram para a definição da linha ideológica que norteou a ação política e educativa das publicações. O texto traz a revisão de literatura feita a partir da seleção, leitura e análise de estudos até então realizados sobre a revista *Fon-Fon!*, a fim de apresentar as múltiplas interpretações sobre seus conteúdos e os diversos enfoques metodológicos dados ao periódico.

3.1 PANORAMA HISTÓRICO DA IMPRENSA FEMININA NO BRASIL NA PASSAGEM DO SÉCULO XIX AO SÉCULO XX

Ao tratar especificamente da imprensa voltada para as mulheres, Buitoni (1986) destaca que, na Europa, as publicações femininas já circulavam desde o século XVII, entretanto, no Brasil, o surgimento desse segmento de imprensa ocorreu no início do século XIX. Entende-se por imprensa feminina aquela que é “[...] dirigida e pensada para mulheres” (NAHES, 2007, p. 79), embora “[...] nem sempre tenha sido produzida *por* mulheres” (LUCA, 2012, p. 447).

A representação da imagem da mulher foi também objeto de estudo de Dulcília Buitoni no livro *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira* (2009), ao afirmar que a imprensa destinada às mulheres, desde sua criação, atua como agente uniformizador de identidades, em uma tentativa constante de construção de uma imagem dominante de feminilidade.

Assim, importa compreender a maneira pela qual a imprensa feminina delinea o papel social da mulher e sua participação na esfera política, culminando em uma análise da matriz ideológica que sustenta as publicações das revistas para mulheres. Isso, pois, em virtude de que,

À primeira vista, receitas de culinárias, conselhos de beleza, contos de amor e outros assuntos – comuns às revistas, seções e suplementos femininos do mundo inteiro – são neutros. Porém se

sairmos da superfície, veremos que a imprensa feminina é mais “ideologizada” que a imprensa dedicada ao público em geral. Sob a aparência de neutralidade, a imprensa feminina veicula conteúdos muito fortes (BUITONI, 2009, p. 22).

Acredita-se que o primeiro periódico feminino a circular no Brasil foi o carioca *O Espelho Diamantino* (Rio de Janeiro, 1827). Além deste, outros como *O espelho das brasileiras* (Recife, 1831), o *Relator de novelas* (Recife, 1838), o *Correio das Modas* (Rio de Janeiro, 1839) e o *Jornal das Senhoras* (Rio de Janeiro, 1852) são exemplos de periódicos do período inicial da “[...] imprensa adjetivada de feminina” (LUCA, 2012, p. 447).

Em relação a uma publicação de grande notoriedade às mulheres, tem-se a *Revista Feminina* (1914-1936), fundada por Virgínia de Souza Salles, que inovou o cenário editorial de então, trazendo, para as páginas da revista, grande apelo publicitário, em sintonia com o mercado capitalista de então. As seções que compunham o sumário da revista tratavam de assuntos variados, como aqueles relacionados à maternidade, receitas culinárias, dicas de comportamentos, conselhos médicos, literatura etc., almejando o desenvolvimento das aptidões necessárias para o exercício daqueles que se julgava ser os papéis femininos da época: ser mãe e esposa (LIMA, 2007).

Em seu estudo sobre o periódico, Sandra Lúcia Lopes Lima (2007) conclui que os conteúdos veiculados pela revista não integravam as mulheres ao mundo exterior, ao passo que não traziam informações sobre os acontecimentos à sua volta. “Assim, dividia-se a imprensa: aos jornais masculinos, a informação, os acontecimentos diários, o mundo real; à Revista Feminina, o mundo fechado pelos muros do lar, os padrões de comportamento, os valores ideais” (LIMA, 2007, p. 234).

De maneira geral, os periódicos voltados ao público feminino possuíam temática de abordagem circular, ligada à natureza e às estações do ano, abrangendo temas específicos, como moda, beleza, culinária, cuidados com a casa e com os filhos, entre outros. Por tratar de tais assuntos, Buitoni (1986, p. 13) destaca que a atualidade das reportagens não é o foco principal da imprensa feminina, tendo em vista que os temas que lhe são peculiares “[...] aceitam a ligação com o atual, mas não são por ele determinadas”, diferindo-se da imprensa em geral, que preza pela notícia e que está ligada ao fato novo.

Conforme destacado pela autora, a imprensa em geral não possuía público determinado e constituir-se-ia como o verdadeiro jornalismo, o qual lida

especificamente com o fato político e sua análise contextualizada com o que acontece no mundo. Dessa forma, Buitoni (1986) salienta que, ao contrário do que se pensa, a imprensa feminina não se enquadra nas definições de imprensa de público geral, imprensa de público específico ou imprensa de assunto especializado, tendo-se em vista que “[...] mulheres não constituem um público especializado” (1986, p. 15) e a diversificada gama de assuntos tratados não permite caracterizá-la como leitura especializada. Em contrapartida, a imprensa feminina não era considerada segmento jornalístico, sendo geralmente classificada como “[...] jornalismo de amenidades, esclarecimentos, serviço, entretenimento” (BUITONI, 1986, p. 11).

Em seu trabalho de recuperação da memória literária das mulheres no século XIX, por meio da análise de livros, jornais e revistas, Muzart (2003) aponta para o fato de que a criação de periódicos femininos se deu, sobretudo, em virtude da necessidade daquelas em conquistarem alguns direitos ligados à educação, à profissão e ao voto.

O direito à educação era, primordialmente, para o casamento, para melhor educar os filhos, mas deveria incluir também o direito de freqüentar escolas, daí decorrendo o direito à profissão. E mais para o final do século, inicia-se a luta pelo voto (MUZART, 2003, p. 226).

Em conformidade, Martins (2003, p. 67) mostra que a

[...] produção escrita feminina ou aquele da divulgação dos figurinos da moda, ou ainda aquele outro perpetrado pela propaganda, paulatinamente, principiavam a desestabilizar-se as fronteiras simbólicas entre os sexos, desfazendo-se papéis ancestralmente construídos na secular sociedade patriarcal brasileira (MARTINS, 2003, p. 67-68).

Segundo Luca (2012, p. 448), as revistas femininas eram procuradas por mulheres em busca de entretenimento e de uma leitura leve e prazerosa. Em suas páginas, a leitora era convidada a aproximar-se da revista a partir de uma linguagem que imprimia, por seu tom coloquial, uma sensação de amparo, amizade e aconselhamento:

Tal proximidade, que carrega as marcas da emoção e da afetividade, pode atuar como um importante elo no processo de transmissão da informação, mas também de convencimento e mesmo imposição, apoiados em enunciados prescritivos e normativos, que ordenam o que fazer e como fazer. Não por acaso, o tempo verbal mais

frequente é o imperativo, configurando um discurso bastante próximo do publicitário. (LUCA, 2012, p. 448).

Buitoni (1986, p. 18) afirma que “[...] a leitura de uma revista parece mais gostosa que a de um jornal, seja pelo conteúdo ou até pela forma como é lida. Não se lêem revistas somente para informação; muitas vezes, o ato de folheá-las já é um prazer”.

A imprensa feminina, de modo geral, e, especificamente, a revista *Fon-Fon!* preocupavam-se, em grande medida, com os ensinamentos maternos e cuidados com as crianças em um momento histórico marcado por transformações no modo de ser e agir da população, cuja função principal destinada às mulheres consistia na maternidade.

A esse respeito, insere-se a contribuição de Ana Paula Vosne Martins (2008), que se dedica à análise da produção de literatura médica sobre os aconselhamentos para as mães, no sentido de ensiná-las a como bem cuidarem e bem criarem seus filhos. Considerando o momento histórico, permeado pela preocupação de cunho higienista, pertinente às décadas iniciais do século XX, Martins (2008) afirma que

A família e a criança passam a ser vistos como agentes políticos, promessas do futuro da nação e da raça. [...] Por fim, o agente considerado mais importante e vital para que essas medidas protetoras tivessem eficácia é a mãe. [...] Cabia aos médicos, apoiados pelo Estado e pela iniciativa privada, orientar as mães, conduzi-las pelo reto caminho da puericultura, disciplinando-as e fiscalizando as suas práticas. (MARTINS, 2008, p. 140).

O discurso de cunho maternal também foi objeto de estudo de Gonçalo Junior (2009), que discute os ensinamentos maternos na década de 1920 por meio dos periódicos. O autor afirma que os profissionais da área médica reconheciam um instinto maternal próprio da natureza feminina, porém não o concebiam como suficiente na criação dos filhos, sobretudo por estarem inseridos em uma atmosfera essencialmente nacionalista, “[...] que enxergava a viabilidade brasileira através de suas crianças” (JUNIOR, 2009, p. 91). Assim, instaurou-se uma massiva campanha em prol da educação feminina sobre os cuidados com os filhos, com base em preceitos científicos e na puericultura.

Compreende-se, portanto, que as revistas femininas devem ser consideradas artefatos pedagógicos, uma vez que transmitem valores e ensinamentos, moldando

identidades de seu público leitor, alterando a maneira pela qual os indivíduos enxergam a si mesmos e o mundo que os cerca.

Buitoni alerta para o risco de atribuir os conceitos-chave que comumente denominam a subjetividade da qual a mulher é feita, como maternidade, beleza, suavidade, doçura e outros, para um ser que é histórico. Ao enaltecer e reforçar comportamentos considerados “virtudes clássicas da mulher”, a imprensa feminina constrói um “mundo da mulher”, em detrimento de uma “mulher-mundo”. “Realmente, tenta-se criar um mundo da mulher para que ela fique só dentro dele e não saia” (BUITONI, 2009, p. 24). Além disso,

À semelhança das receitas de culinária, que mandam misturar ovos e farinha, sempre no imperativo, as matérias de moda, beleza, decoração etc. não passam de receituário que usam o mesmo modo verbal, dando as diretrizes para ser bonita, bem-vestida e mora bem. Tudo vira receita de como se deve fazer para ser o modelo de mulher apresentado (BUITONI, 2009, p. 192).

Feitas tais considerações, entende-se que o levantamento e análise de fontes que tratam sobre a imprensa e os periódicos femininos constituem-se como um ponto de partida para a compreensão à qual se propôs esta pesquisa, isto é, de analisar os discursos e ideologias veiculados pela revista *Fon-Fon!* no cenário brasileiro do início do século XX, período em que corresponde à industrialização e aos anseios das elites governantes em modernização do país, sobretudo no que diz respeito à função social da mulher e aos ensinamentos a ela destinados.

3.2 A REVISTA *FON-FON!* NA VISÃO DA HISTORIOGRAFIA

Na tentativa de compreender a revista *Fon-Fon!* nas suas articulações sociais, econômicas e culturais, inserem-se a leitura e reflexão dos estudos realizados por diversos autores a respeito do periódico, nos quais se destacam os trabalhos de Nahes (2007), Macena (2010a; 2010b), Zanon (2005; 2009), Sant’Anna (2012) e Brites (2000). Optou-se, neste texto, por não adotar a cronologia como ordem para a leitura e análise das publicações, tendo-se em vista que a proximidade temática e abordagens adotadas pelos autores são importantes para este estudo.

Semírames Nahes (2007), no livro intitulado “Revista Fon-Fon: A imagem da mulher no Estado Novo (1937-1945)”, fruto de sua dissertação de mestrado

(Unimar), traz importantes contribuições para o campo de estudo da imprensa feminina no Brasil, ao buscar compreender a construção da imagem do feminino no decorrer do contexto do Estado Novo, sobretudo em relação ao período ditatorial varguista. Vale mencionar que o referido estudo pauta-se nos princípios da História Nova, sobre a égide dos pensamentos de Peter Burke, Fernand Braudel e Lucien Febvre.

Para cumprir seu objetivo, em um primeiro momento, a autora narra importantes acontecimentos do período a fim de situar o leitor sobre o momento histórico e social no qual a revista surgiu e manteve suas publicações. A justificativa para o levantamento de tal painel histórico deu-se em virtude da tentativa de compreender qual a ideologia orientou o governo de Getúlio Vargas, com o intento de dimensionar o modo como a imprensa feminina, em especial a *Fon-Fon!*, transmitia e veiculava tais ideais.

A partir da concepção de que a imprensa geral constitui-se como um elemento significativo no âmbito cultural brasileiro, a qual nem sempre possui suas concepções ideológicas transparentes, Nahes (2007, p. 73) conceitua a imprensa feminina como aquela que tem por elemento definidor o sexo de suas leitoras, concordando com Buitoni (1986, p. 7) que afirma que se trata de um “[...] conceito definitivamente sexuado”.

Na tentativa de visualizar, por meio da análise da revista *Fon-Fon!*, “[...] os contornos da mulher da época e vislumbrar o substrato ideológico que configura essa imagem” (NAHES, 2007, p. 21), a autora busca compreender a razão pela qual o discurso político de então intentava a retirada da figura feminina do espaço público, para que a mulher retornasse ao espaço privado do lar, fato que, segundo a autora, representou um grande retrocesso em relação às conquistas femininas, obtidas nos anos 1920.

Às mulheres a Era Vargas preparou, cuidadosamente, um projeto pedagógico, uma cartilha de retorno das mulheres ao lar, lugar de onde poderiam servir a pátria e a família ao mesmo tempo. Servindo a família, estariam, imediatamente, servindo a nação. Voltadas para os problemas domésticos, alienadas do contexto político, alheias aos problemas sociais e apenas com a função de mãe / esposa / educadora, não lhes era permitida qualquer afinidade ou semelhança com as funções masculinas ou da pátria (NAHES, 2007, p. 38).

Nahes (2007) pontua a contribuição da imprensa, em específico a *Fon-Fon!*, na disseminação do ideal feminino para o Estado novo, que ia ao encontro do nacionalismo autoritarista do período, promovendo estereótipos de cunho essencialmente machistas. Nesse sentido, a revista transformou-se em uma “[...] cartilha político-educacional obrigatória, que deveria ser seguida incondicionalmente, oferecendo ao público feminino uma cultura de entretenimento, portanto, alienante, pouco questionadora” (NAHES, 2007, p. 107).

Outro trabalho que repousa a atenção sob o periódico refere-se à dissertação de mestrado em História, defendida por Fabiana Macena, em 2010, na Universidade de Brasília, intitulada “Madame, mademoiselles, melindrosas: ‘feminino’ e modernidade na revista Fon-Fon (1907-1914)”. O estudo investiga a constituição da modernidade e do feminino, examinando os números que circularam no contexto da Belle Époque carioca. O estudo tem o suporte teórico foucaultiano, compreendendo que a história “[...] não deve estar a serviço da naturalização de valores, da pura e simples repetição, da homogeneização do plural” (MACENA, 2010a, p. 7).

Tal estudo buscou, por meio de sua análise, desnaturalizar algumas construções historiográficas, como é o caso da Semana de Arte Moderna de 1922, “[...] e sua centralidade para a compreensão da modernidade nacional, e encobrendo outras maneiras de se pensar e viver a modernidade, inclusive anteriores à década de 1920” (MACENA, 2010a, p. 8). Além disso, procurou evidenciar a dimensão histórica da separação binária entre os gêneros feminino e masculino, em uma clara tentativa de articulação entre a instauração da modernidade e a produção de efeitos de gênero, veiculados na revista.

Assim, o trabalho estabelece um paralelo direto entre a modernização da cidade do Rio de Janeiro, empreendida a partir do advento republicano, e a ideologia de dominação e disciplinarização das pessoas, com vistas a moldar os comportamentos sociais, dentre eles, os das mulheres. Para além da reforma urbana, a autora salienta que a produção intelectual e literária também seguia os moldes europeus, sobretudo os franceses, porém constitui-se como cópia ou simples adaptação, sem preocupação crítica ou realista.

Macena (2010a) discute os processos de construção e de significação, os quais estão intimamente vinculados à noção de poder por serem considerados “verdades”. O objetivo é, portanto, compreender, no âmbito da revista *Fon-Fon!*, os conceitos de feminilidade, modernidade e civilidade, tratados e tomados na condição

de verdade. Ademais, procura investigar como imagens, valores e papéis sociais veiculados são significados pelo periódico, na construção de um imaginário social, o qual é eminentemente político.

Nas palavras da autora: “Segundo a revista, ser moderno e, conseqüentemente, civilizado, significava ter bom gosto, isso é, gosto urbano e carioca” (MACENA, 2010b, p. 148). Para tanto, fazia-se necessário “[...] modificar costumes, substituir velhos hábitos, reformular comportamentos” (MACENA, 2010b, p. 148), o que evidenciava que as reformas estruturais urbanas estavam inteiramente vinculadas à noção de modernização e civilização dos costumes, com o intento de romper por completo com os hábitos considerados arcaicos, com exceção à tradição religiosa, que deveria ser mantida.

Os estudos de Macena (2010a; 2010b) importam à medida que trazem, para o debate acadêmico, a questão da modernização nas páginas da revista, tanto no que concerne ao espaço urbano, quanto ao progresso moral, particularmente no que implica os comportamentos femininos. Assim, conforme destacado pela autora, “[...] compreender as formas como a modernidade e o feminino foram construídos e significados nos primeiros anos do século XX pela revista Fon-Fon significa compreender o caráter político destas construções” (MACENA, 2010a, p. 121).

Maria Zanon, no texto “*Fon-Fon!* – um registro da vida mundana no Rio de Janeiro da Belle Époque” (2005), analisa a influência francesa no processo de formação da nação brasileira, tomando o periódico como fonte de estudo por entendê-lo como um importante veiculador de conteúdo permeado de estrangeirismos franceses e outros conteúdos vinculados à Europa, demarcando a importância de tal influência.

Ao analisar os textos da revista, a autora conclui que “[...] o intercâmbio entre as línguas e as culturas francesa e brasileira resultou do contato entre elas, mas, principalmente, do arrebatamento manifestado pelo brasileiro face ao prestígio da cultura francesa” (ZANON, 2005, p. 20).

Em concordância, Nahes (2007, p. 110) justifica o excesso do que denomina de “francesismo” no auge, por parte da cultura brasileira, das ideias da Revolução Francesa que, a seu ver, refletem os ideais burgueses. A título de exemplo, a autora narra o significado do nome da revista na qual o “*Fon-Fon!*”,

[...] além de fazer referência ao desenvolvimento urbano, às ruas cheias de carros que “*klaxonavam*” por todos os lados, anunciando o desenvolvimento industrial, também fazia alusão ao universo feminino; afinal *Fon-Fon: a revista feita para o lar*, escolhera, como título que a designasse, uma palavra muito próxima a *froufrou*, que na língua francesa pode significar tanto o “*bruit léger produit par le frôlement ou le froissement d’une étoffe soyeuse, de plumes*”³, como também os ornamentos das vestimentas femininas, os *frou-frous*, ou *fru-frus*, tão recomendados pela moda ditada pela *Fon-Fon* (NAHES, 2007, p. 110).

No texto *A sociedade carioca da Belle Époque nas páginas do Fon-Fon!* (2009), por sua vez, Zanon atém-se ao estudo do caráter elitista, disseminado pela revista no contexto carioca, evidenciando suas análises por meio de exemplos de imagens, textos etc., retirados dos números dos anos iniciais da revista. A autora afirma que essa tentativa de apropriar-se dos valores europeus dá-se em virtude “[...] da necessidade de adaptação dos conceitos de uma sociedade intelectualmente influente sobre a outra, sendo a mídia o veículo responsável pela constatação da transposição e da adoção desses conceitos” (ZANON, 2009, p. 242).

A inserção de anúncios publicitários não era uma prática recorrente na imprensa feminina oitocentista, porém, no século XX, “[...] a publicidade passou a aproveitar-se dos avanços técnicos da imprensa, responsáveis pela qualidade gráfica das ilustrações e fotografias, além da exuberante novidade que foi a impressão em cores” (A REVISTA NO BRASIL, 2000, p. 203).

Considerando-se que “[...] a publicidade também se articulou às novas demandas da vida urbana no início do século XX e, no que diz respeito à imprensa periódica, transformou-se na sua principal fonte de recursos” (LUCA, 2008, p. 123), o caráter publicitário da revista *Fon-Fon!* também foi objeto de análise de diversos estudos, destacando-se os trabalhos de Sant’Anna (2012) e Brites (2000).

Sant’Anna analisa anúncios de cosméticos, tendo como foco as imagens publicadas na revista entre os anos de 1911 e 1934, com o objetivo de discutir as rupturas e continuidades observadas nas propagandas de beleza, publicizadas pelo periódico, tendo em vista sua veiculação em um artefato “[...] que tinha sua política editorial definida a serviço da cidade moderna” (SANT’ANNA, 2012, p. 321).

Mariana Braga (2014) tomou como objeto de análise as propagandas de moda, veiculadas pela *Fon-Fon!* no contexto da Belle Époque carioca. O estudo

³ Ruído leve, produzido pelo roçar ou amassar de um tecido sedoso, de plumas. (Tradução da autora)

intenciona pontuar os papéis do outro, do estrangeiro, nos anúncios publicados na revista a partir de uma análise semiótica discursiva.

Ribeiro e Santana, em trabalho publicado nos anais do VIII Encontro Nacional de História da Mídia, na Unicentro, em 2011, analisaram o modo como a revista *Fon-Fon!* abordou as temáticas política e modernidade durante a República Velha. Em seu estudo preliminar, as autoras realizam o levantamento do contexto histórico no qual se insere a análise, cotejando os conteúdos publicados pelo periódico nos anos de 1908 e 1922.

Em texto apresentado no XXVIII Simpósio Nacional de História, em 2015, Viviam Marcello Ferreira estuda o papel da mulher na modernidade carioca, estabelecendo, como fonte de objeto de estudo, a revista *Fon-Fon!*. De acordo com a autora, *Fon-Fon!* transmitia a autoimagem da mulher moderna, contudo o conteúdo propagado em suas publicações expressava enunciados conservadores, a partir de uma visão tradicional, cristã e patriarcal.

Ferreira conclui que a "[...] ambiguidade da modernidade pautando-se na visão da classe dominante, com seu projeto civilizatório europeu, conservador, católico e sexista. Assim, o novo era bem vindo em vários aspectos, mas não, com relação à mulher" (FERREIRA, 2015, p. 14)

No artigo *"Escutem-me todas as mulheres!" A pedagogização dos corpos femininos na revista Fon Fon.*, Janaína dos Santos Maia (2015) discute os conteúdos do periódico, publicados durante a década de 1930, a respeito do universo feminino, especialmente sobre os cuidados com a aparência da mulher. A análise feita por Maia (2015) indica que, para a *Fon-Fon!*, "[...] uma mulher de inteligência medíocre, capaz de praticar gestos violentos e de não ter em si a virtude da sinceridade, seriam aquelas, as quais desobedeciam a um padrão social", qual seja, o propagado pelos conteúdos da revista.

Em *A 'Vênus Moderna': Mulher e Sexualidade nas Ilustradas Cariocas Fon-Fon! e Selecta e Para Todos..., entre 1900-1930*, publicado em 2004, Cláudia Oliveira examina a construção da nova identidade feminina no contexto da urbanização brasileira, notando o progressivo deslocamento do ambiente doméstico para os espaços públicos. Em sua análise das crônicas publicadas pelos periódicos, Oliveira (2004) pontua que as transformações ocorridas no cenário urbano no início do século XX incidiram diretamente na vida das mulheres.

Esta transformação ocorreu em vários níveis e inclui ações, desde flunar pelas ruas, usar cosméticos, fumar em público, separar-se do companheiro não mais desejado; como lutar por seus direitos, incluindo o direito de desfrutar do espaço urbano renovado como o homem, bem como o direito de poder olhar e ser olhada (OLIVEIRA, 2004, p. 98).

Veraldo, Porto e Moreira (2010) estabeleceram, como objeto de estudo, a aparelhagem da imagem pública da enfermeira na revista *Fon-Fon!*, tendo como objetivo a classificação das imagens dessas profissionais tendo como matriz de análise a iconografia. A análise de 269 imagens publicadas entre 1916 e 1923 permitiu que os autores concluíssem que, apesar de seu apelo comercial, o periódico ajudou a construir a imagem da enfermeira ao longo dos anos.

Como se vê, as revistas cumprem uma função educativa, explicitamente voltada para o consumo, na qual a articulação entre as elites empresariais e intelectuais deixa claro o papel estratégico, exercido pelas revistas na vida cultural brasileira (VELLOSO, 2006, p. 314). De acordo com Luca (2012, p. 457), “A revista, ou melhor, a mercadoria revista, deve apresentar-se como capaz de interessar e satisfazer necessidades de possíveis consumidores”.

Em seu estudo, Brites (2000) analisa conteúdos diversos sobre crianças, publicados entre os anos 1930 e 1959 nas revistas femininas *Fon-Fon!* e *Vida Doméstica*, a fim de analisar em que medida tais materiais “[...] contribuíram para a caracterização das crianças no universo social brasileiro pelos periódicos indicados” (BRITES, 2000, p. 161).

A partir de uma metodologia que toma a fotografia como uma produção social não concebida como reflexo do real, Brites aponta os resultados de seu estudo que indica que o universo infantil estava intrinsecamente ligado às concepções de saúde, higiene, educação, religiosidade, lazer e moda. Além disso, a imagem infantil, presente nas fotografias das revistas, era produzida por meio das vestimentas e adereços, de modo a veicular uma noção de criança bem-nascida e feliz (BRITES, 2000, p. 161).

Por se considerar que “[...] as revistas são, normalmente, o reflexo ideológico de sua época” (GOTTARDI; NAHES, 2006, p. 193), salienta-se a importância da aproximação com os estudos aqui elencados, tendo em vista compreender quais os sentidos e significados veiculados e vendidos pela revista feminina *Fon-Fon!*,

especialmente no período que concerne à inserção do país na marcha do desenvolvimento.

Feito o levantamento dos principais estudos que tomaram a revista *Fon-Fon!* como objeto de análise, notou-se que a maioria dos trabalhos encontram-se vinculados a diversas áreas do conhecimento, como história social, jornalismo e outras. Contudo, à exceção desta pesquisa, não se encontram estudos sobre a *Fon-Fon!* cujo olhar volta-se diretamente ao campo da educação.

Dessa forma, constitui-se a revisão de literatura necessária à elaboração desta pesquisa, e, em “[...] respeito ao trabalho de outros pesquisadores e um compromisso com a crítica contínua ao produto deles e, portanto, com o aprimoramento da ciência” (LUNA, 2011, p. 111), o texto aqui apresentado forneceu subsídios teóricos importantes para as análises e significações que serão feitas a respeito da revista *Fon-Fon!*.

3.3 REVISTA *FON-FON!* – CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

A Revista *Fon-Fon!*, em circulação no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX, especificamente entre os anos de 1907 e 1958, inseriu-se no mercado editorial do país em um momento marcado por importantes transformações nos cenários político, econômico, social e cultural, no qual deixava de ser uma nação essencialmente agrícola para tornar-se industrializada. Além da diversificação das atividades produtivas, o país acabara de inserir-se na ordem política republicana e, com ela, a ideia de remodelação das cidades e dos hábitos da população.



Figura 3: *Fon-Fon!* Semanario alegre, politico, critico e esfusiente.

Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon-Fon!* (1907, n. 1).

A carta de intenções, veiculada pela revista em seu primeiro exemplar, publicado em 13 de abril de 1907, expunha claramente a maneira como concebia a sociedade fluminense na qual estava inserida. Naquele momento, a revista propunha a exposição de informações e notícias de modo crítico e sarcástico, tratando com pilhéria os hábitos e costumes da então atualidade, conforme ela própria anunciava: “Para os graves problemas da vida, para a mascarada Política, para a sisudez conselheiral das Finanças e da intrincada complicação dos Principios Sociaes, cá temos a resposta própria: aperta-se a “sirene, e... “Fon-Fon!,, “Fon-Fon!,,⁴” (*Fon-Fon!*, n. 1, 1907).

Comercializada a 400\$ o exemplar avulso, com 100 mil exemplares na primeira tiragem, *Fon-Fon!* iniciou suas publicações com um número médio de 36 páginas para, em poucos anos, dobrar a quantidade de seu conteúdo, em grande medida decorrente do aumento dos anúncios publicitários, veiculados no periódico. No período focalizado nesta pesquisa, que abrange as primeiras décadas do século XX, a revista publicou uma variação de 50 a 70 páginas em média por edição semanal.

O edifício em que funcionava o escritório da revista localizava-se na rua da Assembleia, número 62, na cidade do Rio de Janeiro, hoje rua República do Perú. Em 1º de janeiro de 1916, a revista publicou uma matéria especial de ano novo, que continha, no total, 16 páginas da edição, na qual fazia a apresentação de seus

⁴ Neste trabalho optou-se por preservar a ortografia em vigência na época.

colaboradores, bem como dava os detalhes dos espaços em que o periódico era desenvolvido⁵.



Figura 4: Escritório da revista *Fon-Fon!* em 1916.

⁵ A matéria intitulada “Fon-Fon e Selecta na Intimidade” encontra-se reproduzida na seção “Anexos”.

Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon-Fon!* (1916, n. 1).

O semanário teve como seus fundadores Alexandre Gasparoni e Giovanni Fogliani, além dos intelectuais de filiação simbolista, Gonzaga Duque, Mario Pederneiras e Carlos de Lima Campos, os quais compunham o quadro de redatores do magazine.



Figura 5: *Fon-Fon!* e *Selecta* na intimidade.

Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon-Fon!* (1916, n. 1).

As irreverentes e bem-humoradas ilustrações ficavam por conta de Calixto Cordeiro – que as assinava como K.Lixto –, Raul Pederneiras e José Carlos Brito e Cunha, cuja assinatura resumia-se a J. Carlos, os quais ajudaram a definir “[...] os rumos do humor gráfico brasileiro por meio século” (A REVISTA NO BRASIL, 2000, p. 217).

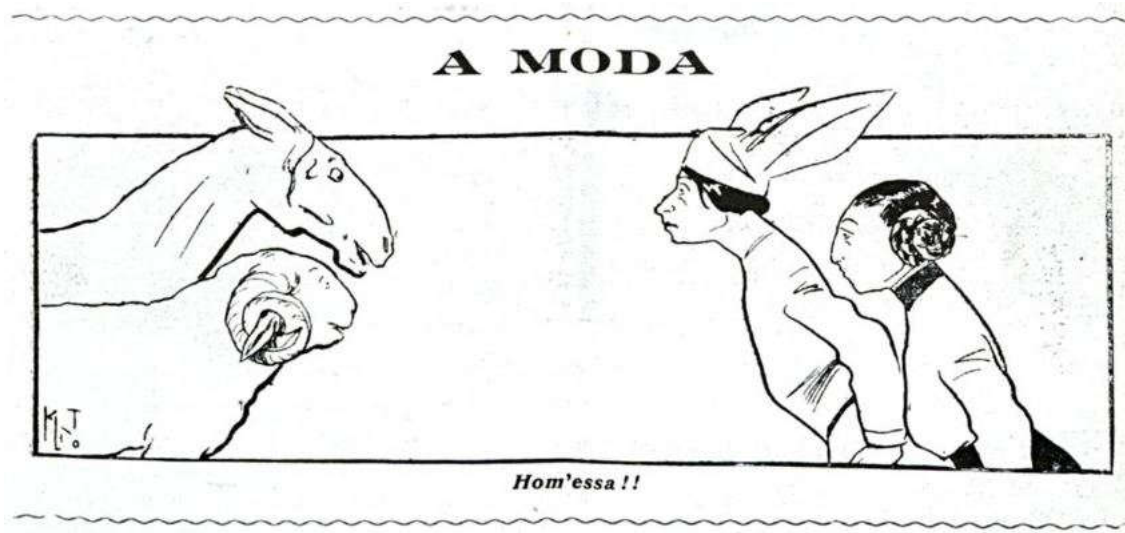


Figura 6: Charge “A moda”.

Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon-Fon!* (1907, n. 1).

O livro-revista, intitulado “A Revista no Brasil”, publicado no ano de 2000 pela Editora Abril em comemoração aos primeiros 50 anos de sua existência, traz um apanhado geral da história das publicações brasileiras em formato de revista. Na obra, destacam-se alguns dos principais personagens da história da imprensa brasileira, dentre eles, os caricaturistas de maior expressividade no decorrer da história da imprensa brasileira, sobretudo nas primeiras décadas do século XX, momento que a obra caracteriza como “fase áurea da caricatura brasileira” (A REVISTA NO BRASIL, 2000, p. 217).

K. Lixto, fluminense nascido em 1877 na cidade de Niterói (RJ), dedicou sua vida às ilustrações. Na *Fon-Fon!*, Calixto Cordeiro assumiu, em 1907, a direção artística ao lado de seu amigo, Raul Pederneiras. Com ilustrações publicadas em revistas como D. Quixote, O Malho, *Fon-Fon!* e Careta, “Foi vigoroso como chargista político e atento observador de costumes”, considerado como um “mestre da sátira social” (A REVISTA NO BRASIL, 2000, p. 217).

À originalidade de seu traço, sóbrio e bem acabado, contrapunha-se uma personalidade singular. Com a cabeça sempre ereta, por obra de um engomado colarinho, K. Lixto usava roupas justas, fraque, cabelos esticados, bigodinho, unhas longas e, supremo deboche, alfinetes com caveiras risonhas espetados na gravata. Devido a essa extravagância, foi o caricaturista mais caricaturado pelos colegas (A REVISTA NO BRASIL, 2000, p. 220).



Figura 7: Fotos de Calixto Cordeiro e Raul Pederneiras.

Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon-Fon!* (1916, n. 1).

Ao seu lado, Raul Pederneiras (Rio de Janeiro, 1874 – Rio de Janeiro, 1953) iniciou sua carreira de caricaturista no ano de 1898, no jornal carioca “O Mercúrio”, contudo atuou em uma diversidade de periódicos, dentre eles, *A Revista da Semana*, *O Tagarela*, *D. Quixote*, *O Malho* e *Jornal do Brasil*. De acordo com Bettamio (2011, s/p), suas caricaturas continham “A mistura certa de originalidade, leveza e humor [...] Além de provocar o riso, o trabalho de Pederneiras revela curiosidades sobre os costumes cariocas do início do século XX”.

Em ocasião de seu aniversário, a revista *Fon-Fon!* publicou uma nota, congratulando-o, na qual o definia como um “[...] mixto de formiga e cigarra, porque é a um tempo trabalhador incansável e boêmio alegre” (FON-FON, 1908, n. 1908, p. 8).

A amizade de Calixto e Raul, bem como a vida boêmia da qual, supostamente, faziam parte, foram observadas por Giovanna Dealtry, no artigo intitulado *Margens da Belle Époque carioca pelo traço de Calixto Cordeiro* (2009). Diz a autora que “Ambos constroem para si uma imagem de farristas e carnavalescos como é, facilmente, possível atestar pela capa d’O Malho de 20 de fevereiro de 1904” (DEALTRY, 2009, p. 120). A ilustração fora seguida dos dizeres: “– Estamos aqui, estamos sem idéia nenhuma! Se os Democráticos e os Fenianos

puseram tudo no seu carro de idéias! (Dona Sinceridade à parte: ‘– O estrago é o diabo’).



Figura 8: Charge "Raul e Calixto depois do carnaval".

Fonte: Biblioteca Nacional, O Malho (1909, n. 336).

Completando a tríade dos principais ilustradores de *Fon-Fon!*, havia o cronista e caricaturista carioca, José Carlos Brito e Cunha (1884-1950), ou, simplesmente, J. Carlos, que atuou no periódico durante um longo período. No livro intitulado *J. Carlos contra a guerra: as grandes tragédias do século XX na visão de um caricaturista brasileiro* (2000), Arthur Dapieve conta que J. Carlos era "[...] atento às coisas do seu tempo, do seu país e, especialmente, do seu Rio de Janeiro, onde nascera, de

família tradicional, perto da Enseada do Botafogo, a 18 de junho de 1884" (2000, p. 9).

Dentre os personagens mais famosos do caricaturista, estão a Melindrosa, Almofadinha e Lamparina. De acordo com Arthur Dapieve (2000, p. 9), J. Carlos chegou perto da marca de "[...] cem mil trabalhos publicados. Cerca de dois mil desenhos por ano!".

Tamanha produtividade encontrou inspiração em temas diversos, dentre eles, a modernização do país. Assim, "seu traço cobriu meio século da história do Rio de Janeiro e de modernização do país, registrando o surgimento de novidades como o chope, o futebol, o rádio, o bonde elétrico, o cinema, o avião e o automóvel" (A REVISTA NO BRASIL, 2000, p. 195).

Na primeira edição de 1908, J. Carlos ironizava a espontaneidade dos flagrantes retratados, ao ilustrar o diálogo entre os dois sujeitos – fotógrafo e senhor da sociedade: "Elegante: 'Assim?...' / Photographo - 'Não... Olhe para o lado oposto... como si nao tivesse visto a machina... Um tanto indifferente...'".

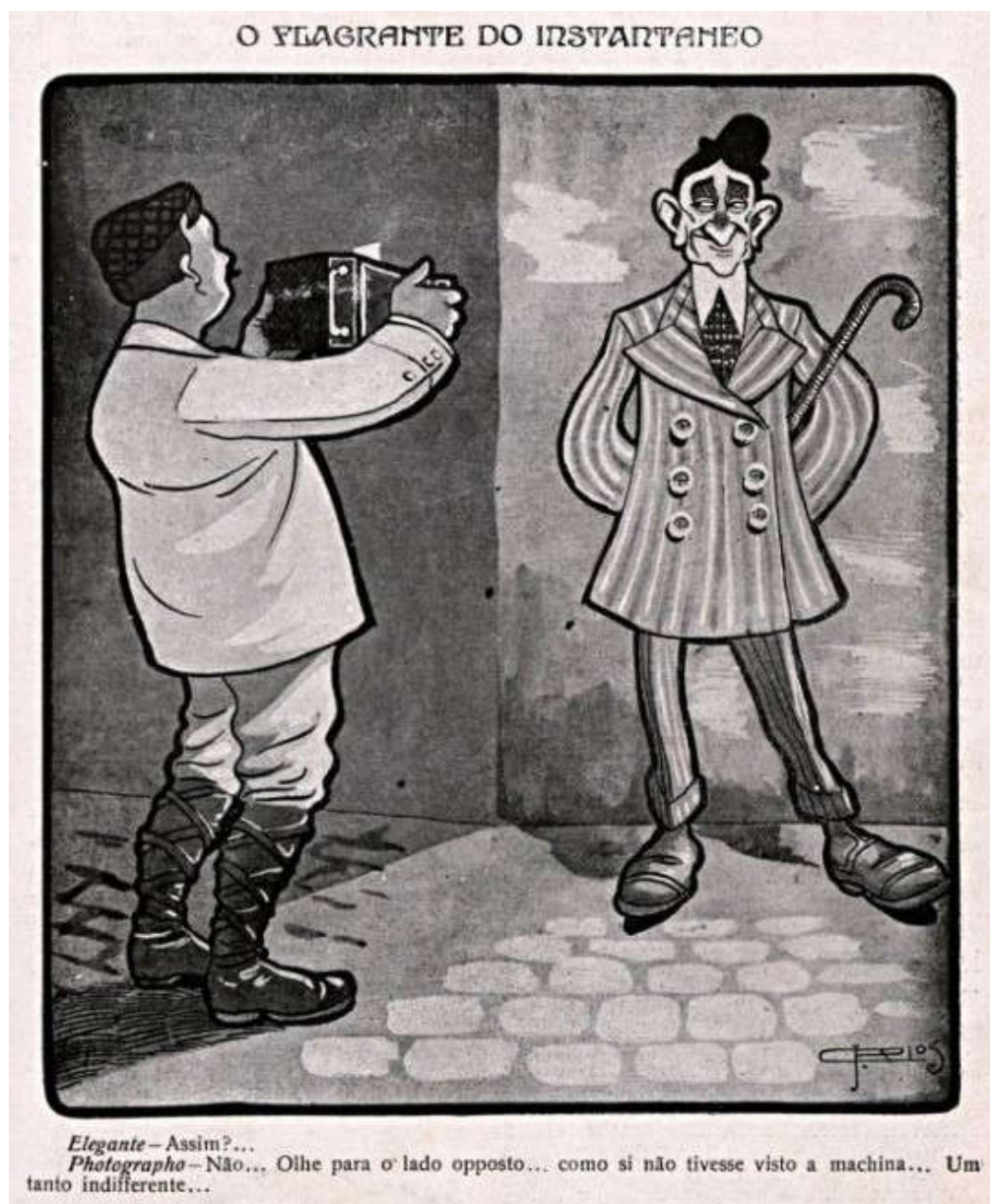


Figura 9: Charge “O flagrante do instantaneo”.

Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon-Fon!* (1908, n. 1).

Em 2 de outubro de 1950, o caricaturista e cronista, J. Carlos, faleceu em decorrência de um acidente vascular cerebral, ocorrido na redação da revista *Careta* (A REVISTA NO BRASIL, 2000, p. 195). Sua morte foi noticiada com pesar pela revista *Fon-Fon!*, na edição nº 2.271, publicada em 21 de outubro do mesmo ano. Na ocasião, *Fon-Fon!* reportava-se ao caricaturista como o “príncipe do traço”, “um dos mais altos expoentes da caricatura nacional” e, finalmente, como o “personalidade ímpar na vida intelectual do país” (FON-FON, 1950, n. 2271, p. 47).



Figura 10: Fotografia do caricaturista J. Carlos.

Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon-Fon!* (1950, n. 2271).

O texto, publicado ao lado da foto acima, expressou a admiração e a consideração que o caricaturista preservou ante a equipe do magazine:

Aquêle que soube tirar da melancolia da vida e dos aspectos ridículos da inquietação humana os motivos alegres, que inspiraram as suas figuras de traços leves, originais e pitorescos. Aquêle que trouxe do berço a vocação irresistível, que o tornou, indiscutivelmente, o mais perfeito intérprete, no lápis, das cenas e dos tipos cariocas dêsse meio século cheio de realidades imprevistas, de esperanças malogradas e de sonhos impossíveis (FON-FON, 1950, n. 2271, p. 47).

Além desses ilustradores, *Fon-Fon!* contava com a colaboração de Nair de Teffé (1886-1981) na produção de imagens para suas edições. Essa cartunista teve

18 charges publicadas na revista *Fon-Fon!* durante os meses de agosto a dezembro de 1910, na coluna "Galeria das Elegâncias", com o pseudônimo de Rian – anagrama de seu nome –, sendo muito elogiada pelo público leitor, ainda que as distintas senhoras da sociedade apresentassem certo receio de serem desenhadas pelas mãos da cartunista.

Prometendo "[...] proporcionar aos seus leitores, a exemplo do que commumente fazem os *magazines* europeus", *Fon-Fon!* anunciou a publicação do primeiro de uma série de "*portraits-charges* das mais distintas senhoras" da sociedade (FON-FON, 1910, n. 33, p. 15).

Numa sociedade em que as mulheres pouco tinham a chance de expor suas ideias e opiniões, uma vez que eram os homens os portadores do espaço público, da política etc., Nair de Teffé encontrou, em suas caricaturas, um meio de expressão, ironizando as figuras públicas, inclusive as mulheres da elite fluminense.

Na caricatura abaixo, Nair retratou sua amiga, Laurinda Santos Lobo⁶ (1878-1946), considerada um modelo de elegância e bom gosto para o período. A legenda da imagem indicava o apreço de Nair pela amiga: "A super-chic Mme. S. L. ou a victoria de Matto Grosso sobre Pariz".

⁶ Laurinda Santos Lobo nasceu em 1878, na cidade de Cuiabá. Sua vida fora marcada pela elegância e pelos bailes em que promovia em seu palacete – herdado pelo tio Joaquim Murinho, ex-ministro da Fazenda do governo do presidente Campos Sales – quando residia na cidade do Rio de Janeiro. As festas promovidas por Laurinda contavam com a presença de importantes nomes da sociedade carioca, como intelectuais, políticos e artistas. Para além da vida social e cultural, a imagem de Laurinda também associou-se a questões políticas, em que assumiu papel de defesa pelos direitos femininos (LIMA; SÍMILI, 2014).



Figura 11: Caricatura de Laurinda Santos Lobo na Galeria das Elegancias, de Nair de Teffé.

Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon-Fon!* (1910, n. 33).

Embora nascida no Brasil, Nair de Teffé foi criada e educada na França, trazendo consigo o espírito da Belle Époque⁷. O estilo inovador e ousado da

⁷A expressão francesa Belle Époque - bela época - representa um período da história da Europa entre o fim do século XIX e início do século XX, tendo como marco final a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914. A referida época foi marcada por intensas transformações culturais que incidiram diretamente nas formas de viver da sociedade, marcando o início da modernidade europeia. No Brasil, período similar inicia-se em 1889, com a Proclamação da República, e finda na década de 1920, na ocasião da Semana da Arte Moderna. Denominado de Belle Époque tropical, o período foi

cartunista, tanto nas suas vestes quanto na maneira de portar-se socialmente, destoava do modelo feminino considerado ideal pela revista *Fon-Fon!* que, ainda que fosse considerado um periódico que prometia renovação e modernização do mercado editorial do país, apresentava certo conteúdo conservador no que se refere ao papel social das mulheres na sociedade.

Na coluna “Esboçetos”, publicada em setembro de 1908, Fiorelini anunciava a contribuição da caricaturista nos números seguintes da revista:

Trefega, viva, bem fallante, engraçada, observadora, apanhando n'um relancear de olhos os *tics*, os senões *physicos* do proximo.
Rosto de boneca, com os seus cabelos louros, *bouclés* de modo bizarro, com os seus olhos de *faïence* azul, com a sua cutis de finissimo *biscuit*.
Originalissima no penteado e no vestuario, com o gosto um tanto germanico.
Apreciadora de bom theatro, de util leitura, polyglota, manejoamento especialmente o francez como a mais illustrada filha da Cidade-Luz, da qual te a espontanea verve.
Conhecedora de toda a *etiquette* da grande sociedade, de todo o manual do bom tom, filha e irmã de diplomatas, cujo nome deixou em côrtes europeás um rastro de fulgor e de distincção.
Um tanto mordaz, satirica nos seus desenhos – a sua vocação – lembrando as *charges* de certos caricaturistas francezes.
E para mostrar que essa fingida maldade não passa de um inoffensivo passatempo assigna-os *Rian*, disposta a rir, a rir sempre, de accordo com a radiante primavera dos seus desoito annos (*FON-FON*, 1908, n. 22, p. 12).

Além dos principais ilustradores, importa apresentar a equipe responsável pela direção do magazine. Alexandre Gasparoni nasceu na Bélgica, no ano de 1866, chegou ao Brasil aos 12 anos de idade, onde construiu uma sólida carreira como jornalista, à frente de *Fon-Fon!* e *Selecta*. Logo nas primeiras edições da revista, utilizando o pseudônimo D. Picolino, Gasparoni publicou o que denominou de alguns “Pensamentos Profundos”, os quais constituíam notas humorísticas, relativas ao universo das mulheres, demonstrando sua visão a respeito do gênero feminino.

Em quatro verbos se define a mulher: mamar, amar, domar e teimar.
Em amor é que se respeita o seguinte adagio:
- Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje.
Qual é a separação que em vez de lagrimas provoca alegria?

marcado pelo movimento modernista brasileiro, cuja intenção era abandonar os antigos ideais estéticos, característicos do século anterior, na tentativa de aproximar-se das experiências estéticas e culturais que ocorriam na Europa naquele momento.

- O divórcio.

A viúva é um livro (às vezes interessante) cujas paginas foram arrancadas, mas do qual a leitura ficou interrompida.

Para agradar, tentar e reinar, eis a mulher. Reinar só, as sogras. (*FON-FON*, 1907, n. 3, p. 29).

Em 31 de julho de 1919, o jornal carioca *Correio da Manhã* noticiou⁸ o falecimento de Gasparoni, enaltecendo as qualidades do jornalista:

⁸A noticia do fallecimento do sr. Alexandre Gasparoni surprehenderá certamente a todas as pessoas que o conheciam. Ainda hontem, o sr. Gasparoni se mantivera no escriptorio de Fon-Fon, de que era um dos directores, até pouco depois das 5 horas da tarde, não manifestando absolutamente symptomas de um desenlace tão proximo. Dali se retirára directamente, para casa, pois sua esposa festejava seu anniversario. O sr. Gasparoni pelo seu espirito e lhaneza de trato conquistára na nossa sociedade, em cujo seio viveu desde a infancia, numerosas relações e amizades. Alexandre Gasparoni veio da Belgida para o nosso paiz com a idade de 12, tendo nascido nas Antilhas em 1866, filho de pae italiano e mãe hespanhola. Aqui chegado entrou para o commercio, onde empregou sua actividade durante longos annos, para, pouco depois da fundação de Fon-Fon, entrar para éssa revista como um dos seus directores. Alexandre Gasparoni deixa viuva, d. Stella Gasparoni e tres filhos: mlle Odette, d. Stella Gasparoni Daudt, esposa do dr. João Daudt, e o sr. Mario Gasparoni, que serve no nosso consulado em St. Louis, Estados Unidos. Victimou-o uma embolia cerebral, ás primeiras horas da noite. O enterramento realiza-se hoje no cemiterio de S. João Baptista.

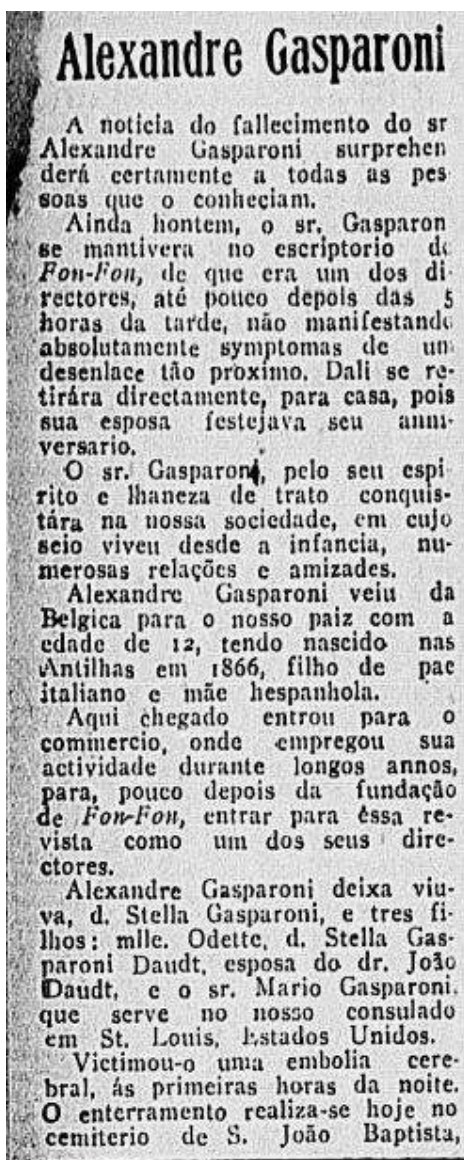


Figura 12: Texto sobre o jornalista Alexandre Gasparoni.

Fonte: Biblioteca Nacional, Correio da Manhã (1919, n. 7.458).

O carioca Luiz Gonzaga Duque Estrada, nascido em 1863, foi um importante escritor simbolista brasileiro. Casou-se com Julia Torres Duque Estrada, com quem teve quatro filhos. Teve importante participação em um grande número de periódicos da época, utilizando-se de pseudônimos, como “Alfredo Palheta, J. Meirinho, Diabo Coxo, Amadeu, o Risonho e André de Resende” (FUNDAÇÃO CASA RUI BARBOSA). Gonzaga Duque faleceu em 8 de março de 1911, no Rio de Janeiro.

Mario Pederneiras – irmão do caricaturista Raul Pederneiras – nasceu no Rio de Janeiro em 1868, filho do médico Manuel Veloso Paranhos Pederneiras e de

Isabel França e Leite Pederneiras. Casou-se com Julia Meyer, com que teve cinco filhos. Mario constituiu uma sólida carreira na literatura, cuja produção poética está em cinco obras fundamentais: *Agonia* (1900); *Rondas Noturnas* (1901); *Histórias do meu casal* (1906); *Ao léu do sonho e à mercê da vida* (1912) e *Outono* (1921), obra póstuma (FERREIRA; PEREIRA, 2011). O falecimento do poeta, em 1915, foi noticiado pela revista, pelas mãos de G. Flogliani, fundador e diretor da empresa *Fon-Fon!*:

Foi em 1906. Sabendo Mario Pederneiras que se pretendia editar *Fon-Fon*, logo se promptificou a executar-lhe o programma que tinha sido previamente delineado. E realmente, *Fon-Fon* não poderia ter encontrado outro executor mais fiel, mais carinhoso e mais habil. [...] Tendo tido Mario como companheiro e amigo no *Fon-Fon*, desde o primeiro número, agora que elle morreu, é pelo *Fon-Fon* que delle me despeço com o coração cheio de saudade (*FON-FON!*, 1915, n. 7, p. 21).

Na edição comemorativa do aniversário ao biênio de *Fon-Fon!*, em 1909, a revista apresentou seus colaboradores com bom humor e sarcasmo, assim como o fez com Mario Pederneiras e Lima Campos, redatores do magazine.

Estes dois, com Gonzaga Duque, reproduzem na actualidade, a lenda mythologica dos... tres irmãos siamezes. Se pertencessem ao sexo feminino, seriam... as tres Marias. E se não tomassem como desafôro arriscariamos uma comparação com as Tres Graças... barbadas e de oculos; (*FON-FON*, 1907, n. 15, p. 24).

Gonzaga Duque, que, na matéria, não aparece ao lado de Mario Pederneiras e Lima Campos, foi definido como "A gentileza feita homem... e bibliothecario municipal" (*FON-FON*, 1907, n. 15, p. 24).

O tom bem humorado, utilizado pelo magazine em seus textos, contemplava também as capas e ilustrações, como é o caso da capa publicada em 6 de janeiro de 1912, ilustrada por K.lixto, em que "Os trez reis" – poder, direito e capital – aparecem lado a lado, demonstra a maneira satírica e debochada de tratar dos assuntos, característica fundante do magazine.



Figura 13:Capa da revista *Fon-Fon!* em 1912 “Os trez reis”.

Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon-Fon!* (1912, n. 1).

Além dos conteúdos políticos, o teor da revista era composto por um sumário diversificado, o qual noticiava os acontecimentos mais relevantes do Rio de Janeiro e do país por meio de páginas ilustradas e seções, com destaque para as colunas sociais que veiculavam fotos das principais personalidades da elite fluminense, bem como "Noivas" e a seção intitulada "Página Infantil", que retratavam a participação dos filhos da sociedade em eventos grandiosos, como batizados e casamentos.

Entre as seções da revista, destaca-se "Fon-Fon feminino", que trazia as novidades da moda em voga no período, tendo suplemento anexo de moldes, riscos

e bordados para reprodução das peças apresentadas. Em consonância, na coluna intitulada “A arte de vestir, cortar e costurar”, o prof. J. Dias Portugal trazia lições práticas de corte e costura do método “Toutemode” – ensino sem mestre.

As colunas “Páginas do Lar” e “Culinária de bom gosto” aconselhavam as mulheres sobre vida doméstica e culinária. Na coluna “A arte de ser bela”, as mulheres eram informadas sobre o universo da beleza, comportamento e tendências de moda, como é o caso da coluna publicada em agosto de 1932, que ensinam “como se devem usar as flores”, indicando que “[...] nada tão lindo como uma mulher joven, elegante, trazendo um ramo de flôres consigo” (FON-FON, 1932, n. 35, p. 52); bem como “alguns conselhos sobre o modo de trajar”, ao informar que “é preciso seguir as regras da esthetica para acompanhar com sucesso todos os generos de modas” (FON-FON, 1932, n. 35, p. 52), indicando as cores de roupas e acessórios adequados para o tom de pele, estatura ou idade de cada mulher.

Por sua vez, a coluna “Conselhos às mães” consistia em uma página médico-infantil, escrita por Rinaldo de Lamare, que orientava sobre os cuidados destinados às crianças. Em julho de 1937, o médico informava a respeito de nutrição infantil, ao alertar que o diagnóstico deve ser dado apenas por um pediatra, abstraindo-se da “[...] suspeita de fome levantada pelas pessoas que cercam o pequerrucho não passa, quasi sempre, de palpite” (FON-FON, 1937, n. 28, p. 46), e enfatiza: “As mães pódem suspeitar, mas sómente cabe ao medico diagnosticar com segurança” (FON-FON, 1937, n. 28, p. 46).

Na coluna “Deixe-me ler a sua mão”, baseada no método de interpretação e adivinhação da quiromancia, a seção trazia perguntas enviadas por leitores com respostas de Yves, pseudônimo de Bastos Portela.

Já as colunas “Contos ilustrados” e “O conto brasileiro” traziam romances divididos em capítulos publicados semanalmente. “Saibam todos” e “Atualidades” tratavam de atualizar o público leitor dos principais acontecimentos da sociedade fluminense. “De Hollywood” e “PR 1 - Fon-Fon” tratavam das novidades do cinema e rádio. “Seára alegre”, página de humor, publicava charges e notas bem-humoradas e “Palavras cruzadas”. Havia, ainda, “Notas de arte” e “Escriptores e livros”, que realizavam a crítica literária e artística.

Nas primeiras décadas da *Fon-Fon!*, o grupo que compunha inicialmente o quadro de redação e edição da revista viu-se renovado, sobretudo em função do

falecimento de vários de seus integrantes. Ainda assim, a alternância do quadro diretivo da revista jamais ocasionou a interrupção de sua periodicidade.

Na edição número 15 de 1928, *Fon-Fon!* publicou uma matéria de comemoração de seus 21 anos de existência, fazendo um balanço de sua trajetória até o momento, bem como exaltava os nomes dos colaboradores que contribuíram para sua história. A matéria enfatizava que “Fon-Fon foi o grito do progresso, da novidade, da elegancia, da civilização” (FON-FON, 1928, n. 15, p. 46).

Pouco a pouco, porém, Fon-Fon foi evoluindo o de revista bizarra, caricatural e espirituosa para aquilo em que definitivamente se tornou: em magazine mundano, de actualidade, de elegancia, de litteratura amena, leve caprichosa e scintillante. [...] Aos poucos, Fon-Fon deixou de aconselhar aos almirantes [...] para varsejar, louvando a esbelteza das mulheres cariocas; deixou de entrevistar, espiritualmente, a Pedro Alvares Cabral, para indagar dos trezentos de Gedeão suas opiniões sobre as modas, os livros e as filhas de Eva; deixou a critica pelo chiste e a caricatura pela ironia suave e piedosa (FON-FON, 1928, n. 15, p. 45).

Com a equipe formada pelo modernista coronel Sergio Silva, Gustavo Barroso, Martins Capristano, o poeta Hermes Fontes, Elcías Lopes, Mario Poppe e Bastos Portela desde o ano de 1922, “Fon-Fon definiu a linha ideológica desses intelectuais, alguns deles que a compôs durante toda a Era Vargas, sendo que a maior parte oriundos do Modernismo, nela permaneceram até sua última edição” (NAHES, 2007, p. 102).

A postura política e ideológica da revista alinhava-se, claramente, às diretrizes propostas pelo governo varguista, sobretudo no período delimitado por Estado Novo, entre os anos de 1937 a 1945. Em dezembro de 1938, Alziro Zarur, radialista e jornalista, escreveu para *Fon-Fon!* na coluna PR1-Fon-Fon, sobre a importância do rádio na difusão de informações e como instrumento de propagação dos ideais políticos, exaltando o caráter nacionalista e unitário, próprio do governo estadonovista:

Alberto Torres, com aquella visão preclara de sociologo profundo, sonhou com uma <<unidade nacional>> que transformaria o Brasil em potencia americana, digna de um cotejo com as potencias européas.

A semente germinou. Encerrava-se um sonho iluminado por todas as luzes do idealismo patriotico. Annunciava a aurora de um Brasil sem brasis, um Brasil indissoluvel, inaccessible aos partidarismos fragmentadores.

Neste anno agitado de 1938, deu-nos o Estado Novo um Brasil mais Brasil, com uma bandeira só. A bandeira do gaúcho é a bandeira do paulista. A bandeira do carioca é a bandeira do bahiano. Não teremos paizes dentro do Paiz.

Constróe-se, não ha duvida, o edificio-colosso de uma grande nacionalidade. Na escola, no lar, no livro, no jornal, sopra uma aura bôa de brasilidade. Signaes de um Brasil maior e melhor, erguido sobre os alicerces inabalaveis da <<unidade nacional>>.

O radio, entretanto, não contribue com o coeeficiente decisivo da sua força poderosa. Dolorosamente, sua contribuição é minima. Falta-lhe o sentido legitimo da brasilidade. E é justamente elle o factor por excellencia da <<unidade nacional>>, milagre de suggestão e ubiquidade...

Espero do Estado Novo este beneficio á nacionalidade: fazer do radio o instrumento principal da preparação do Brasil de amanhã. Crie, para isso, o Ministerio da Propaganda - necessidade urgente - e faça do radio seu eixo-mór. Mas dê ao Brasil o povo que elle merece, instruido e educado dentro dos principios da <<unidade nacional>> (FON-FON, 1938, n. 54, p. 32).

Em concordância, em junho de 1941, Mario Poppe exaltava as qualidades do chefe de estado, corroborando o alinhamento ideológico da revista aos princípios do Estado Novo:

[...] agora que o Estado Novo é a resultante de um imperativo histórico admiravelmente aproveitado pelo Presidente Getulio Vargas e que, ao ser fundado, teve o apoio incondicional das forças armadas e do povo. Homem de energia inquebrantavel. Getulio Vargas sentiu necessidade de salvar o Brasil do caos político, e não hesitou um instante em fundar o Estado Novo, cujas diretrizes marcantes seguem o seu rumo, para o bem da nação.

[...] Ergue-se o Brasil de posse de si mesmo, e para tanto, bastou apenas a prática de um nacionalismo sadio, que deu a conhecer ao brasileiro toda a exuberancia da sua força.

A nação que trabalha, prestigiando o seu grande Presidente, colhe os frutos da política nova e marcha feliz num ambiente de paz absoluta (FON-FON, 1941, n. 26, p. 56).

Em setembro do mesmo ano, em matéria intitulada “O Dia da Pátria”, comemorando a independência nacional, Elcías Lopes destacou a importância de se educar os jovens nos princípios da unidade social, de modo a garantir a continuidade do sistema político vigente.

O Estado Novo, sob as salutarens inspirações de um profundo e intenso sentimento de brasilidade, vem operando no espírito da nossa juventude um produgioso e bem orientado trabalho de formação de sua consciência civica, de esclarecida e fecunda educação patriotica.

[...]

Os princípios que inspiraram e consubstanciaram os ideais de renovação e fortalecimento da estrutura política, administrativa, moral e espiritual do Brasil, constituem, hoje, um imperativo de fé, um código de civismo, uma mística educacional da consciência nacional. A missão educativa das gerações que se formam no espírito e na exata compreensão dos deveres e obrigações que lhes impõem o serviço e o culto da Pátria, hoje, mais do que nunca, é função imediata, ação segura e firme do Estado. E essa tem sido a exemplar, solícita e constante preocupação do Estado Novo. No culto dos nossos heróis, dos nossos pro-homens, na reverência da nossa fé e da nossa admiração pelas figuras máximas que, ainda hoje, iluminam o nosso cenário histórico; na devoção dos nossos altares e dos nossos lares se inspira, alenta e tempera, o espírito nacional, refletindo, nos impulsos do seu patriotismo, um gesto de beleza, uma atitude de amor, uma eucaristia de religiosidade (FON-FON, 1941, n. 37, p. 3).

Feitas tais considerações, percebe-se que, durante um extenso período, o *Fon-Fon!* atendeu a sua proposta inicial de retratar, de maneira satírica e crítica, as novidades do Rio de Janeiro e do Brasil, dando aos aspectos políticos maior abrangência que aos assuntos diversos. Entretanto o magazine não se absteve de acompanhar as mudanças que a dinâmica social exigiu, alterando, paulatinamente, o foco e o público principal da revista.

Em julho de 1943, o *Fon-Fon!* anunciava que passaria por adequações, de modo a acompanhar as mudanças exigidas pela modernidade. Elcías Lopes encarregou-se de apresentar o novo magazine:

Humorismo, notas de arte, beleza e moda feminina, páginas infantís, cuidados com a criança, culinária, completarão o variadíssimo texto do FON-FON na sua nova fase de magazine para todos, adaptado e ajustado á vida moderna (FON-FON, 1943, n. 31, p. 3).

Entretanto as modificações não ocorreram de forma radical e imediata, visto que a revista conservou muitas de suas antigas seções. Além destas, o magazine apresentou outras seções, de natureza literária, histórica e técnica, caso de "Ser ou não ser...", sobre teatro; "Páginas da História", escrita por Gustavo Barroso; "Através dos livros"; "Plantar e criar" etc., além das novelas e contos de assuntos diversos.

A análise dos conteúdos veiculados pela revista, no decorrer de suas publicações, permitiu perceber a transformação de seus conteúdos que, antes dotados de maior acidez e criticidade, passaram a voltar-se com maior ênfase ao universo feminino. Em "A arte de ser bela", publicada em agosto de 1943, as leitoras de *Fon-Fon!* liam sobre a maneira considerada correta para depilar as sobrancelhas

("Com isso não se busca somente embelezar, mas, também, reparar certas imperfeições") e sobre os remédios caseiros para evitar enjoos nas viagens.

A respeito das orientações às mulheres que trabalhavam como "datilógrafas ou em outra função qualquer", *Fon-Fon!* alertava para a maneira correta de apresentação pessoal, enfatizando que a limpeza, o bom gosto e a elegância eram atributos imprescindíveis às mulheres trabalhadoras, argumentando: "Por mais eficiente que seja a jovem haverá momentos em que possa cometer erros. Estas pequenas faltas ou descuidos o chefe suportará com paciência, mas o que ele não admitirá é o desleixo ou descuido na pessoa" (FON-FON, 1943, n. 32, p. 20).

A postura e comportamento femininos eram assuntos recorrentes na nova fase da revista. Em "Páginas do Lar", *Fon-Fon!* repreendia as "Cousas de mau gosto", tais como conversar em voz alta; pronunciar frases atrevidas e sem graça; falar constantemente da enfermidade que nos aflige; ficar em posição muito cômoda durante uma visita; cruzar as pernas exageradamente; usar palitos; pôr os cotovelos sobre a mesa; e dar a mão a uma senhora que está de luva (FON-FON, 1943, n. 32, p. 18). Além destas, a coluna alertava para "o que a dona de casa deve saber", ensinando truques simples que aperfeiçoariam o ofício de cuidar do lar.

O discurso de caráter maternal também era assunto recorrente nas publicações. Em março de 1950, *Fon-Fon!* dava, às mães, dicas sobre educar seus filhos, dos cuidados para que fossem crianças saudáveis, uma temática explicitamente ajustada à preocupação higienista característica do período.

Muitos pais dizem que não vale a pena tratar os dentes de leite, porque as crianças, forçosamente, os perderão pelos definitivos. Isso é um erro, porque esses dentes têm uma importância fundamental para a saúde e garantia de formação correta dos dentes permanentes.

Qualquer alimentos que a criança vá tomar pela primeira vez deve ser-lhe dado em pequena quantidade, para que se vá acostumando aos poucos e demonstre sua intolerância. Nunca se deve começar com mudanças bruscas e fundamentais, já que o organismo tem que adaptar-se paulatinamente a suas novas funções (FON-FON, 1950, n. 2238, p. 10).

A publicidade veiculada pela revista completava o discurso difundido em seus conteúdos. Nos anúncios publicitários, presentes no periódico, os temas principais concentravam-se no universo da beleza feminina e nos produtos para facilitar o dia a dia da dona de casa ou, ainda, ajudar no cuidado com os filhos.



—É facilímo acertar o "ponto"—

— usando composto «A Patrôa»!

BOLOS BONITOS e saborosos são feitos com Composto «A Patrôa», insuperável produto fabricado pela Swift do Brasil! De textura macia, torna fácil bater bolos que ficam mais crescidos e mais saborosos. E por não conter umidade, o Composto «A Patrôa» evita que a massa fique empastada e cheia de bolhas — tornando fácil, portanto, acertar o «ponto». Experimente-o hoje!

Alegre os aniversários, celebrando sua casa com bolos feitos com Composto «A Patrôa», que é doce, econômico, e ideal também para as festas.

COMPOSTO
A Patrôa
UM PRODUTO DA
Swift do Brasil

* Ponhando metais, o Composto «A Patrôa» vende-se agora também em caixas higiênicamente protegidas.

— HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS —

Figura 14: Anúncio publicitário “A patrôa”.

Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon-Fon!* (1943, n. 39).



natural ou permanente

Óleo PALMOLIVE
conserva o seu penteado

FEITO de óleos minerais super-refinados e importados dos Estados Unidos, o Óleo Palmolive é o único que resiste a todos os testes para manter o ondulado “permanente” dos cabelos. Porque é um óleo finíssimo, evita que os cabelos se ressequem. O Óleo Palmolive ajuda a conservar a saúde e o vigor dos cabelos. Suavemente perfumado.

AMACIA
E PERFUMA
OS CABELOS

**ÓLEO
PALMOLIVE**

Figura 15: Anúncio publicitário “Óleo Palmolive”.

Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon-Fon!* (1945, n. 43).

Entretanto, em setembro de 1958, *Fon-Fon!* publicou um aviso ao público sobre a suspensão de sua publicação, em virtude de a empresa não ter recebido a maquinaria encomendada na Alemanha, impossibilitando-a de melhorar os aspectos gráficos, necessários àquele tempo (FON-FON, 1958, n. 2637, p.3). A revista *Fon-Fon!*, após 51 anos de existência, despedia-se de seus leitores e encerrava meio século de convivência ativa tanto na educação das mulheres quanto no processo modernizador do país.

Feitas tais considerações, nota-se que a trajetória percorrida pelo periódico indica que, nas décadas iniciais de sua publicação, os conteúdos veiculados eram, em sua maioria, referentes aos acontecimentos políticos locais, bem como temas diversificados, que agradariam um público de maior abrangência. Entretanto a mudança do slogan da revista para “*Fon-Fon! Uma revista para o lar*” indica claramente o público para o qual o periódico viria a dirigir-se com atenção especial: as mulheres da elite carioca.

Em suma, percebe-se que, embora o novo *Fon-Fon!* tivesse prescindido de tratar de assuntos políticos com a frequência que antes lhe era característica, o magazine não deixou de expressar sua atuação política, uma vez que os conteúdos publicados, referentes ao universo feminino, traziam, de maneira implícita, uma visão de mundo que se almejava difundir.

4. MODERNIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO MATERIAL E SOCIAL NO BRASIL: A AÇÃO PEDAGÓGICA DA REVISTA *FON-FON!*

Esta seção apresenta os principais desdobramentos históricos que marcaram a época na qual repousa o objeto de estudo deste trabalho. A seleção e análise dos conteúdos publicados pela revista *Fon-Fon!*, nas décadas iniciais do século XX, foram realizadas a fim de se demonstrar como o discurso presente nos textos, imagens, anúncios publicitários e opiniões de seus colaboradores representava o desejo nacional pela modernização ou se este trazia consigo, de maneira implícita, um enunciado conservador. Assim, analisa-se a maneira como os conteúdos de *Fon-Fon!* expressavam as questões de seu tempo e, por conseguinte, emitiam enunciados educativos para seu público leitor.

4.1 O BRASIL ENTRE O IMPÉRIO E A REPÚBLICA: A MODERNIZAÇÃO RECLAMA POR CIVILIDADE

Os anos finais do império e os primeiros tempos da república foram marcados por transformações substanciais na sociedade brasileira. A abolição da escravatura, efetivada em 1888, o consequente estabelecimento do trabalho livre com o apoio de sucessivas levas de imigrantes chegados da Europa, a ascensão da burguesia na condição de classe dominante efetiva e o surgimento de uma nova mentalidade alteraram profundamente a forma de viver da população brasileira.

No Brasil a modernização aconteceu talvez até mais rápido que imaginavam os militares positivistas proclamadores da República. Nosso país, independente em 1822, não mais escravagista em 1888, republicano em 1889, enfim entra no compasso mundial e faz acontecer o seu processo de modernização. Era preciso acertar os ponteiros com o relógio mundial, pois, desde 1870, acontecia uma efervescência científico-tecnológica que tomava conta da Europa da qual o Brasil ainda não participava efetivamente. A passagem do século XIX para o XX foi, então, recheada de acontecimentos nas terras brasileiras. O contexto interno já apresenta expansão cafeeira, crescimento industrial significativo, imigração estrangeira (e conseqüente aumento da população), constituição de um sistema ágil de transporte, crescimento e desenvolvimento das cidades, ampliação do mundo do trabalho. As novas elites brasileiras queriam isso e muito mais: queriam uma industrialização imediata e a modernização a qualquer custo [...] (SILVA; LEHMKUHL, 2008, p. 4).

Além desses efeitos, a consolidação do sistema capitalista de produção no Brasil desencadeou um processo de urbanização que, aos poucos, influenciou na dinâmica da vida do campo, aumentando o fluxo de indivíduos para centros urbanos em busca de melhores condições de vida e trabalho e, ao mesmo tempo, afirmava a industrialização como uma nova fase do processo produtivo. Nesse período,

[...] a maioria da população vivia na área rural cultivando a terra com técnicas primitivas. Através da primeira metade do século XIX, a maioria das cidades continuava a ser locais pacatos com ruas lamacentas, transitadas por mulas de carga, porcos e galinhas, embora também servissem com centro social, religioso e de comércio para as áreas vizinhas. Os meios de transporte eram rudimentares e as indústrias de manufatura eram praticamente inexistentes (HAHNER, 1981, p. 30).

A Proclamação da República, ao contribuir com o estabelecimento de novas relações entre os indivíduos, diminuindo significativamente o poder das velhas oligarquias, trouxe, também, outras exigências sem as quais a sociedade brasileira sofreria abalos e nem poderia manter o processo transformador em curso. Nesse sentido, “[...] foi preciso criar mecanismos que reforçassem a ideia de unidade nacional”, de modo a “[...] amenizar os descontentamentos e evitar as insurreições rebeldes” (MOURA, 2012, p. 217-218). Logo, “[...] o sentimento nacionalista foi um desses mecanismos e o discurso médico tornou-se o veículo ideal” (MOURA, 2012, p. 217-218).

A inauguração de novos tempos não significou, entretanto, a construção de um país no qual todos os segmentos teriam oportunidades iguais até porque a incipiente classe média, ainda nos primórdios da sua formação, não acumulava forças para se desvencilhar da oligarquia rural, preponderante até a Revolução de 1930.

O crescimento da população, o desenvolvimento industrial, a urbanização, a formação do proletariado e a ampliação da classe média, a crise que atingiu a economia cafeeira, a crise internacional de 1929, as contradições entre os vários setores de produção e o aparecimento de novas ideologias propiciaram a revolução de 1930, que inaugurou um novo período na história do Brasil (COSTA, 1999, p. 490).

Jorge Street, ao defender a industrialização do Brasil na conferência proferida no Instituto de Engenharia de São Paulo em 29 de setembro de 1935, fez um balanço da situação do país durante a implantação do regime republicano:

Negar a existência de uma questão social no Brasil foi um erro. É certo que entre nós o problema não se apresentava com a acuidade de outros povos. No entanto, ela existia. Se entre nós o trabalhador nunca teve, depois da primeira grande lei social da libertação dos escravos, uma vida que se pudesse, nem de longe, chamar de trágica, tal qual nos mostram os inquéritos e as publicações da Europa industrial, havia entre nós, no entanto, incontestavelmente, abusos e injustiças contra crianças, mulheres e, mesmo, operários homens, no que diz respeito à idade de admissão do horário e do salário, principalmente. E sabeis que falo de experiências própria [sic], porque durante mais de 35 anos dirigi fábricas com milhares de operários e sei bem o que vos digo. Confesso que trabalhei com crianças de 10 ou 12 anos e talvez menos, porque, nesses casos, os próprios pais enganavam. O horário normal era de 10 horas e, quando necessário, de 11 ou 12 horas. O que vos dizer das mulheres grávidas que trabalhavam até a véspera, que vos dizer? Até quase a hora de nascer o filho. Não preciso explicar os exemplos, dito estes unicamente para mostrar que o problema existia (STREET⁹, 1934).

Por conseguinte, esse cenário desencadeou mudanças expressivas nos modos de ser e agir da população brasileira, em parte influenciada pelos imigrantes que traziam hábitos de vida ignorados pelos brasileiros.

A visão de *Fon-Fon!* sobre a civilidade dos brasileiros foi deixada clara em vários momentos da revista. Em 1909, a revista decretava: "Ah! a nossa civilização... que graça, senhores. As vezes ella me parece uma bonita garrafa de champagne, encarapuçada de casquilha dourada, rotulada artisticamente, mas guardando agua chóca" (FON-FON! 1909, n. 35, p. 11). Novamente, em 1911, *Fon-Fon!* avisava: "Vamos, continuemos a cantar a nossa civilização, mas, a respeito de civilidade, é sempre bom silenciarmos" (FON-FON, n. 28, p. 9).

Em texto publicado em 1911, *Fon-Fon!* refletia sobre a falta de bons costumes e civilidade do povo brasileiro. "O Rio de hoje tem avenida, bondes electricos, petits-bleus, automoveis, e cousas... mas, civilidade, ci-vi-li-da-de, boas ! ... É ainda o velho Rio patrialchal dos chinelos e das calças d'enfiar" (FON-FON, n. 28, p. 9).

Os hábitos dos brasileiros à mesa também foi assunto tratado na ocasião, não escapando, ao colaborador, a oportunidade de tecer uma crítica aos políticos:

Não ha muito, um de nós viu com os seus proprios olhos, que a terra ha de roer, um dos grandes brasileiros representativos comer com a faca! Isso, então, é costume que não se apaga nem se deixa. Comer,

⁹ Fragmento de texto retirado da conferência proferida no Instituto de Engenharia de São Paulo, em 29 de setembro de 1934. O trecho insere-se na obra "**Ideias sociais de Jorge Street**. Cronologia, introdução, notas bibliográficas e textos selecionados", organizado por Evaristo de Moraes Filho em 1980.

nesta terra, só o sabem por artes da surrupiagem, em negocios da Política. Mas, comer á mesa, como gente civilisada: comer sem incommodar e enojar os que são limpos, é cousa que pouca gente sabe fazer (FON-FON, n. 28, p. 9).

No texto intitulado “A regeneração do houveram”, publicado em *Fon-Fon!* em 1911, critica o estabelecimento da reformulação ortográfica da língua como prioridade. Diz a revista que, “Attendidas todas as nossas necessidades urgentes, desfeitos os erros e defeitos que nos enfeivavam a vida e feito, o Congresso não descançou e foi procurar nos archivos poeirentos da instrução publica, a fonte para as suas novas iniciativas” (FON-FON, 1911, n. 38, p. 26). Sua crítica continua ao afirmar que “Não há duvida que houveram; pois numa época em que se trata de regenerar tudo, inclusive costumes políticos, é natural que a grammatica... soffra” (FON-FON, 1911, n. 38, p. 26).

A regeneração do “houveram”

E' consolador e orgulha, o magnifico movimento de progresso e de civilização, que se vae notando em todas as expansões da nossa energia social.

Nos menores detalhes, nos mais simples movimentos; nota-se uma preocupação seria de melhorar, de subir, de concertar erros antigos, defeitos classicos.

E não se pode negar que ao Congresso Nacional cabe uma grande parte desta iniciativa admiravel.

A boa vontade, o interesse e a dedicação reuniram-se sob o tecto das nossas Camaras para dar combate ao obscurantismo e ao atrazo.

Agora mesmo, temos uma prova solemne do modo porque o Congresso encara a nossa civilização.

Attendidas todas as nossas necessidades urgentes, desfeitos os erros e defeitos que nos enfeivavam a vida e feito, o Congresso não descançou e foi procurar nos archivos poeirentos da instrução publica, a fonte para as suas novas iniciativas.

Ora, isto é perfeitamente louvavel e orgulha seriamente a alma do Povo.

Pensando assim, a Camara e o Senado, numa perfeita unidade de vistas foram ao deposito esquecido dos erros grammaticaes e de lá retiraram a impessoalidade da forma grammatical do *houveram* e como não encontrassem motivos justos para o esquecimento em que o haviam deixado os ensinamentos didaticos, trouxeram-no para a vistosa ornamentação do seu estylo parlamentar.

Varios congressistas conhecidos, haviam aprendido que o sujeito concorda sempre em numero com o verbo.

E attendendo a esta sympathica concordancia tiraram, por vontade propria a impessoalidade da formula verbal *houveram* e fizeram-na ligar-se á pluralidade sujeita.

A idéa foi bem recebida e o *houveram* la veio do seu desterro involuntario de erro classico, para as fileiras dos acerto grammaticaes.

Um dia o Sr. Francisco Salles, no Senado, respondendo a um discurso do Sr. Ruy Barbosa sobre uns tantos acontecimentos occorridos em Barbacena com alguns estudantes, exclamou:

— Não *houveram* perseguições.

Aquelle *houveram* doeu no ouvido dos assistentes, a grammatica torceu um pouco o nariz, mas como se tratava de politica, foi permittida a incursão do *houveram* nos arroubos do estylo parlamentar.

Tempos depois o Marechal Pires Ferreira, a proposito dos estafados casos do estado de sitio, perguntava tambem da tribuna do Senado com a sua admiravel voz de commando:

— *Houveram* ou não *houveram* fuzilamentos?

Como ninguem sabia se *houveram* ou não *houveram* ninguem respondeu.

E o erro grammatical passou como passam tambem os actos do sitio.

Agora, ha poucos dias, o Sr. Felisbello Freire, na Camara, ainda a proposito dos actos do sitio, affirmava ao Sr. Irineu Machado:

— Não *houveram* violencias.

Estava feita a regeneração da repellida formula grammatical.

Houveram deixava o seu feio e dissonante aspecto de erro, para entrar triumphalmente na cathegoria das boas normas da rhetorica congressista.

Houveram razões para justificar esta regeneração.

Não ha duvida que *houveram*; pois numa época em que se trata de regenerar tudo, inclusive os costumes politicos, é natural que a grammatica... soffra.

Figura 16: Texto “A regeneração do ‘houveram’”.

Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon-Fon!* (1911, n. 38).

A convivência com costumes estrangeiros, com a nova realidade do mundo do trabalho e com as modernizações da vida industrial delineava caminhos para a formação de uma nova mentalidade que sustentasse a formação de um sentimento de pertencimento ao país e a construção de uma identidade nacional, bem como de um ciclo de desenvolvimento material acentuado, se comparado aos anos iniciais da república.

4.2 O BRASIL TRANSFORMA-SE: A URBANIZAÇÃO E AS PRÁTICAS HIGIENISTAS DO IMPÉRIO PARA A REPÚBLICA

Desde o século XVIII, a precariedade do estado da área urbana no Brasil não condizia com o padrão europeu de civilidade, ambicionado pelas elites governantes. Entretanto não se pode supor que a preocupação com melhorias nos centros urbanos existentes era uma questão a ser enfrentada corriqueiramente pela classe política. Ao povo pouco se oferecia, e, quando havia mudanças estruturais nas cidades, o objetivo primeiro era o atendimento das demandas da elite nos locais onde esta se instalava.

O período transitório entre os séculos XIX e XX no Brasil destaca a emergente industrialização, abolição do escravismo e grande fluxo imigratório, especialmente composto por imigrantes europeus. Contudo, apesar dessas transformações, as estruturas socioeconômicas brasileiras não sofreram alterações profundas, tendo em vista que “[...] o sistema de clientela e patronagem que permeava toda a sociedade minimizou as tensões de raça e de classe” (COSTA, 1999, p. 15), inviabilizando conflitos sociais de maior amplitude, garantindo, assim, a perpetuação dos valores tradicionais e elitistas.

A escravatura, abolida em 1888, havia ficado no passado, contudo a substituição do trabalho compulsório pelo livre foi um dos fatores propulsores do êxodo rural, aumentando significativamente a massa de população urbana. Supostamente livres das amarras da escravidão, os ex-escravos foram inseridos num contingente de subempregados e desempregados, continuamente preteridos em favor dos trabalhadores europeus.

O descompasso entre o aumento populacional e a oferta de empregos na cidade teve como consequência imediata o aumento da

criminalidade que, somada aos problemas de habitação, de infraestrutura e de saúde, compunha um quadro nada favorável para a cidade sobre a qual se projetavam expectativas de que viesse a se tornar um grande centro cultural e econômico, capaz de absorver e transmitir ao resto do país as grandes transformações que já aconteciam na Europa (FEIJÃO, 2011, p. 25).

O estabelecimento de indústrias e manufaturas ao redor das cidades, com a concentração da força de trabalho naqueles locais, marcava a inadequação da infraestrutura urbana, cujo despreparo no recebimento da desordenada aglomeração de pessoas se acentuava à medida que as respostas dos governos locais tardavam e, quando vinham, não reuniam forças suficientes para atender às urgências da crescente urbanização.

Ademais, o cotidiano vivido pela maioria da população recém-urbanizada caracterizava-se pelo excesso de trabalho, alimentação deficiente, moradias insalubres inadequados cuidados básicos de higiene ou ausência destes cuidados, condições geradoras de doenças que na época, eram fatais, como, por exemplo, a diarreia e gastroenterites, a sífilis, a tuberculose, a coqueluche, a febre tifoide, a meningite e outras, além de tantos outros males (BOARINI, 2012, p. 26).

Moura (2012), diante desse quadro, pontua a exigência da construção de uma nova ordem urbana à medida que

políticas de saneamento precisavam ser desenvolvidas para minimizar a insalubridade que se espalhava no território das cidades. Assim, os discursos de “higiene” foram se institucionalizando e provocando rápida evolução da higiene pública no Brasil [...] (MOURA, 2012, p. 189-190).



Figura 17: *Fon-Fon!* no Estado do Rio¹⁰.

Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon-Fon!* (1911, n. 42).

Na ausência de uma legislação pública que regulamentasse a limpeza das cidades, as estreitas e sujas ruas estendiam o espaço das casas, utilizadas como locais para criar e abater animais, lavar roupas e outras práticas consideradas, naquele momento, inadequadas à mentalidade burguesa, instaurada no período. A situação caótica levou a *Fon-Fon!* a manifestar seu desgosto com os hábitos anti-higiênicos:

É um velho costume aqui no Rio o de transformar as antigas residências apalacetadas, que estão fora da moda, em réles casas de commodos. Em quasi todas as ruas desta grande cidade existem casarões vetustos, que fôram palacetes nos tempos idos ou mesmo

¹⁰ Serviço de drenagem no Rio Estrella pela comissão de saneamento da baixada do Estado do Rio de Janeiro.

casas de fazenda, na época em que a cidade não se estendia até onde hoje em dia vai. Antes de demolir uma dessas enormes mansões, que têm 50 ou 60 quartos, fora as dependências, para construir uma dessas célebres avenidas ou villas, para elevar um novo palácio de acordo com o gosto de hoje, o seu proprietário entrega-o, gasta-o, transformando-o em vasta casa de commodos. Logo ele se enche de soldados de polícia, condutores de bondes, continuos de repartição e fica sendo um verdadeiro cortiço. Que lhe passa ao pé vê cordas de roupa ao sol, nos terraços e áreas, janelas tapadas com cortinas de estopa, galinhas passeando impunemente pelos corredores. Dentro, os corrimãos das escadas desaparecem levados para o fogo, os meninos arrancam azulejos ou quebram os florões dos varandins de ferro. É triste vêr nessa decadência e assim conspurcados os antigos solares dos nossos maiores, onde tanta gente foi talvez feliz, onde houve tanta festa e tanto luxo, e que vão desaparecendo do perímetro urbano, depois de arrastarem uma penosa velhice. Antes os derrubassem logo! (FON-FON, 1916, n. 9, p. 16).

Verifica-se, portanto, que, até esse momento, a noção de espaço público confundia-se com a de espaço privado (D'INCÃO, 2012, p. 225).

O espaço urbano, antigamente usado por todos em encontros coletivos, festas, mercados, convívio social etc., começa a ser governado por um novo interesse, qual seja, "o interesse público", controlado pelas elites governantes. Esse fato propiciou a modernização da cidade do Rio de Janeiro (D'INCÃO, 2012, p. 224-225).

Dessa maneira, no século XIX, a delimitação do espaço das residências estabelecia os limites de convívio e as distâncias sociais entre a elite e o povo, "[...] permitindo um processo de privatização da família marcado pela valorização da intimidade" (D'INCÃO, 2012, p. 228). O novo reordenamento físico nas áreas urbanas, resultante do êxodo rural, da industrialização e da acentuada imigração, traçou um desenho no qual os espaços públicos e privados determinavam limites ao qual a elite e classes populares se submetiam igualmente.

No início do século XX e em meio ao processo de industrialização, a cidade do Rio de Janeiro foi impelida a uma série de mudanças nas estruturas urbana e arquitetônica, empreendidas pelo então prefeito, Pereira Passos, durante o período em que esteve à frente do governo municipal, entre os anos de 1904 e 1906. Em nota publicada em 1909, *Fon-Fon!* exaltou as qualidades do ex-prefeito, reconhecendo seus grandes feitos em prol da transformação da capital federal:

Notas Agudas. — Bem merece todos os entusiasmos e todas as manifestações, este valoroso velho robusto, que volta revigorado e sadio, á nossa admiração e ao nosso bem querer. O Dr. Pereira Passos, o ex-Prefeito, como o consagra a estima popular, faz parte do pequeno, do reduzido numero, dos nossos idolos populares. A modernisação da cidade, a propria transformação dos nossos ronceiros habitos de aldeia, foram o seu programma de administração fecunda e trabalhosa.

Foi um trabalho ingente, custoso, difficil, que elle venceu com a galhardia de um bravo e a tenacidade de um moço.

O que ha ahi, deixado por elle, é perfeito esabido. Nunca obdeceu ao vicio do nosso provisorismo; nunca empregou a transitariedade na sua administração. Emprehendia, estudava e executava com o animo firme e uma resolução inquebravel.

Quanto lhe deve a cidade! E nós quanto lhe devemos!

Uma das extraordinarias qualidades do Dr. Rodrigues Alves foi esta, de saber escolher, de ir buscar para o lugar apropriado, a capacidade propria.

Tirou o Barão do Rio Branco da insipidez improductiva das representações diplomaticas. E elle saiu melhor do que a encomenda. Arrancou Lauro Muller aos desperdicios da Política rhetorica; e elle foi o excellente e activo Ministro que todos conhecemos. Foi buscar o Dr. Passos á especialidade da direcção de vias ferreas, e collocou-o á frente do Districto.

E com estes tres homens a vida nacional levou um tranco formidavel: agitou-se, civilisou-se e nós antigos bisonhos e provinciaes, começamos a palmilhar, com segurança, a... "senda do Progresso" como se dizia, antigamente em artigo de fundo,

Figura 18: Texto "Notas agudas".

Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon-Fon!* (1909, n. 34).

A região central do Rio de Janeiro recebeu atenção particular do prefeito Pereira Passos, cujas intervenções visavam transformá-la em "[...] cenário cosmopolita, que expressasse os valores e os modernos modos de vida das elites econômica e política nacionais" (FEIJÃO, 2011, p. 37).

Urgia adequar a cidade ao novo estado de coisas, garantindo à burguesia emergente um espaço adequado para as realizações. Consolidado o regime, a estabilidade garantida, restauradas as finanças, cabia ajustar a cidade ao ritmo do progresso, objetivo coletivo fundamental (SOIHET, 1989, p. 33).

Em 1909, a revista publicou texto intitulado "Argueiros por Cavalleiros", de autoria de Gonzaga Duque, sob o pseudônimo de Barrabas-Brentano, o qual

indicava a necessidade de se aformosear a cidade do Rio de Janeiro, ou seja, saneá-la.

Argueiros por Cavalleiros

A idéa da *Gazeta* com o concurso dos predios velhos, sobre ser interessante *achado* de reclame, tem a vantagem de lembrar (isso merece dez admirações) á Prefeitura Municipal a conveniencia de continuar o aformoseamento da cidade.

E é preciso attender que, quem hoje diz aformosear, diz sanear. São dous termos que se fundem.

O mais admirativo, porém, é o caso noticiado pela *Gazeta*, referente á propriedade da primeira casa velha que ella estampou. Esse predio, existente numa rua melhorada, pertence á Santa Casa.

E', por tanto, a Misericórdia do Rio de Janeiro, riquíssima e colmada de beneficios, que mantem um predio anti-hygienico dentro de uma zona melhorada! Ora ali está um caso que faz lembrar o dictado: em casa de ferreiro espêto de pão.

Eu não sei bem como a sempre abundantemente elogiada administração da Santa Casa explicará esse retardamento, ella que não paga onus prediaes e possue dinheiro como os reis dos carvões e das estradas de ferro da Norte America. . . Mas, se me metter em taes funduras, sou pelo declarar que a Santa Casa nada entende de casa. E, para prova, temos aquelle enorme quadrilatero da rua do Hospicio, com volta pela do Nuncio, Senhor dos Passos e praça da Republica, que ella pôz abaixo, porque era um monturo, e levantando novos predios dotou a cidade com uma caranguejola de arrear o João Caetano de bronze, que o Sr. Campista desterrou da travessa Bellas-Artes para o parque da Republica.

Aquillo, quasi que se pôde dizer, foi emenda peor do que o soneto.

Como esteve, era um monturo; mas, como está. . . já lhe não vemos geito de o modificar. Agora é espe-

armos pelo seculo XXII, ou por outro vendaval mais forte do que o do Pereira Passos.

E se o caso continúa de averiguação em averiguação, esta Santa Casa acabará por se descobrir a proprietaria das casas do diabo!

Barrabas-Brentano.

Um cavalleiro tímido



— Não lhes cedo o meu lugar, minhas senhoras, porque a cadeira furada não chega para as duas.

Simplicio anda desconfiado que o seu filho mais velho, uma vez todos deitados, vai para a rua cahir na troça. Hontem chamou-o á ordem, dizendo-lhe:

— De hoje em diante, quando formos dormir e você fôr para o seu quarto, feche o ferrolho por dentro e *traga-me a chave*.

Figura 19: Texto "Argueiros por cavalleiros".

Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon-Fon!* (1909, n. 43).

Com a intenção de transformar a capital da república numa metrópole moderna, o projeto de urbanização do Rio de Janeiro trouxe grandes alterações na vida urbana do período, sobretudo para os trabalhadores, uma vez que a derrubada dos cortiços localizados nas áreas centrais da cidade desapropriou uma grande massa populacional, jogando-a para a periferia da cidade e mantendo-a limitada àquele perímetro.

Também, ao contrário dos "bem situados" que se guardavam dentro de suas mansões, protegidas por altos muros, os pobres, homens e

mulheres, tinham nas ruas e praças o espaço de seu lazer, em muitas das quais se buscava impedi-los de circular livremente, sendo a todo momento incomodados pela polícia (SOIHET, 2012, p. 365).

Ao refletir sobre as crenças e desejos que levaram à reforma da capital federal, Rosane Feijão (2011, p. 26) conclui que “[...] o pensamento da modernidade, dirigido pelo racionalismo, pelo cientificismo e pelas ideias de evolução e progresso constituiu, portanto, a base da inspiração das novas elites”.

Mauro de Bias (2013) conta que a cidade do Rio de Janeiro, que hoje recebe a alcunha de "Cidade Maravilhosa", no período anterior à Reforma Pereira Passos, era conhecida como "Porto Sujo" e "Cidade da Morte", tamanha a insalubridade em que se encontrava. A ocupação desordenada da área urbana tornava o ambiente propício para a propagação de doenças, como a peste, febre amarela, varíola, sarampo, disenteria, difteria e tuberculose.

Em razão desse quadro, o discurso propagado era o de que as doenças e a ignorância inviabilizariam a ascensão do Brasil ao status de uma grande nação. Argumentava-se que

[...] a higiene situava-se além da necessidade, visto que as doenças infectocontagiosas eram constantes, a política sanitária estava em seus primórdios e parques eram os recursos no campo da farmacologia no que tange a este tipo de doença (BOARINI, 2012, p. 25).

Portanto, a higiene tornou-se um elo de interlocução entre a medicina e a sociedade, garantindo legitimidade aos médicos sanitaristas no discurso que propunha medidas terapêuticas e de intervenção sanitária na zona urbana.

Nesse momento, a indústria brasileira estava em ascensão, emprestando asas aos sonhos do desenvolvimento industrial independente, despertando ufanismo da burguesia nacional ao mesmo tempo que lhe criava a ilusão de uma nação soberana. O movimento sanitário se associa a essa orientação ideológica do nacionalismo, envidando esforços no projeto de construção nacional (WANDERBROOCK JUNIOR, 2009, p. 27).

De acordo com o autor, “[...] a questão da higiene transcendia os cuidados físicos, e suas medidas se ajustaram também ao desenvolvimento das forças produtivas no país” (WANDERBROOCK JUNIOR, 2009, p. 25).

Como se vê, o processo de expansão do capital desencadeou uma marcha ao progresso, alicerçada em um plano ideológico de higienização dos costumes, tendo em vista que o desenvolvimento industrial exigia mudanças não apenas no plano econômico, com a alteração do polo produtivo do campo para a cidade, mas na dinâmica da sociedade como um todo. Garcia (2012, p. 145) salienta que “as propostas higienistas não se restringiam à higiene física ou dos espaços, foram direcionadas também à moral, à mente e ao comportamento humano”.

Logo, as modificações iam além da estrutura física da cidade. Fazia-se necessário modificar os hábitos e costumes da população, moldando-os a partir do padrão estético e ao estilo de vida da burguesia dos países europeus (FEIJÃO, 2011, p. 17). A modernização da cidade também requeria à população a civilização de sua linguagem e aparência pessoal, de modo a ajustá-las aos ideais da época, numa tentativa de assemelhar-se à burguesia francesa, tomada naquele momento como referencial de prestígio e distinção social.

A estética burguesa será objeto de apreciação das camadas sociais variadas, os costumes parisienses serão difundidos pelas camadas privilegiadas como sinal de grandiosidade e bom gosto, em especial nas vestimentas e nas edificações. Um padrão de moralidade burguesa predomina, se aproxima mais do modo de vida europeu e renega o nacional como “atrasado socialmente”. Será preciso manter a mente dos pobres distante dos vícios e pensamentos que degeneram o homem e educar as crianças pobres para o trabalho (SOBRINHO, 2012, p. 216).

Além disso, “[...] os cuidados com a higiene, a correção dos modos, as boas maneiras à mesa e a adequação e a distinção no vestir tornaram-se um símbolo e uma condição necessária àqueles que desejavam igualar-se à aristocracia européia” (RAINHO, 2002, p. 56).

A partir daí, verifica-se, em nome da moralidade, o aumento da vigilância e repressão especialmente contra as mulheres, as quais se censurava saírem desacompanhadas, em virtude de a rua ser considerada um “[...] espaço do desvio, das tentações” (SOIHET, 2012, p. 365).

No período que antecede a suspensão da escravatura no Brasil, “[...] as escravas compreendiam uma grande percentagem das prostitutas do Rio, muitas aparentemente obrigadas a se prostituírem por seus proprietários” (HAHNER, 2003, p. 211-212). Porém a preocupação com a saúde pública e, sobretudo, com o decoro

tornou a questão da prostituição no Brasil preocupação dos médicos higienistas, que propunham o controle dessa prática, limitando-a a locais específicos, como os bordéis.

Esses reformadores da medicina brasileira viam as prostitutas como mulheres cheias, preguiçosas, gananciosas e com a sexualidade muito exacerbada, que traziam a doença venérea para o “seio da família”. Mas eles também consideravam a prostituição um “mal necessário”, uma crença católica bem corriqueira (HAHNER, 2003, p. 215).

A prática da prostituição, enquanto atividade marginal, era considerada uma ameaça para a família brasileira, devendo ser combatida de modo a garantir a anulação de consequências físicas, como as doenças contagiosas, mas, sobretudo, as consequências morais. Porém não se tratava de eliminar definitivamente a prostituição, pois esta “[...] permitiria a realização do instinto sexual inscrita no homem enquanto natureza” (SOIHET, 1989, p. 203-204).

A prostituição eventual ou permanente era o caminho encontrado por muitas mulheres pobres que, diante de precária situação econômica, viam-se à margem das oportunidades de empregos e encontravam nessa prática um meio de garantir sua subsistência. De acordo com Rago (2012, p. 590), várias eram as profissões relacionadas à prostituição como “[...] floristas, modistas, costureiras, vendedoras de charutos, figurantes de teatros” e outras. Além disso, “[...] o nível mais alto da prostituição no Brasil incluía mulheres bem vestidas, bem empregadas, muitas delas estrangeiras, que circulavam livres, mas discretamente em lugares públicos” (HAHNER, 2003, p. 211).

Inserem-se, aqui, os embates entre a relação da pureza sexual, característica considerada imprescindível à mulher no período, e a prostituição. Para ser considerada honesta, a mulher, obrigatoriamente, deveria contrair o casamento, sendo a virgindade requisito fundamental.

Nesse sentido, a castidade feminina deveria estar a salvo, sob a vigilância atenta dos pais e da sociedade em geral, uma vez que, “além das conotações morais, carregava implicações práticas: podia ser barganhada para conseguir um ‘bom casamento’ que trouxesse benefícios para toda a família da noiva” (FONSECA, 2012, p. 529).

Dessa forma, impedir às mulheres que absorvessem como normalidade os desvios de conduta passava a ser uma das condições do desenvolvimento industrial,

portanto, a sociedade não somente deveria adequar-se estruturalmente à nova realidade como também, e principalmente, a emergente classe trabalhadora necessitava de uma educação formadora de sólidos princípios morais, os quais, rígidos, cumprissem o papel de manter esses indivíduos sempre aptos ao trabalho e inócuos às condutas bárbaras como o vício e a liberdade sexual. A Igreja Católica assumiria para si essa tarefa, à medida que o Estado, por si só, não podia penetrar nos lares com a mesma anuência que desfrutava a religião.

A difusão da concepção nacionalista está intimamente ligada ao ideal de construção de uma nação saudável, na qual a família assumiu papel de destaque. Vê-se, portanto, que a saúde da família era considerada um requisito fundamental para a saúde da nação.

A industrialização incipiente e a política liberal-positivista configuraram um espaço para o desenvolvimento da família burguesa. Assim, podemos entender como as preocupações com a saúde da família, desde o seu aspecto físico até o seu aspecto mental, tornaram-se alvo das políticas públicas na história brasileira, a fim de, transformando os hábitos e atitudes das populações urbanas, adaptá-las às necessidades da ordem burguesa em construção (MOURA, 2012, p. 221).

As diretrizes médico-higienistas preocupavam-se, ainda, com o desenvolvimento da puericultura, envidando esforços para os cuidados com a alimentação infantil e amamentação pela mãe biológica (BOARINI, 2012, p. 28). Ademais, os cuidados com a higiene física somavam-se às preocupações com a saúde psíquica da população.

A criação da Liga Brasileira de Higiene Mental, em 1923, estabelecia um programa de higiene mental cujo foco era psiquismo infantil, concebendo a infância “[...] como etapa crucial do desenvolvimento humano e uma fase maleável a todo tipo de sugestionamento” (ZANIANI, 2012, p. 71). A instituição da escola primária tornou-se local privilegiado para a realização dessa tarefa, que teve como base a “moralização e regeneração da população brasileira, que trazia os ‘velhos e inadequados’ costumes do Brasil-Colônia” (BOARINI, 2012, p. 31).

Mais que salvar a infância empobrecida, os discursos higienistas clarificavam que a preocupação com seu destino significava, nomeadamente, a defesa preliminar das ditas pessoas honestas. Em outras palavras, a defesa da infância tornar-se-ia sinônimo de defesa da sociedade (ZANIANI, 2012, p. 72).

A psicologia, sob a vertente psicométrica, foi utilizada pelos médicos como recurso para a realização de testes psicológicos que visavam “[...] medir a aptidão do homem para melhor adaptá-lo ao meio e inculcar-lhe hábitos sadios”, gerando uma nova “[...] conduta moral mais adequada e mais eficaz no tocante à ordem social” (BOARINI, 2012, p. 37).

A industrialização que se firmava com a nova organização social exigia um grande número de pessoas saudáveis e, sobretudo, disciplinadas, para atuarem como trabalhadores nas fábricas. De acordo com Moura (2012, p. 186), “[...] é na sociedade capitalista, quando as altas taxas de morbidade e mortalidade da população ameaçam paralisar o desenvolvimento das forças materiais de produção”, que a preocupação com a higiene torna-se uma questão de saúde pública.

Boarini (2012, p. 27) salienta que “[...] a meta da nova ordem social era aumentar demograficamente o número de pessoas sadias e convencidas de que o trabalho não era aviltante”. Assim, “o lema do capitalismo [...] era que o trabalho ‘dignificaria o homem’, traria bem-estar material ao indivíduo e progresso para a Nação” (BOARINI, 2012, p. 27).

Face ao exposto, nota-se que a preocupação dos médicos higienistas com a infância excedia aos cuidados com a erradicação da mortalidade infantil, pois importava, ao mesmo tempo, preservar o aspecto moral das crianças e, para isso, exigia-se inculcar uma nova mentalidade naquelas que constituíam as primeiras educadoras da infância, quais sejam, as mães.

Nesse processo, o papel da mulher assume uma dimensão ampliada. O cuidado com a educação das mães garantiria o fortalecimento da infância, uma vez que estas eram as principais responsáveis pelas crianças no período. Desse modo, tornava-se imperativo submeter as mães a um processo de higienização, civilizando os costumes e cuidando do aspecto moral relativo às condutas pessoais e de princípios, a fim de qualificá-las na formação dos futuros cidadãos brasileiros.

Uma das principais preocupações dos médicos higienistas se concentrava na prática da amamentação. Garcia (2012, p. 147) conta que, “[...] no período colonial e escravagista, o ato de amamentar e todos os cuidados aos bebês e às crianças eram tarefas destinadas às mulheres negras, escravas e amas de leite”. Contudo, com as transformações na organização social, bem como com os avanços dos

estudos científicos na área da saúde, os médicos higienistas passaram a condenar essa prática, atribuindo a tarefa exclusivamente às mães biológicas.

A maternidade foi abordada como um ato de patriotismo. Cuidar dos filhos seguindo os princípios higienistas era visto como a mais nobre função feminina, pois desta forma a mulher contribuiria para a transformação da Nação e geraria homens fortes e preparados (GARCIA, 2012, p. 152).

Dessa maneira, pode-se constatar que o processo de industrialização em marcha no Brasil deslocou grande parte da população agrária para os centros urbanos em busca de trabalho nas indústrias. A relação existente entre o desenvolvimento do capitalismo brasileiro e o período sanitarista do higienismo esbarra, invariavelmente, no processo de formação e consolidação do nacionalismo, ainda emergente, no Brasil.

4.3 A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA

O cerne da questão da formação da identidade do povo brasileiro concentrou-se em sepultar a velha ordem e refundá-la com base "[...] em todo tipo de elaborações conceituais, estéticas e simbólicas vinculadas à construção do 'novo'" (HANSEN, 2011, p. 3).

Caio Prado Junior (2000) salienta que as décadas iniciais do século XIX marcam uma decisiva etapa evolutiva do Brasil, que se iniciou nos aspectos social, político e econômico. Em consonância com o autor, "[...] debaixo daqueles acontecimentos que se passam na superfície, elaboram-se processos complexos de que eles não foram senão o fermento propulsor, e, na maior parte dos casos, apenas a expressão externa" (PRADO JUNIOR, 2000, p. 1).

O autor destaca que os três séculos de colonização a que o Brasil fora submetido sintetizam os elementos constitutivos da nacionalidade brasileira, os quais concretizam um novo organismo social completo e distinto, qual seja:

Uma população bem diferenciada e caracterizada, até etnicamente e habitando um determinado território; uma estrutura material, particular, constituída na base de elementos próprios; uma organização social definida por relações específicas; finalmente, até

uma consciência, mais precisamente uma certa “atitude” mental coletiva particular (PRADO JUNIOR, 2000, p. 2).

Da mesma forma, nos anos finais do século XIX, a mudança do regime político do império para a república desencadeou grandes transformações na dinâmica da sociedade brasileira, alterando, de maneira significativa, as relações sociais como um todo. De acordo com Sodré, “[...] o Império era, sem qualquer dúvida, a representação, no Brasil, de uma velha estrutura, que já não tinha condições de vigência, pelo menos nos moldes tradicionais em que se anquilosara” (SODRÉ, 1968, p. 291). O autor continua sua análise, enfatizando:

[...] tornara-se evidente, ao aproximar-se do fim do século XIX, que o aparelho de Estado se tornara obsoleto, não correspondia mais à realidade econômica e política, transformara-se num trambôlho. A República, quando altera aquele aparelho de Estado, traduz o problema: cai o Poder Moderador, cai a vitaliciedade do Senado, cai a eleição à base da renda, cai a nobreza titulada, cai a escolha de governadores provinciais, cai a centralização (SODRÉ, 1968, p. 292).

Diante desse cenário, chega ao Brasil um grande fluxo imigratório em busca de trabalho e do desejo de construir uma nova vida. A chegada dos imigrantes, em especial dos europeus, era bem-vinda visto que o país carecia de operários para executar o trabalho nas indústrias e nas lavouras de café, especialmente após a promulgação da Lei do Ventre Livre e a Abolição da Escravatura.

Paralelo a esse processo, verifica-se a emergência de se criar o sentimento do nacionalismo nos brasileiros, manifesto por meio do patriotismo. Símbolo da nação, a bandeira do Brasil foi assunto da coluna Silhuetas, publicada em 29 de junho de 1907, que questionava a suposta indiferença do povo brasileiro em relação à bandeira nacional, quando comparada à admiração por uma marcha de soldados: “Incrível, palavra d'honra, incrível e lastimável, é, não ha duvida, o desrespeito que temos pela nossa gloriosa Bandeira. [...] Pois não ha na bandeira de uma Nação, um pouco do valor de um Povo?” (FON-FON, 1907, n. 12, p. 12).

O nacionalismo foi também retratado na literatura brasileira por grandes autores, em obras como Juca-Pirama (1851), de Gonçalves Dias, Os Sertões (1902), de Euclides da Cunha, e outras. No livro Contos Pátrios (1931), no capítulo “Pátria Nova”, Olavo Bilac e Coelho Netto exaltam o sentimento nativista ao ilustrar a história de um imigrante italiano que, saudoso de sua terra natal, pergunta à filha,

que tem nos braços o neto que acabara de nascer, se esta seria capaz de esquecer-se de sua antiga pátria:

Ela hesitou um momento; mas logo em seguida, com voz firme, disse:

—Não! Esquecer não posso... não posso... mas diga-me: a terra de lá é que é a sua, e é que é a minha... qual é, porém, a desta criança que aqui está, que nasceu aqui e que vai crescer ignorando a língua que nós mesmos já vamos esquecendo, e vendo todos os dias, da infância à idade madura e à velhice, esta Pátria da liberdade e da riqueza? Olhe! E veja como ela bate palmas, contente, a este sol que a viu nascer!

De fato, a criança acordara. Piscava os olhinhos, entre as pálpebras gordas, sentindo o calor do sol, e agitava-se, rindo, no colo da rapariga.

O homem sentiu os olhos úmidos, e, tomando a criança nos braços, exclamou:

—Tens razão, filha! Esta é a terra de teu filho, esta é a Pátria do meu neto: por que é que não há de ser também a nossa terra?

E, alegre, levantando e abaixando a criança, no ar, com os seus braços robustos, começou a brincar com ele, dizendo-lhe, com o seu acento napolitano:

—Bravo, brasileiro! Bravo, brasileiro! (BILAC; NETTO, 1931).¹¹

Na edição de número 50, publicada em 1919, Raul Lino apresentou, ao público da revista, a obra intitulada "PORTUGAL E BRASIL - Uma homenagem que é um benefício", de autoria do português Carlos Malheiro Dias. Na ocasião, Lino analisou o processo da colonização portuguesa e sua incidência na constituição da nacionalidade brasileira.

Ao denunciar a ausência de uma cultura histórica nacional, Lino alertava que "[...] um povo que ignora sua própria historia, que é a sua espinha dorsal, não poderá ter a consciencia organica de sua individualidade", além de "[...] não saber reclamar o seu legitimo lugar no continente" (FON-FON, 1919, n.50, p. 11).

O seu organismo, não provando um sentimento intimo de unidade, a sua conducta será, fatalmente, viciosa e confusa, as suas realizações hesitantes e fragmentarias. Os proprios ideaes lhe faltarão porque não tem lembranças, e vacilará no futuro porque não aproveitou o estímulo do passado (FON-FON, 1919, n.50, p. 11).

Em seu texto, Lino aponta que apenas findado o período colonial brasileiro é que o país passa a escrever sua própria história: "Realiza um longo imperio: infiltra-

¹¹ O texto completo encontra-se disponível para leitura na seção "Anexos" deste trabalho.

se de novas ideologias moraes e politicas ; tem uma litteratura; contróe uma republica ; fecunda tres gerações fortes ; apresenta-se na convivencia internacional pelas idéas e pelos factos ; vive por si mesmo" (FON-FON, 1919, n.50, p. 11).

Em nota intitulada "Nacionalismo são", de 6 de agosto de 1921, sem indicação de autoria, *Fon-Fon!* afirmava:

Esconder o passado, negar a fonte de onde proveio a raça e a sua alma forte, occultar o nome de seus maiores como tendo vergonha delles, não querer comprehender os seus intuitos e perverter as aspirações que nos legaram, aperfeiçoando-nos o espirito com o seu exemplo, póde ser crime, mas não será nacionalismo. O verdadeiro nacionalismo é aquelle que se orgulha do seu tronco, da sua ascendencia embora mantendo a sua directriz menjtal e moral conservando a sua personalidade, sem submettel-a a influencias extranhas (FON-FON, 1921, n. 32, p. 49).

Enquanto ressaltava a necessidade de reconhecer as raízes da história nacional, a nota exaltava as belezas brasileiras ao reproduzir a fala propalada pelo Sr. Luiz de Almeida Braga em um discurso à mocidade paulistana, o qual dizia:

Ó terra brasileira, seara eternamente em flôr, cheia de luz e cheia de alegria, pelo fino leque das palmeiras refrescada, e cantada pela voz sonora das altas cahoeiras! Terra de belleza, qual a palavra ardente, e como o sol luminoso e vivo, que exprima tudo o que os olhos vêm! O meu encanto só o diria eu, se a flôr de uma palavra nova em seu perfume condensasse o mar, o céu e a terra de Portugal! (FON-FON, 1921, n. 32, p. 49).

Ao refletir sobre a ausência de uma cultura propriamente nacional no Brasil no século XIX, Malerba (1999, p. 110) salienta que, nesse período, a preocupação intelectual concentrava-se em criar e "[...] produzir valores e sentimentos que dessem unidade e identidade a um país que se caracterizava pelo diverso", a fim de estabelecer as particularidades distintivas do Brasil em relação a Portugal, seu antigo colonizador.

Caso da obra literária publicada por Armando Caiuby e editada por Monteiro Lobato, Sapezáes e Tiguéras. O livro foi apresentado pela Fon-Fon! em 16 de julho de 1921, cuja nota anunciava que o "[...] fluxo de nacionalismo sadio faz estuar a nossa litteratura" (FON-FON, 1921, n. 29, p. 26), salientando o aumento de números de títulos de conteúdos afetos aos costumes nacionais, de norte a sul do país, em um momento em que a "[...] mocidade em bôa hora olha mais interessada para o Sertão do que para a Europa" (FON-FON, 1921, n. 29, p. 26).

Dessa forma, com base na ideologia do nacionalismo, a construção da identidade do brasileiro deveria estar alicerçada em um sentimento de amor à pátria, buscando garantir a formação de uma nação ordeira, que leve à prosperidade e à justiça. Diz Alberto Torres (1982):

O nosso nacionalismo não é uma aspiração sentimental, nem um programa doutrinário, que pressupunha um colorido mais forte do sentimento ou do conceito patriótico. É um simples movimento de restauração conservadora e reorganizadora (TORRES, 1982, p. 133).

Alberto Torres salienta que o apelo a esse patriotismo é “[...] um dever de lealdade nacional, de fidelidade ao amor pelos irmãos na raça, na língua, na religião, no solo natal, que é a primeira e a mais íntima virtude do selvagem” (TORRES, 1982, p. 124).

Diante desse quadro, a mulher brasileira assume posição central. Por ter como responsabilidade principal a educação dos filhos, cabia-lhe a função de incutir nas crianças ideias e valores nacionalistas, de modo a inculcar-lhes sentimento de respeito e amor à pátria, formando os futuros cidadãos.

5. A CONDIÇÃO SOCIAL DA MULHER NO BRASIL NO INÍCIO DO SÉCULO XX E A IMAGEM FEMININA EMERGENTE NO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO

As transformações ocorridas a partir da industrialização no Brasil não se restringiram à esfera urbana. As formas de sociabilidades também foram alteradas e a condição da mulher não fugiu à regra. A passagem do império para a república marca o nascimento de uma nova mulher, em um processo de valorização de sua intimidade, sobretudo no que diz respeito à maternidade.

A alteração do espaço urbano no Brasil, na passagem do século XIX ao início do século XX, estendeu-se às demais esferas da vida, disciplinando as sociabilidades e a organização das famílias. Isso tudo tinha um propósito bastante definido para cada segmento de classe: para a elite dirigente, incidia a preocupação em torná-la “[...] respeitosa das leis, costumes, regras e convenções” (SOIHET, 2012, p. 362); das camadas populares, esperava-se pela disciplinarização de sua força de trabalho.

Nas mulheres, por sua vez, “[...] recaía uma forte carga de pressões acerca do comportamento pessoal e familiar desejado, que lhes garantissem apropriada inserção na nova ordem” (SOIHET, 2012, p. 362), ao passo que os novos propósitos da nação dependiam delas.

A justificativa para a implantação dos padrões burgueses das relações familiares dentre a classe operária dava-se em virtude de que “[...] no regime capitalista que então se instaurava [...] o custo da reprodução do trabalho era calculado considerando como certa a contribuição invisível, não remunerada, do trabalho doméstico das mulheres” (SOIHET, 2012, p. 362).

Tais imposições encontravam respaldo da ciência e da medicina social para caracterizar cada um dos sexos, justificando, assim, as diferenças supostamente inatas às mulheres – “[...] a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal” – e aos homens – que conjugavam “[...] à sua força física uma natureza autoritária, empreendedora, racional e uma sexualidade sem freios” (SOIHET, 2012, p. 363).

Soihet afirma, ainda, que as características atribuídas ao gênero feminino justificam que delas fossem exigidos uma atitude de submissão, bem como um comportamento que não pudesse vir a ferir sua honra e, em consequência, à de seu

marido e família. Vale lembrar que, de acordo com Soihet, a honra da mulher “[...] constitui-se em um conceito sexualmente localizado do qual o homem é o legitimador, uma vez que a honra é atribuída pela ausência do homem, através da virgindade, ou pela presença masculina no casamento” (SOIHET, 2012, p. 389).

Nota-se, portanto, que, no período, houve a construção de novas imagens femininas, dentre as quais se destacam os papéis sociais da mulher operária, da prostituta e, por fim, aquela pertinente ao ambiente doméstico: a esposa e a mãe. Diante dessa nova configuração social da mulher, verifica-se que “[...] um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível” (D’INCÃO, 2012, p. 223).

5.1 A *FON-FON!* E A EDUCAÇÃO DAS MULHERES

O contexto histórico e social do Brasil, no período transitório entre o regime imperial e o republicano, aparece como pano de fundo para a apreciação dos conteúdos veiculados pelo objeto de estudo deste trabalho, a revista carioca *Fon-Fon!*.

A educação das mulheres ocorria a partir da leitura e contato visual estabelecido com os textos, imagens e demais conteúdos publicados pelo periódico. A formação feminina se dava tanto pela exposição do modelo ideal de mulher, a ser tomado como padrão, quanto pela apresentação de um modelo de mulher contrário ao que era socialmente estabelecido como adequado, como é o caso da imagem a seguir.

A ilustração, intitulada “Patriotismo”, foi publicada no ano de 1920 e retrata uma mulher vestida de maneira insinuante, com parte dos seios à mostra, com três homens – com olhares permeados de curiosidade e, sobretudo, censura – à sua volta. Ao ser questionada pela sua vestimenta – “- Mas está quase nua! É uma indecência!...” –, retruca: “- Que queres? O governo não andou recomendando [...] fazermos valer as nossas riquezas naturais!...” (FON-FON, 1920, n. 18, p. 54)



Figura 20: Charge “Por patriotismo...”.

Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon-Fon!* (1920, n. 18).

A indumentária feminina, bem como o seu comportamento e educação eram assuntos tratados com frequência pela revista, que também se ocupava dos temas ligados à beleza feminina, reproduzindo um padrão de aparência a ser buscado pelas mulheres e também dando dicas de produtos e técnicas de embelezamento. A manutenção da jovialidade foi tratada pela revista em 1915, no texto “Quando é que a mulher deixa de ser jovem?”. Na ocasião, a revista reproduz as respostas de uma enquete realizada por uma importante revista italiana.

Ao longo do texto, percebe-se que a jovialidade feminina é, o tempo todo, associada ao outro, na maioria das vezes, à figura do marido: “A mulher é sempre jovem, até aos cinquenta annos, se sabe agradar e fazer-se desejar. A mulher só deixa de ser jovem, quando não provoca mais o amor. A mulher não é mais jovem quando torna amar o seu marido (!!!)” (FON-FON, 1917, n. 6, p. 36).

NA SEARA ALHEIA

Quando é que a mulher deixa de ser jovem?

Respostas a uma *enquête* feita por uma afamada revista italiana.

— A mulher é jovem enquanto pode conservar lucido o seu espirito, avida de sensações a sua mente, ardente de entusiasmo a sua alma.

— A mulher é jovem enquanto as outras fallam bem d'ella e os homens mal.

— A mulher é sempre jovem, até aos cinquenta annos, se sabe agradar e fazer-se desejar.

— A mulher só deixa de ser jovem, quando não provoca mais o amor.

— A mulher não é mais jovem quando torna a amar o seu marido. (!!!)

— A mulher é jovem enquanto não esconde a idade.

— A mulher não é mais jovem quando pelas desillusões, dores, esperanças perdidas, doenças ou outras vicissitudes da vida, tenha renunciado — realmente e para sempre,—a todo e qualquer desejo de agradar.

— A mulher não é mais jovem quando respondendo ao homem amado ella lhe diz: Dei-te toda a minha mocidade!

— A mulher nunca deixa de ser jovem, porque quando perde a sua mocidade, revive na dos filhos e dos netos.

Figura 21: Texto “Quando é que a mulher deixa de ser jovem?”.

Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon-Fon!*(1915, n. 6).

Num artigo publicado em 30 de junho de 1917, *Fon-Fon!* declarava: “A mulher que faz da sua beleza um merecimento, declara por si mesmo que não tem outro maior” (FON-FON, 1917, n. 26, p. 15). Como se vê, moda e a aparência feminina eram temas de destaque no periódico. As colunas de moda, o ensino de técnicas de costura, acompanhados dos moldes das roupas, os anúncios publicitários de lojas de tecidos ou de peças prontas completavam o discurso de que a mulher deveria ser e estar bela. A aparência das senhoras burguesas, retratada no

periódico, constituía o modelo a ser almejado e copiado pelas mulheres das classes subalternas, em busca de distinção social.

A educação das mulheres perpassava, também, a formação de seu comportamento político, bem como a tomada de consciência de seu papel na sociedade em que se encontrava, frente aos acontecimentos de ordem mundial. Em 1 de dezembro de 1917, a revista publicava um texto que convocava as mulheres brasileiras para atuarem na Primeira Guerra Mundial, contribuindo da maneira que lhes era cabido, a partir do “[...] incitamento de vossos conselhos, a doçura de vossas sugestões, o arrebatamento de vossos pedidos”, os quais “levantarão exercitos formidaveis, que marcharão para os campos de batalha, cantando o hymno da Patria, que é o hymno do vosso amor” (FON-FON, 1917, n. 48, p. 37).

O PAPEL DA MULHER BRASILEIRA NA GUERRA

«As mulheres brasileiras tem uma grande e nobre missão a representar nesta guerra. Vós, que aqui sois o ex-



poente dellas, mães ou esposas, filhas, irmãs ou noivas, sahi deste recinto inflammadas pelo mesmo sentimento de civismo que vibra na alma de vossos patricios, e ide, lá fóra, nos vossos lares, junto de vossos paes adorados, de vossos esposos amantissimos, de vossos irmãos, de vossas collegas, nas escolas, nas vossas reuniões, em toda a parte, enfim, que enflorardes e perfumardes com o encanto suave de vossas presenças, ide concitar os Brasileiros a formarem ao lado do seu Governo, na defesa da causa universal da Justiça e do Direito.

As vossas palavras, o incitamento de vossos conselhos, a doçura de vossas sugestões, o arrebatamento de vossos pedidos, levantarão exercitos formidaveis, que marcharão para os campos de batalha, cantando o hymno da Patria, que é o hymno do vosso amor.

Lembrae-vos da mulher franceza, di-

vina no estoicismo do seu martyrio, desde a mais alta hierarchia social até a mais humilde representante do operariado, servindo nos hospitaes de sangue, dispondo de suas joias, de suas riquezas, de seus castellos, desfazendo-se de seu luxo, do seu conforto, dos seus prazeres, para aquisição de remedios, de roupas e de alimento para as victimas do canhão inimigo, ou cooperando nas fabricas, nos arsenaes e nas officinas para a producção efficiente do potencial que ha de subjugar os barbaros do seculo XX.

Lembrae-vos da mulher italiana, sublime na cultura do sentimento magestoso da resignação, indo em massa ao Quirinal pedir a seu rei a continuação da guerra e protestar á sua Patria, a sua solidariedade no momento mais tragico da lucta.

Lembrae vos de Annita Garibaldi, de Clara Camarão, de D. Anna Nery, de D. Maria Ursula de Abreu Lencastre e de Maria Quiteria de Jesus, de todos esses vultos femininos que illustram as paginas guerreiras de nossa historia e que vos servirão de exemplo precioso e vivificante para o desempenho da missão, que vos incumbe nos dias amargos de hoje.»

Trecho do discurso do Dr. Alcibíades Delamare Nogueira da Gama, no Congresso da Mocidade Brasileira, reunido em 15 de Novembro de 1917, no Theatro Lyrico, no Rio de Janeiro.



Os homens não se consolam dos seus primeiros amores, nem as mulheres do ultimo.

J. J. Weiss.

Figura 22: Texto "O papel da mulher brasileira na guerra".

Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon-Fon!* (1917, n. 48).

Dessa maneira, a mulher era colocada em posição de destaque no interior das relações sociais, pois cabia a ela recrutar seus homens – pais, filhos, maridos, irmãos – para o cumprimento de seus deveres para com a pátria. No texto, a

apresentação de exemplos de mulheres fortes em situações semelhantes serviria como encorajamento às brasileiras.

O ideal feminino, propagado pela revista, tornou-se um elemento de educação para o exercício de um de seus papéis socialmente estabelecidos: o de esposa dedicada e amorosa. Yves, correspondente de *Fon-Fon!* da França, na coluna Saibam Todos, responde à pergunta do leitor Leonel sobre o tipo ideal de esposa:

O typo ideal para esposa é pergunta que exige uma resposta muito criteriosa. Não é em duas linhas que se possa fazer uma apreciação em que se devem estudar factores de ordem moral, política e social. Mas, em synthese, o que lhe posso adeantar é o seguinte: A mulher ideal para esposa é a que recebeu uma educação modelar e [...] aprendeu a ser boa dona de casa, habitou-se às varias situações da vida domestica e preparou-se para as nobres e elevadas funções da maternidade (FON-FON, 1923, n. 35, p. 104).

Fon-Fon! educava, também, por meio de exemplos contrários ao modelo ideal de esposa concebido na época. Em "Póde ser verdade", texto de José Bento, publicado na primeira edição de 1909, a revista conta a história de João Sampaio e a mulher desta que, à primeira vista, demonstrava ser o perfeito exemplar do que se esperava de uma esposa, inclusive, apelidando-a, ironicamente, de "perfeição". A atuação da mulher nos afazeres domésticos foi analisada e criticada pelo marido, que julgava exagerados os cuidados com a higiene da casa em detrimento da dedicação empregada ao preparo das refeições.

De maneira geral, o que se pode apreender da análise dos conteúdos publicados pela *Fon-Fon!* a respeito da educação das mulheres é que a revista buscava difundir a ideia de um modelo feminino, ajustado aos novos padrões da modernizada, na qual a mulher moderna ideal usufruiria dos espaços públicos, contudo sem contestar as hierarquias sociais existentes (VOKS, 2012, p. 188).

5.2 A MULHER OPERÁRIA

Ao analisar a mulher da classe subalterna, ou seja, "[...] aquela dos segmentos populares que une às mazelas de sexo aquelas de classe" (SOIHET, 1989, p. 1), durante as décadas que circundam o início do século XX, Rachel Soihet destaca que, embora no século XIX tenham surgido "[...] novas imagens da mulher

na família e na sociedade com uma participação mais ativa, seu papel era limitado, face à manutenção dos privilégios masculinos” (SOIHET, 1989, p. 1).

A imagem publicada em 1912, com a legenda “Os grandes são sempre e cada vez mais defendidos pelos pequenos”, ilustra a situação da operariado no Brasil do início do século.



Figura 23: Charge "Positivismo".

Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon-Fon!* (1912, n. 40).

Dada sua ativa participação no mundo do trabalho, embora em posição subalterna em relação aos homens, “[...] as *mulheres populares*, em grande parte, não se adaptavam às características dadas como universais ao sexo feminino” (SOIHET, 2012, p. 367). Além disso, mais do que o trabalho realizado fora do lar, cabia às mulheres a responsabilidade integral pela educação dos filhos.

Margareth Rago indica que diversas são as imagens femininas do período: “[...] frágeis e infelizes para os jornalistas, perigosas e ‘indesejáveis’ para os patrões, passivas e inconscientes para os militantes políticos, perdidas e ‘degeneradas’ para

os médicos e juristas, as trabalhadoras eram percebidas de vários modos" (RAGO, 2012, p. 579).

As mulheres pobres, que compunham o operariado feminino, "[...] não correspondiam aos ideais dominantes de delicadeza e recato" (SOIHET, 2012, p. 371). June Hahner corrobora esse pensamento ao afirmar que "[...] esse estereótipo da mulher reclusa e guardada não era válido para todas: o real comportamento variava de acordo com a classe" (HAHNER, 2003, p. 40).



Figura 24: Charge "Liberdade, igualdade, fraternidade".

Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon-Fon!* (1911, n. 28).

Na *Fon-Fon!* de 1911, a mulher da imagem encontra-se presa às amarras das necessidades operárias, teve seu corpo abatido pelo chicote de seu senhor, o qual representava as multas, raiva, política e demissões, características do sistema capitalismo de produção. Os dizeres "Liberdade, igualdade e fraternidade", impressos na ilustração, registra a ironia e a contradição da situação vivida e na qual se expunha a condição da classe operária, especialmente da mulher trabalhadora, diante dos efeitos de uma sociedade desigual e exploradora. Ao surrar a mulher, o que se vê é, portanto, a classe trabalhadora, como um todo, sendo, também, surrada.

O trabalho – autônomo ou assalariado – lhes garantia autonomia, podendo improvisar suas fontes de subsistência, bem como certa liderança no seu grupo familiar. Ademais, “[...] o homem pobre, por suas condições de vida, estava longe de poder assumir o papel de mantenedor da família previsto pela ideologia dominante, tampouco o papel de dominador, típico desses padrões” (SOIHET, 2012, p. 370).

A autora ressalta que os homens pobres “[...] não conseguiam, porém, desfrutar uma relação mais igualitária com suas companheiras, já que sobre eles incidiam o estereótipo dominante de que a mulher era sua propriedade privada sobre a qual tinha um poder ilimitado” (SOIHET, 2012, p. 380).

Ao alertar para o perigo das generalizações, Hahner indica que essa autonomia, construída em razão de seu trabalho, não era uma conquista exclusiva das mulheres pobres, pois, “[...] mesmo dentro das elites, nem todas as mulheres eram confinadas à esfera privada da casa e excluídas da esfera pública de uso restrito dos homens” (HAHNER, 2012, p. 43).

Algumas mulheres certamente podiam e exerciam influência sobre os homens – maridos ou parentes –, com cargos oficiais na esfera pública, desde que nada se evidenciasse ou transparecesse. Entretanto a autoridade do marido e a do pai continuavam soberanas, e a elas a mulher ou filha permaneciam submissas. Na lei, como nos costumes, a ideologia da supremacia masculina era prevalente (HAHNER, 2012, p. 44). As expectativas sociais que recaíam a um e outro sexo foram discutidas por Voks (2012), que afirma que,

No início do século XX, as mulheres no âmbito do discurso eram identificadas como dóceis, submissas, sensíveis e dependentes. Já em relação aos homens essa identificação estava associada à razão e à força no campo pessoal e no social. Nesse sentido, a noção de autoridade na esfera privada e pública era entendida como masculina (VOKS, 2012, p. 185).

Vê-se que “[...] as mulheres podiam influir socialmente no âmbito do lar, mas não no contexto da vida pública” (HAHNER, 2003, p. 171). Contudo o papel feminino nas vivências domésticas, como mãe e esposa, configurava-se como determinante no destino da nação, considerando que esta era a responsável por orientar e educar moralmente os futuros cidadãos.

Além de marcarem presença no interior das fábricas, as mulheres exerciam diversas outras profissões, como as costureiras, floristas, garçonetes etc., de modo a

completar o orçamento doméstico. No caso das costureiras, o trabalho era realizado na própria casa, operando por extensas jornadas de mais de 18 horas. Nas fábricas, contudo, não havia significativa diferença: a rotina de trabalho comportava de dez a 14 horas diárias de produção.

Além de deixar claras as diferenças entre os gêneros, o discurso de *Fon-Fon!* reproduzia as desigualdades entre as classes sociais. A imagem publicada em 1909, intitulada “Entre criadas”, ilustra um diálogo¹² entre duas empregadas, em que uma delas diz não se importar com a qualidade do alimento servido à família, sob o argumento de que ela não chegaria a provar do prato que se dedicava a preparar.



Figura 25: Charge “Entre criadas”.

Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon-Fon!* (1909, n. 2).

Sem uma legislação trabalhista que pudesse proteger os trabalhadores de modo geral e, especificamente, das mulheres, as reclamações das operárias contra as péssimas condições de trabalho, contra a falta de higiene nas fábricas, contra o

¹² “- Ó Maria, a gallinha de cabidella está ficando com gosto de fumaça’. ‘- Não faz mal. Nunca sobra para nós”.

controle disciplinar e contra o assédio sexual encontram espaço na imprensa operária (RAGO, 2012, p. 585).

Rago (2012, p. 585) chama a atenção para a frequente associação entre o trabalho feminino e a questão da moralidade social. Diz a autora que, no começo do século XX, “[...] muitos acreditavam [...] que o trabalho da mulher fora de casa destruiria a família, tornaria os laços familiares mais frouxos e debilitaria a raça, pois as crianças cresceriam mais soltas, sem a constante vigilância das mães”.

Além dessa questão, temiam pelo embrutecimento das mulheres, ao passo que acreditavam que estas “[...] deixariam de ser mães dedicadas e esposas carinhosas, se trabalhassem fora do lar; além do que um bom número delas deixaria de se interessar pelo casamento e pela maternidade” (RAGO, 2012, p. 585).

É nesse sentido que os intelectuais e elite governante buscaram redefinir o lugar das mulheres na sociedade, “[...] justamente no momento em que a crescente urbanização das cidades e a industrialização abriam para elas novas perspectivas de trabalho e de atuação” (RAGO, 2012, p. 585).

5.3 A MATERNIDADE E O PROTAGONISMO FEMININO NA NOVA CONFIGURAÇÃO SOCIAL: A PERSPECTIVA DA REVISTA *FON-FON!*

Nesse momento histórico – início do século XX – em que as relações sociais alteram-se de maneira significativa, a maternidade assume posição de destaque na nova organização social. Assim, às mulheres era reservado o cultivo da domesticidade, de modo a capacitá-las para o cumprimento de todos os deveres atribuídos aos papéis de mãe e esposa.

Esse pensamento tem, como matriz teórica, os princípios da filosofia positivista¹³, de Auguste Comte, cuja teoria concebe, de maneira diversa, o homem e a mulher não apenas no aspecto físico, mas também mental e social – “[...] enquanto no homem predominaria o instinto sexual, na mulher a primazia caberia ao instinto

¹³ Em 1922, por meio de uma nota sem indicação de autoria, *Fon-Fon!* registrava sua opinião sobre a doutrina: “O positivismo, que ainda seis ou oito pessoas apregôam no Brasil, é a estagnação. Eu nunca pude nem poderei compreendê-lo. E dos seus fructos, até hoje, só vi bem maduros os da ignorância e da hypocrisia. Não posso admittir que o homem se satisfaça unicamente na acceitação dos phenomenos, sem procurar indagar as suas causas profundas, as suas razões mysteriosas, penetrando no intrincamento terrivel das metaphysicas” (FON-FON, 1922, n. 31, p. 50).

materno” (SOIHET, 1989, p. 111). Atribuía-se, portanto, o amor materno como um sentimento instintivo, natural da essência feminina.

Para os positivistas, a mulher “[...] formava o núcleo moral da sociedade, vivendo basicamente por meio dos sentimentos, ao contrário do homem”, além de considerarem que “dela dependia a regeneração da sociedade” (HAHNER, 1976, p. 86). Portanto, competia à mulher a função de educar os filhos, a partir do pressuposto de que, “ao orientar o desenvolvimento moral e o comportamento dos cidadãos, as mulheres estariam determinando o destino da nação” (HAHNER, 2003, p. 171).

De modo geral, no momento em que a industrialização absorveu várias das atividades outrora exercidas na unidade doméstica – a fabricação de tecidos, pão, manteiga, doces, vela, fósforo –, desvalorizou os serviços relacionados ao lar. Ao mesmo tempo, a ideologia da maternidade foi revigorada pelo discurso masculino: ser mãe, mais do que nunca, tornou-se a principal missão da mulher num mundo em que se procurava estabelecer rígidas fronteiras entre a esfera pública, definida como essencialmente masculina, e a privada, vista como lugar natural da esposa-mãe-dona de casa e de seus filhos (RAGO, 2012, p. 591).

As mães eram, ainda, consumidoras em potencial, e sua educação passava, também, pelos anúncios publicitários, publicados em grande número pela revista. É o caso da propaganda de leite maternizado, importado da Inglaterra, que traria uma variedade de benefícios à saúde infantil, garantindo, em decorrência, “O futuro da Nação”.

**O futuro
da Nação**

Depende da vida da criança e a
vida da criança depende da sua
alimentação.

'Glaxo'
M E R

ou seja
LEITE MATERNISADO
PRODUCTO INGLEZ

É O
« ALIMENTO NATURAL DA INFANCIA »

Para que nenhuma criança sofra por ignorar sua mãe que existe um substituto exacto do leite materno, o "The Harrison Institute", organizado para combater a grande mortalidade infantil, remette livre de porte a todas as mães de família, mediante o recebimento do coupon abaixo, devidamente informado, um livro tratando dos cuidados das crianças, intitulado

" O REI DA CASA "

Tambem offerece uma lata de amostra a todas as mães de família que ainda não tenham recebido.
O coupon deve ser dirigido ao:

Ilm. Snr.
Secretario do Harrison Institute
Caixa do Correio 1871 — Rio de Janeiro,

COUPON

Nome

Rua..... N.

Cidade

Estado

A criança tem mezes de idade.

Corte-se este coupon e remetta-se em envelope aberto com porte simples de 20 reis.

Fon-Fon!, 2 de Maio 1914.

ENCONTRA-SE NAS DROGARIAS DO RIO
e na "EXPOSIÇÃO", Avenida Rio Branco, 119

Figura 26: Anúncio publicitário "Leite maternizado 'Glaxo'".

Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon-Fon!* (1914, n. 19).

Em suma, à mulher era reservado o papel de administradora do lar, enquanto o homem, o novo patriarca burguês, ocupava-se com as questões externas ao lar, como a garantia do sustento da família. Hahner (2003, p. 168) destaca que, “[...] enquanto os homens podiam se permitir ter uma variedade de ambições e experiências, as mulheres estavam destinadas desde o nascimento a ser, em tempo integral, esposas e mães”. Assim, cada um com seu distinto papel, “[...] as emoções acabam sendo finalmente controladas. A sensibilidade burguesa se instaura” (D’INCÃO, 2012, p. 240).

5.4 O PAPEL DA MULHER NA REORGANIZAÇÃO DAS VIVÊNCIAS DOMÉSTICAS

A imagem veiculada por *Fon-Fon!*, em 1921, anunciava “Uma crise político-domestica em futuro proximo”, no qual cada membro da família assumia uma postura político-ideológica distinta, representando o momento de efervescência política do início do século. Diz a ilustração que “A filha (com uma bomba de dynamite na mão) é uma anarchista exaltada, a mãe uma aristocrata reaccionaria, o filho um socialista moderado e o pae um membro pacato da burguesia” (FON-FON!, 1921, n. 35, p. 42). Nesse momento, cabia à mulher estabelecer a ordem no interior da família, garantindo a reorganização das vivências domésticas.



Figura 27: Charge "Uma crise politico-domestica em futuro proximo".

Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon-Fon!* (1921, n. 35).

Conforme já assinalado, a vida urbana entre a passagem do império para a república era incipiente no Brasil e, nesse contexto, a marcha do progresso alterou o estilo de vida da população, de modo significativo, a qual recebeu influências do simbolismo e do imaginário em relação à aristocracia portuguesa.

Assim, "[...] juntamente com essa transformação física da cidade, surgem novas atitudes em relação às pessoas e situações" (D'INCÃO, 2012, p. 226), afetando diretamente a vida familiar e, de maneira especial, a figura feminina. Nesse momento, prevalece o protagonismo feminino no interior da família sob os moldes burgueses em detrimento de seu papel coadjuvante que assumira no mundo do trabalho.

O processo de valorização e privatização da família, desencadeado pelas alterações na configuração dos espaços domésticos do período, alterou, também, as formas de sociabilidades consideradas adequadas às mulheres da elite. Nesse momento, estas passavam a marcar presença nos cafés, bailes, teatros e certos acontecimentos da vida social. Se agora a mulher era mais livre, “[...] não só o marido ou o pai vigiavam seus passos, sua conduta era também submetida aos olhares atentos da sociedade” (D’INCÃO, 2012, p. 228).

Vê-se, portanto, a ampliação da ideia de intimidade, na qual a família, representada pela figura da mulher burguesa, submetia-se à avaliação de seu comportamento em público, evidenciando o nível social da qual fazia parte. Ademais, a mulher casada ganhava uma nova função: “[...] contribuir para o projeto familiar de mobilidade social através de sua postura nos salões como anfitriãs e na vida cotidiana, em geral, como esposas modelares e boas mães” (D’INCÃO, 2012, p. 229).

Verifica-se que a imagem do homem dependia do capital simbólico que envolvia a postura das mulheres à sua volta, uma vez que “esposas, tias, filhas, irmãs, sobrinhas (e serviçais) cuidavam da imagem do homem público” (D’INCÃO, 2012, p. 229), ainda que a autoridade familiar estivesse assegurada nas mãos masculinas.

Nesse momento, a mulher da elite, representada pelos papéis de mãe e esposa da família burguesa, passou a ser “[...] considerada base moral da sociedade” (D’INCÃO, 2012, p. 230). Diante dessa nova configuração social da mulher, verifica-se que “[...] um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível” (D’INCÃO, 2012, p. 223).

Dessa maneira, entendia-se que o trabalho consistia em uma atividade contrária à natureza feminina, isto é, argumentava-se que a constituição biológica da mulher era incompatível à vida pública. Rago (2012) pontua que

a mulher deveria se restringir ao seu “espaço natural”, o lar, evitando toda sorte de contato e atividade que pudesse atraí-la para o mundo público. A medicina fundamentava essas concepções em bases científicas, mostrando que o crânio feminino, assim como toda a sua constituição biológica, fixava o destino da mulher: ser mãe e viver no lar, abnegadamente cuidando da família (RAGO, 2012, p. 592).

Além de se referendar o posicionamento defendido, objetivava-se preservar a moralidade da mulher, uma vez que o trabalho feminino era frequentemente associado à possibilidade de adultério, ameaça à virgindade e ao casamento, bem como à prostituição. Assim, “o mundo público acabou sendo considerado um espaço ameaçador para a moralidade das mulheres e das crianças” (RAGO, 2012, p. 588). Estabeleceram-se, assim, “rígidos códigos de moralidade para as mulheres de todas as classes sociais” (RAGO, 2012, p. 588).

O que se percebe é que, “[...] a despeito da modernização, as relações familiares continuavam a se pautar por um forte moralismo, tanto nas camadas ricas quanto nas mais pobres da sociedade” (RAGO, 2012, p. 587). Diante desse cenário, “a figura da ‘mãe cívica’ passa a ser exaltada como exemplo daquela que preparava física, intelectual e moralmente o futuro cidadão da pátria, contribuindo de forma decisiva para o engrandecimento da nação” (RAGO, 2012, p. 592).

Dessa forma, a análise dos conteúdos veiculados pela revista indica a postura e o comportamento femininos esperados naquele momento histórico, no qual a mulher deveria cumprir seu papel edificante dentro do lar, tanto nas vivências com seu marido quanto na criação dos filhos, aqueles que constituiriam o futuro da nação.

5.5 O DEBOCHE BEM HUMORADO NA REVISTA *FON-FON!* SOBRE A LIBERDADE FEMININA E FEMINISMO

As manifestações feministas eram assunto constante em *Fon-Fon!*. Embora a revista veiculasse uma imagem de mulher moderna, a mulher que procurava ser independente não era bem vista aos olhos da sociedade. O questionamento das hierarquias sociais existentes, as formas de vestir e de agir “à frente de seu tempo” indicam o modelo de mulher que “[...] deveria ser combatida, pois não aceitava o papel de mãe e esposa” (VOKS, 2012, p.188).

Sobre o movimento feminista, característico do início do século XX, Rezende e Pereira (2011) apontam as principais motivações daquele:

O feminismo se organiza, principalmente, em torno da luta contra o patriarcado, pelo direito ao voto, por melhores salários e melhores condições de trabalho. Essa fase se refere a atividades ocorridas durante o século XIX e fim do século XX no Reino Unido, nos Estados Unidos e na França. As reivindicações e lutas consistiam na promoção da igualdade nos direitos contratuais e de propriedade. Também defendia o fim dos casamentos arranjados e do pátrio poder. No entanto, no fim do século XIX, o ativismo passou a objetivar, principalmente, a conquista de poder político, especialmente do direito ao sufrágio por parte das mulheres (REZENDE; PEREIRA, 2011, s/p).

Assim, as organizações de mulheres em grupos feministas “[...] enriqueceram as práticas associativas femininas e permitiram-lhes tratar dos problemas e demandas derivados da condição de gênero” (REZENDE; PEREIRA, 2011, s/p). Dentre suas principais reivindicações, o movimento buscava o estabelecimento dos direitos trabalhistas femininos, direito à propriedade, direito ao voto e direitos reprodutivos (REZENDE; PEREIRA, 2011, s/p).

Em 1920, *Fon-Fon!* registrava a maneira como concebia o movimento:

Como é às vezes exquisita e contraditória a filosofia da humanidade! Quando um homem procura imitar a mulher, usando maneiras afeminadas, pondo carmim nos lábios e cintando suas roupas ao ponto de bem moldarem as formas toda a gente, com um risinho irônico de mofa, logo exclama: lá vai um autêntico almofadinha.

No entanto, infelizmente, não se sabe porque razões, a recíproca não produz o mesmo efeito.

Põe-se uma mulher a tomar o lugar aos homens, falando nos meetings e ocupando as profissões masculinas, de monoculo ao olho e bengala à mãe, e eis que todos se lhe descobrem a passagem como o tupo de mulher moderna, de mulher de futuro, de mulher ideal.

Não obstante o prestígio sempre crescente da mulher masculinizada, temos para nós a convicção de que nada é mais incompatível com os encantos e a felicidade de mulher, do que esse irritante feminismo agora tão em voga no círculo mais afamado da capital londrina. - Y. (FON-FON, 1920, n. 4, p. 45).

Em 1908, a revista publicou o texto "Mais uma reivindicação feminina", no qual divertia o público leitor à custa das feministas. Na ocasião, o texto, sem indicação de autoria, anunciava a próxima reivindicação feminina: o uso da barba. Contudo esse costume serviria para "demonstrar a falsidade da alegação de que toda mulher é tagarela, pois necessariamente terão de ficar caladas, ao menos enquanto fizerem a barba" (FON-FON, 1908, n. 39, p. 28).

Já não são sómente as profissões; já não se limitam aos direitos civis e politicos; não param também nos vestuários as reivindicações das nossas ardentes feministas. Ha agora uma tendencia pronunciada para usar cousas até agora só permittidas ao sexo feio. É assim que brevemente apparecerá uma obra da illustrada Sra. X... reivindicando o direito das senhoras userem barbas também. Oh! a barba! Estes egoistas dos homens até agora tem tido o monopolio desse distinctivo capillar (FON-FON, 1908, n. 39, p. 28).

Outro exemplo de crítica disfarçada pelo riso é o caso da ilustração publicada em 26 de junho de 1909, na qual se apresenta o seguinte diálogo: "- O Senhor, que se declara tão partidario do feminismo, já fez alguma cousa para a liberdade da mulher?" / "- Já." / "- O que?" / "- Conservei-me solteiro".



Figura 28: Charge sobre o feminismo.

Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon-Fon!* (1909, n. 26).

Na ilustração de Seth, publicada na capa de 5 de março de 1921, embora a política mundial e os jogos de força entre EUA e Inglaterra fossem os temas principais da imagem, com os dizeres "TIO SAM - Quem nasceu para libra, nunca chega a ser dollar" (FON-FON, 1921, n. 10) o que se pode observar ali é a representação feminina – a libra – como submissa à imagem do homem – o “dollar” – representado em um desenho grande e imponente. Vê-se, portanto, que a imagem

marca a eterna inferioridade da mulher em relação ao homem, fosse nos temas que envolviam a política, a economia e a inserção do lugar do Brasil no mundo - na qual a mulher não possuía vez ou voz – fosse nas vivências de âmbito privado - exercendo os papéis de esposa amorosa, mãe dedicada e exímia dona de casa.



Figura 29: Capa de *Fon-Fon!* "TIO SAM - Quem nasceu para libra, nunca chega a ser dollar".

Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon-Fon!* (1921, n. 10).

De maneira geral, esta seção buscou explicitar o modo como a revista *Fon-Fon!*, a partir de seus conteúdos, respondia às questões de sua época. A leitura dos exemplares, somada à análise de seus conteúdos em articulação aos contextos histórico, social, político e cultural do Brasil nas primeiras décadas do século XX,

permitiu esclarecer que a figura da mulher, embora anunciada dentro dos preceitos da modernidade, continuava a ser configurada dentro de padrões conservadores e machistas. Embora se depreenda dessa configuração uma posição conservadora da figura feminina, não há contradição com a imagem de mulher necessária ao estágio do capitalismo daquele momento. Era a modernização sem que houvesse mudanças substanciais, as quais, se fossem produzidas, trariam conflitos ao próprio capitalismo e ao quadro interno da sociedade brasileira.

CONCLUSÃO

O estudo possibilitou a compreensão dos conteúdos presentes na revista *Fon-Fon!* em meio ao processo de modernização que se iniciava no Brasil com a industrialização, permitida após a instalação da república, a vinda sistemática de imigrantes europeus, muitos dos quais permaneceram nos centros urbanos em expansão, e, sobretudo, o declínio das parcelas sociais ligadas ao campo e que perdiam poder político e econômico.

Por meio de um conteúdo permeado de humor e uma ácida crítica social, a revista, assumidamente um instrumento pró-modernização, desempenhou papel significativo na formação da opinião pública, servindo como espaço privilegiado para o debate e produção ideológica no período, sob a perspectiva da classe burguesa e da necessária civilidade ao novo ciclo social inaugurado.

A aproximação do conteúdo publicado pelo periódico, articulado às questões históricas, políticas e sociais da época, permitiu determinar o fato de que, às mulheres, foi imputado relevante papel na construção da nova sociedade brasileira, ainda que o modelo feminino mantivesse na Europa seu ponto de afirmação. Fez-se necessário, naquele contexto de transformações locais, redefinir a figura feminina, dando-lhes uma imagem de acordo com a condição de classe à qual pertencia. É importante ressaltar que, às mulheres trabalhadoras, também se cobrava o ser mãe, educadora e esposa, porém com a condição de que servissem, ela e seus filhos, da melhor maneira na edificação do projeto de um novo Brasil, enquanto, aos filhos da classe superior, cabia uma educação para o comando do processo modernizador.

Face à apresentação dos conteúdos selecionados, de forma a ilustrar o conteúdo subjacente, utilizado pela revista ao se referir-se ao seu público alvo – as mulheres da elite carioca –, percebeu-se que a ação político-educativa do periódico ocorria por intermédio da veiculação de textos, imagens e anúncios publicitários que deixaram claro o propósito almejado: contribuir para a formação das mulheres burguesas, a partir da disseminação de conteúdos educativos, capazes de inculcar comportamentos, valores e ideias consoantes ao ideal feminino cogente ao período.

Assim, *Fon-Fon!* delineava os gostos, as aparências, as formas de pensar e de agir de suas leitoras, transformando-as em mulheres-modelo para aquelas pertencentes à classe trabalhadora, no que se refere ao padrão de comportamento e

civilidade, bem como à sua aparência. A contribuição do periódico incidia sobre a formação das mulheres da elite carioca por meio da disseminação de conteúdos educativos – de maneira explícita ou implícita –, que inculcassem comportamentos, valores e ideias para as mulheres consonantes ao ideal feminino necessário ao estágio de desenvolvimento material e social, objetivado pelos agentes desse processo.

Essa tentativa de modernização das sociabilidades e de produção de um ideal de mulher, pautado na figura feminina da elite (que também deveria ser educada), era modelo a ser seguido pelas mulheres não pertencentes a essa condição social, levando a *Fon-Fon!* a criar um mecanismo de consolidação da civilidade burguesa com instrumentos tais que garantissem a reprodução da ordem vigente.

Embora as diferenças sociais permanecessem inalteradas, *Fon-Fon!* dava, à mulher pobre e trabalhadora, a possibilidade (ilusória) de pertencimento à classe alta, uma vez que, ao tentar reproduzir os hábitos, as roupas e o estilo de vida desta, tinha a ilusão de aproximar-se dos modos de vida das mulheres de elite. O interessante é que nessa ideia as diferenças sociais desapareciam à medida que se tornava tão educada, delicada e de fino trato, subjetivando a precariedade da condição financeira e esfumando a sua condição de classe à sua própria compreensão. Era o sentimento de pertencer sem de fato ser.

Apesar de as diferenças sociais terem permanecido inalteradas, a ilusão do pertencimento ou a aproximação dos costumes burgueses pelas mulheres pobres garantiam a consolidação do padrão burguês de sociabilidade e, por conseguinte, a manutenção das relações capitalistas, já que passava ser desejo o ser igual e não o enfrentamento da questão de que, no capitalismo, a igualdade de classes era uma impossibilidade histórica. A revista *Fon-Fon!* contribuiu, portanto, para criar e naturalizar o fato de que cada indivíduo deveria pertencer unicamente à sua condição de classe, devendo, no entanto, reformar a sua natureza por meio da educação e participando do processo de construção de uma sociedade harmônica.

Nesse sentido, o estudo e análise dos conteúdos veiculados pela revista *Fon-Fon!*, nas décadas iniciais do século XX, permitiram vislumbrar o ideal de feminilidade que se esperava das mulheres do período, de modo a formá-las para o exercício de um papel social delimitado, qual seja, atuarem como promotoras dos ideais de moralidade e saúde, contribuindo para a formação das crianças que se

tornariam os novos cidadãos, ou seja, os futuros dirigentes da nação ou então dos trabalhadores.

A revista *Fon-Fon!*, como expressão histórica de um tempo de transformações, tem o seu limite também dado por um movimento que não pode abandonar o tempo passado tampouco ultrapassar os limites da época e da classe social dominante. Ao mesmo tempo em que lutou incansavelmente pela modernização, a revista o fez de acordo com a compreensão do que era sê-lo, definida pelas relações sociais de então. Em muitos momentos, foi de um conservadorismo radical, entretanto compreende-se esse seu aspecto como uma determinação do estágio de lutas existente naquele momento. O modelo de mulher que emerge da sua ação político-educativa buscou responder àquele movimento histórico e, até os dias atuais, permanece, em muitos pontos, inalterado. Novos estudos sobre a revista *Fon-Fon!* poderão elucidar quais dessas influências ainda permanecem presentes na educação feminina. Essa é a próxima tarefa que nos propomos cumprir.

REFERÊNCIAS

A revista no Brasil. São Paulo: Abril, 2000. 249 p.

ARRIGONI, Mariana de Mello. Debatendo os conceitos de Caricatura, Charge e Cartum. In: III ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM, 2011. Londrina-PR. **Anais eletrônicos...** Londrina: UEL, 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Mariana%20de%20Mello%20Arrigoni.pdf>>. Acesso em: dez.2015.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica.** História da Imprensa Brasileira. São Paulo. Ática, 1990. 445 p.

BASILE, Marcello. Projetos de Brasil e construção nacional da imprensa fluminense. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos; MOREL, Marcos; BESSONE, Tânia Maria. (Org.). **História e imprensa:** representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: Faperj/dDPA, 2006, v. 1, p. 60-93.

BETTAMIO, Rafaella. Raul Pederneiras, o profeta social. **Revista de História** (online). 2011. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/por-dentro-do-documento/profeta-social-1>>. Acesso em: jan.2016.

BIAS, Mauro de. Passado a limpo. **Revista de História** (online). 2013. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/reportagem/passado-que-condena>>. Acesso em: ago.2015.

BILAC, Olavo; NETTO, Coelho. **Contos Pátrios.** RJ, 1931. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/LiteraturaInfantil/18contos.htm>>. Acesso em: ago.2015.

BOARINI, Maria Lúcia. Infância higienizada. In: BOARINI, Maria Lúcia (Org.). **Higiene mental:** ideias que atravessaram o século XX. Maringá: Eduem, 2012. p. 24-48.

BRAGA, Mariana. À moda do outro: análise de propagandas da revista Fon-Fon!. In: 10º COLÓQUIO DE MODA – 7ª Edição Internacional – 1º Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design e Moda, 10., 2014, Caxias do Sul. **Anais eletrônicos....** Caixias do Sul: UCS, 2014. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/10-Coloquio-de-Moda_2014/COMUNICACAO-ORAL/CO-EIXO4-COMUNICACAO/CO-EIXO-4-A-moda-do-outro.pdf>. Acesso em: abr. 2015.

Brites, Olga. Crianças em revistas (1930/1950). **Educação e Pesquisa.** São Paulo, v. 26, n. 1, p. 161-176. Jan./jul.2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022000000100011&script=sci_arttext>. Acesso em: jul./2014.

BITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa Feminina.** São Paulo: Ática, 1986. 96 p.

_____. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. 2. São Paulo: Summus, 2009. 239 p.

CARICARE. In: MICHAELIS. *Dicionário de Italiano*. Brasil: Melhoramentos, 2009. Disponível em:

<<http://michaelis.uol.com.br/escolar/italiano/index.php?lingua=italiano-portugues&palavra=caricare>>. Acesso em: jan. 2016.

CARICATURA. In: MICHAELIS. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Brasil: Melhoramentos, 2009. Disponível em:

<<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=caricatura>>. Acesso em: jan. 2016.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República**: momentos decisivos. 7. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. 490 p.

CZYZEWSKI, Analice. **O “POETA DO LÁPIS”: O JORNAL DIABO COXO E A AÇÃO EDUCATIVA DA IMPRENSA NOS ANOS DE 1864-1865**. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2015.

DAPIEVE, Arthur. J. **Carlos contra a guerra**: as grandes tragédias do século XX na visão de um caricaturista brasileiro. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000. 288p.

DEALTRY, Giovanna. Margens da *Belle Époque* carioca pelo traço de Calixto Cordeiro. **ALCEU** - v. 9 - n.18 - p. 117 a 130 - jan./jun. 2009. Disponível em:

<http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu%2018_artigo%209%20%28pp117%20a%20130%29.pdf>. Acesso em: jan.2016.

DÉGUY, Michel. O poder das palavras. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 209-225.

D'INCÃO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORI, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012. p. 223-240.

DUARTE, Newton; SAVIANI, Dermeval (Orgs.). **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. 184 p.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. 647 p.

FEIJÃO, Rosane. **Moda e Modernidade na Belle Époque carioca**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. 175 p.

FERREIRA, Vanessa dos Santos; PEREIRA, Danglei de Castro. O simbolismo em Mario Pederneiras. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – ENIC, 3, 2011, Mato Grosso do Sul. **Anais eletrônicos**.... Mato Grosso do Sul: UCS, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uems.br/novo/index.php/enic/article/view/450>>.

Acesso em: abr. 2015.

FERREIRA, Vivian Marcello. Moda e condição feminina: o papel da mulher na modernidade carioca. In: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015. Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Santa Catarina: UDESC, 2015. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434292234_ARQUIVO_ArtigoP araANPUH-VivianMarcelloFerreira.pdf>. Acesso em: fev. 2015.

FIGUEIRA, Pedro de Alcântara. A educação de um ponto de vista histórico. **Revista Intermeio**. v. 1, n. 1. Campo Grande, MS, 1995, p. 11-15.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: PRIORI, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012. p. 510-553.

Fundação Casa de Rui Barbosa. **Biografia de Gonzaga Duque**. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/literatura/gonzaga_duque/biografia.htm>. Acesso em: abr.2015.

GARCIA, Débora Kelly Herculano Machado. O trabalho feminino nas telas e nas teias sociais. In: BOARINI, Maria Lúcia (Org.). **Higiene mental**: ideias que atravessaram o século XX. Maringá: Eduem, 2012. p. 136-179.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. Conceito de caricatura: não tem graça nenhuma. **Domínios da Imagem**, Londrina, ano I, n. 2, p. 7-26. mai.2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/dominiosdaimagem/index.php/dominios/article/view/27/13>>. Acesso em: dez.2015.

GOTTARDI, Ana Maria; NAHES, Semírames. **Revista Fon-Fon**: a imagem da mulher no Estado Novo (1937/1945). Comunicação: Veredas. ano V, n. 5. nov./2006. Disponível em: <<http://www.unimar.br/publicacoes/comunicacao05.pdf>>. Acesso em: jul./2014.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. 244 p.

GULLA, Maria Madalena Sorato; PERIOTTO, Marcília Rosa. Frei Caneca, o Jornal Typhis Pernambucano e a Educação. In: MIZUTA, Celina Midori Murasse; MENDES FILHO, Luciano de Mendes; PERIOTTO, Marcília Rosa (Org.). **Império em debate**: imprensa e educação no Brasil oitocentista. Maringá; Eduem, 2010. p. 41-66.

HAHNER, June Edith. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas**: 1850-1937. São Paulo: Brasiliense, 1981. 140 p.

_____. **A mulher no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1978. 175 p.

_____. **Emancipação do sexo feminino**: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. Florianópolis: EDUNISC, 2003. 448 p.

HANSEN, Patrícia Santos. Infância como projeto. Nacionalismo, sensibilidades e etapas da vida em Olavo Bilac. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26., 2011, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2011.

Disponível em:

<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300631786_ARQUIVO_Infanciaacomoprojeto.pdf>. Acesso em: ago.2015.

JUNIOR, Gonçalo. Revistas femininas na década de 1920 foram usadas na difusão de um novo papel da maternidade. **Pesquisa Fapesp**. set./2009. Disponível em:

<<http://revistapesquisa.fapesp.br/2009/09/01/a-criacao-da-mae-moderna/>>. Acesso em: jul./2014.

KURY, Lorelai. A ciência útil em O Patriota (Rio de Janeiro, 1813-1814). **Revista Brasileira de História da Ciência**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 115-124, jul./dez. 2011. Disponível em:

<http://www.sbh.org.br/revistahistoria/view?ID_REVISTA_HISTORIA=46>. Acesso em: ago.2015.

LECLERC, Gérard. **Sociologia dos intelectuais**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003. 134 p.

LIMA, Andresa Taís Bortoloto; SÍMILI, Ivana Guilherme. LAURINDA SANTOS LOBO E A MODA NA CAPITAL BRASILEIRA. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA, DESIGN E MODA. 2014, CURITIBA. MODA DOCUMENTA: MUSEU, MEMÓRIA E DESIGN, 2014. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2014. v. 01. p. [217-224]. Disponível em:

<<http://modadocumenta.com.br/pdf/IVMD201455-5.pdf>>. Acesso em: fev. 2016.

LIMA, Lilian Martins de. Os letrados e a imprensa: um perfil do intelectual brasileiro oitocentista. In: XIX ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: PODER, VIOLÊNCIA E EXCLUSÃO. ANPUH, 19., 2008. São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2008. Disponível em:

<<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Lilian%20Martins%20de%20Lima.pdf>>. Acesso em: dez.2014.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes Lima. Imprensa feminina, revista feminina. A revista feminina no Brasil. *Projeto História*, São Paulo, n.35, p. 221-240, dez. 2007.

Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/2219/1320>>. Acesso em: jan. 2016.

LOPES, Dirceu Fernandes. Uma história marcada por censura e resistência. **Observatório da Imprensa**. ed. 488. 2008.

LÖWY, Michael. **Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários**. São Paulo: LECH, 1979.

LUCA, Tania Regina de. Mulher em Revista. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Org.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 447-468.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. A revisão de literatura como parte integrante do processo de formulação do problema. In: _____. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2011. p. 85-111.

MACENA, Fabiana Francisca. **Madames, mademoiselles, melindrosas**: “feminino” e modernidade na revista Fon-Fon (1907-1914). 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Brasília.

_____. Além do modernismo paulista: a Revista Fon-Fon e os debates sobre a modernidade no Rio de Janeiro da Belle Époque. **Em Tempo Em História**. 2010. n. 16, p. 131-153. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/emtempos/article/view/2553>>. Acesso em: jul./2014.

MAIA, Janaína dos Santos. "Escutem-me todas as mulheres!" A pedagogização dos corpos femininos na revista Fon Fon. In: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015. Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Santa Catarina: UDESC, 2015. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1435380731_ARQUIVO_Artigo-AnpuhJanainaMaia.pdf>. Acesso em: fev. 2015.

MALERBA, Jurandir. **O Brasil Imperial (1808-1889)**: panorama da história do Brasil no século XIX. Maringá: Eduem, 1999. 192 p.

MARTINO, Agnaldo; SAPATERRA, Ana Paula. A censura no Brasil - do século XVI ao século XIX. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. XXXV, p. 234-243, 2006. Disponível em: <http://www.usp.br/proin/download/artigo/artigos_censura_brasil.pdf>. Acesso em: jan. 2016.

MARTINS, Ana Luiza. Da fantasia à história: folheando páginas revisteiras. **Revista NERA (UNESP)**, v. 22, p. 59-79, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742003000100003&script=sci_arttext>. Acesso em: jul./2014.

_____. Imprensa, história e literatura: conjugando discursos. In: SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos; CAIRO, Luiz Roberto; RAPUCCI, Cleide Antonia (Org.). **Intelectuais e imprensa**: aspectos de uma complexa relação. São Paulo: Nankin, 2009. p. 27-44.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006. 136 p.

MARTINS, Ana Paula Vosne. “Vamos criar seu filho”: os médicos puericultores e a pedagogia materna no século XX. **História, Ciências, Saúde**. v. 15, n. 1, p. 135-154, jan./mar.2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702008000100008&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: jul./2014.

MELLO, Janaina Cardoso de. A cultura política oitocentista na época joanina entre a Gazeta do Rio de Janeiro, o Correio Brasiliense e a Idade d'Ouro do Brasil. **Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras**. 2009, v. 3, n. 1. p. 79-89. Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/edicoes/n03/pdf/Janaina.pdf>>. Acesso em: ago.2015.

MOURA, Renata Heller de. O encontro histórico entre família e programas de saúde pública. In: BOARINI, Maria Lúcia (Org.). **Higiene mental: ideias que atravessaram o século XX**. Maringá: Eduem, 2012. p. 181-226.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. **Revista Estudos Feministas**. [online]. 2003, vol. 11, n. 1. p. 225-233. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: jul./2014.

NAHES, Semíramis. **Revista FON-FON: a imagem da mulher no Estado Novo (1937-1945)**. São Paulo: Arte & Ciência, 2007. 168 p. Disponível em: <http://www.unimar.br/publicacoes/ftp/miolo_Fon_Fon.pdf>. Acesso em: jul.2014.

NASCIMENTO, Milton Meira do. **Opinião, opinião pública e revolução: aspectos do discurso político na França revolucionária**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989. 176 p.

NOGUEIRA, Clara Asperti. Revista Careta (1908-1922): Símbolo da modernização da imprensa no século XX. **Miscelânea**, Assis, vol.8, jul./dez.2010. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/RevistaMiscelanea/v8/clara.pdf>>. Acesso em: jan.2016.

_____. **Cronistas do Rio: o processo de modernização do Rio de Janeiro nas crônicas de Olavo Bilac (Kosmos, 1904-1908) e Lima Barreto (Careta, 1915-1922)**. 2012. 286 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103628>>. Acesso em: jan.2016.

OLIVEIRA, Cláudia. A 'Vênus Moderna': Mulher e Sexualidade nas Ilustradas Cariocas Fon-Fon!, Selecta e Para Todos..., entre 1900-1910. **Mneme – Revista de Humanidades**. Rio Grande do Norte, n. 11, p. 85-100, jul./set.2004. Disponível em: <<http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/pdf/mneme11/081.pdf>>. Acesso em: jan./2015.

PERIOTTO, Marcília Rosa. A imprensa brasileira nos oitocentos e a história da educação: Hipólito da Costa e o Correio Braziliense. **Série-Estudos**. Campo Grande, MS, n. 36, p. 237-252, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/view/709/589>>. Acesso em: jul.2015.

PRADO JUNIOR. Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, Publifolha: 2000. 408 p.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORI, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012. p. 578-606.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A cidade e a moda**: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. 172 p.

REZENDE, Elma de Fátima; PEREIRA, Erlândia Silva. Os múltiplos papéis da mulher trabalhadora: um olhar do Serviço Social. **Revista da Católica**, v. 3, 2011. Disponível em: <http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv3n5/artigo17.pdf>. Acesso em: jan./2016.

RIBEIRO, Mara Regina Rodrigues; SANTANA, Aline. Política e modernidade: como a revista Fon Fon tratou a temática no período da República Velha. In: VIII ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 8., 2011, Guarapuava. **Anais eletrônicos...** Guarapuava: UFRS, 2011. Disponível em: <http://porteiros.s.unipampa.edu.br/gphm/files/2011/06/Pol%C3%ADtica-e-modernidade.pdf>. Acesso em: fev.2016.

RIZZINI, Carlos. **O livro, o jornal e a tipografia no Brasil, 1500-1822**: com um breve estudo geral sobre a informação. Ed. fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988. 445 p.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. De perfumes aos pós: a publicidade como objeto histórico. **Revista Brasileira de História**. São Paulo. v. 32, n. 64, p. 299-324. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882012000200016. Acesso em: jul./2014.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 2. ed. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1991.

SAVIANI, Dermeval. Breves considerações sobre fontes para a História da Educação. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, n. especial, p. 28-35, ago. 2006. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/art5_22e.pdf. Acesso em: jul./2015.

SILVA, GEANNE PAULA DE OLIVEIRA; LEHMKUHL, LUCIENE. Revista *Ilustração Brasileira*: texto e contexto. **Horizonte Científico**, v. 8, p. 1-26, 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/viewFile/4181/3127>. Acesso em: jan. 2016.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. A Primeira Gazeta da Bahia: Idade d'Ouro do Brasil, São Paulo: Cultrix; Brasília: INL, 1978.

_____. A Gazeta do Rio de Janeiro (1808-1822): Cultura e Sociedade. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

SILVA, Wlamir. A imprensa e a pedagogia liberal na província de Minas Gerais (1825-1822). In: NEVES, Lúcia Maria Bastos; MOREL, Marcos; BESSONE, Tânia Maria. (Org.). **História e imprensa**: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: Faperj/dDPA, 2006, v. 1, p. 37-59.

SOARES, Diego dos Santos; SILVA, Ursula Rosa. O Jornal das Moças: uma narrativa ilustrada das mulheres de 30 a 50 & sua passagem por Pelotas nas décadas. In: **XII Seminário de História da Arte**. v. 3, n. 1. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/3013>>. Acesso em: jan.2016.

SOBRINHO, Afonso Soares de Oliveira. São Paulo e a Ideologia Higienista entre os séculos XIX e XX: a utopia da civilidade. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 210-235, jan./abr. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/v15n32/09.pdf>>. Acesso em: ago.2015.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação histórica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1968. 415 p.

SOIHET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência**: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989. 394 p.

_____. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORI, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012. p. 362-400.

STREET, Jorge. **Ideias sociais de Jorge Street**. Cronologia, introdução, notas bibliográficas e textos selecionados por Evaristo de Moraes Filho. Rio de Janeiro, Fundação Casa Rui Barbosa, 1980.

TORRES, Alberto. **O problema nacional brasileiro**: introdução a um programa de organização nacional. 4. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1982. 133 p.

VELLOSO, Mônica. P.; Percepções do moderno: as revistas do Rio de Janeiro. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos; MOREL, Marcos; BESSONE, Tânia Maria. (Org.). **História e imprensa**: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: Faperj/dDPA, 2006, v. 1, p. 312-331.

VERALDO, Tainara Xavier; PORTO, Fernando; MOREIRA, Almerinda. A aparelhagem da imagem pública da enfermeira na revista Fon-Fon (1916-1923). **Revista de Pesquisa: Cuidado é fundamental** (On Line). 2010. out./des. 2. ed. p. 194-197. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/820>>. Acesso em: jan. 2016.

VIEIRA, Lidiane Rezende. A Aurora Fluminense (1827-1828): um estudo da recepção do liberalismo de Benjamin Constant por Evaristo da Veiga. In: II SEMANA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA. REPENSANDO A TRAJETÓRIA DO ESTADO BRASILEIRO, 2., 2014, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: UFSCAR, 2014. Disponível em: <<http://www.semecip.ufscar.br/wp->

content/uploads/2014/12/A-AURORA-FLUMINENSE-1827-1828-um-estudo-da-recep%C3%A7%C3%A3o-do-Liberalismo-em-Benjamin-Constant-por-Evaristo-Veiga.pdf>. Acesso em: ago.2015.

VOKS, Douglas Josiel. As representações sociais sobre as mulheres na revista *Careta* (1910-1920): entre a mulher ideal e a independente. **Temporalidades**, v. 7, p. 175-188, 2012. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/temporalidades/pdfs/07p175.pdf>>. Acesso em: jan.2016.

WANDERBROOCK JUNIOR, Durval. **A educação sob medida**: os testes psicológicos e o higienismo no Brasil (1914-45). Maringá: Eduem, 2009. 161 p.

ZANIANI, Ednéia José Martins. Criminalidade infantil: a 'endemia traiçoeira' do Brasil republicano. In: BOARINI, Maria Lúcia (Org.). **Higiene mental**: ideias que atravessaram o século XX. Maringá: Eduem, 2012. p. 49-77.

ZANON, Maria Cecília. *Fon-Fon!* – Um registro da vida mundana no Rio de Janeiro da *Belle Époque*. **Patrimônio e Memória**. São Paulo, v. 1, n. 2, p. 18-30, 2005. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/18>>. Acesso em: jul./2014.

_____. A sociedade carioca da *Belle Époque* nas páginas do *Fon-Fon!*. **Patrimônio e Memória**. São Paulo, v.4, n. 2, p. 225-243, jun./2009. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/178>>. Acesso em: jul./2014.

PERIÓDICOS

A ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro: 1909/1912. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: nov.2015.

A AURORA FLUMINENSE. Rio de Janeiro: 1827/1828. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: nov.2015.

A REVISTA DO BRASIL. São Paulo: 1915. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: nov.2015.

CORREIO BRAZILIENSE OU ARMAZÉM LITERÁRIO. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Brasília, DF: Correio Braziliense, 2001-2003. Edição fac-similar. Encadernado em 31 volumes.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro: 1901/1974. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: jun. 2015.

DON QUIXOTE. Rio de Janeiro: 1895/1903. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: jun. 2015.

GAZETA DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: 1808. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: jun. 2015.

IDADE D'OURO DO BRASIL. Bahia: 1811.

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: 1914/1968. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: nov.2015.

JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro: 1852.

JORNAL DO TÍMON. São Luís: 1832. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: nov.2015.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: nov.2015.

MENTOR DAS BRASILEIRAS. São João del Rei: 1829. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: nov.2015.

O CARAPUCEIRO. Recife: 1932. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: nov.2015.

O CORREIO DAS MODAS. Rio de Janeiro: 1839. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: nov.2015.

O ESPELHO DAS BRASILEIRAS. Recife: 1831. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: nov.2015.

O ESPELHO DIAMANTINO. Rio de Janeiro: 1827. Disponível em:
<<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: nov.2015.

O MALHO. Rio de Janeiro: 1902/1954. Disponível em:
<<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: nov.2015.

O MERCÚRIO. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: nov.2015.

O RELATOR DAS NOVELAS. Recife: 1838.

O TAGARELA. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: nov.2015.

REVISTA CARETA. Rio de Janeiro: 1908/1960. Disponível em:
<<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: nov.2015.

REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro: 1900/1959. Disponível em:
<<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: nov.2015.

REVISTA FEMININA. São Paulo:1914/1936.

REVISTA FON-FON!. Empresa Fon-Fon e Selecta. Rio de Janeiro: 1907/1958.
Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: abr.2015.

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro: 1876/1898. Disponível em:
<<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: nov.2015.

REVISTA KLAXON. São Paulo: 1922/1923. Disponível em:
<<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: nov.2015.

REVISTA KÓSMOS. Rio de Janeiro: 1904/1909. Disponível em:
<<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: nov.2015.

REVISTA O CRUZEIRO. Rio de Janeiro: 1928/1975. Disponível em:
<<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: nov.2015.

TYPHIS PERNAMBUCANO. Pernambuco: 1823.

ANEXOS

ANEXO “A”
Texto “Pátria Nova”, de Olavo Bilac e Coelho Netto

PÁTRIA NOVA

Era dia de descanso no grande engenho. Todas as máquinas estavam paradas, todos os instrumentos de trabalho guardados.

A missa findara; da capela, em bandos alegres, vestindo as suas melhores roupas, saíam as famílias, para o passeio e o folguedo.

Sozinho, fincando os cotovelos nos joelhos, e repousando a cabeça nas mãos, um colono já quase velho, mas homem robusto ainda, em cuja cabeleira ruiva começavam a aparecer os primeiros cabelos brancos, — cismava, alheado a tudo, insensível ao barulho de festa que ia pelas casas da colônia.

Formosa, aquela manhã! No fundo azul do céu recortavam-se as montanhas de um verde quente, e, à beira do riacho, que cantava, sobre as pedras e as ervas rasteiras esmaltadas de flores silvestres, voavam os pássaros, tontos de tanta luz. O sol dava um brilho novo às vidraças das casas, batia em chapa sobre as ardósias dos telhados, e animava toda a paisagem de uma alegria comunicativa, que se apoderava de todas as almas. Era domingo. As últimas pancadas festivas do sino morriam docemente na paz risonha do arredor.

Mas o colono continuava a cismar, sozinho, afastado da gente que se divertia...

É que um dia como aquele (havia justamente dez anos!) saíra ele de sua aldeia natal, sob o céu napolitano, — em busca de terras que com menos avareza recompensassem a fadiga de seu trabalho.

Agora, novas terras, nova natureza, gente nova, dias de febre e de esperança primeiro, dias de conforto e de fartura depois, — não lhe haviam permitido o desejo de voltar a sofrer em vão, sem proveito, sobre a terra ingrata, que não tinha pão bastante para dar a tanta gente que lhe pedia... mas ninguém esquece a sua terra, por mais pobre, por mais triste que ela seja! E o colono evocava a recordação do dia em de que lá saíra, — e revia todos os aspectos familiares da linda aldeia: as crianças nuas e espertas que se arrastavam no pó, os velhos que ficavam às portas apoiados nos bordões, os rapazes que o sol queimava, e as raparigas robustas que

iam com eles para o penoso ofício das lavouras. E uma grande tristeza lhe pesava sobre o coração cheio de saudades...

Mas nesse momento alguém se aproximou dele. Era uma forte mulher, ainda no verdor da idade, trazendo ao colo uma criança. Chegou, pousou a mão no ombro do colono que se absorvia na meditação, e despertou-o da cisma:

—Que é isso, pai? Já o procuramos por toda parte... Que tem? Por que foge de nós num dia como este, e vem aqui ficar, sozinho, com a sua tristeza?

—É justamente por causa do dia de hoje que me vês triste, filha — disse ele. — É possível que te não tenhas lembrado que foi neste dia, há dez anos, que saímos de nossa terra?

Uma nuvem de melancolia sombreou a face da rapariga. Esteve durante alguns segundos calada, ajeitando a ponta do chalé, para livrar dos raios do sol o rosto do pequenino que dormia. Depois, olhando com amor a face triste do pai, respondeu:

—Como não havia de me lembrar, pai! Logo de madrugada, comecei a pensar nisso... estive revivendo o dia em que saí de lá, solteira ainda, deixando as companheiras dos meu folguedos de criança... estive contemplando, em imaginação, o cemitério da nossa aldeia, em que está a sepultura de minha mãe... como é que eu poderia não ter saudades? Mas calei-me, e disfarcei, para não lhe dar essa mágoa, pai... pensei que não se lembrasse!

—Lembro-me, filha, lembro-me bem! Quem esquece a sua terra não tem coração!

Ficaram calados ambos. Depois, a filha continuou:

—Mas escute, pai! Por que há de ficar triste? Mais vale esquecer, e viver feliz, gozando a fortuna que o seu trabalho lhe está dando aqui! Ouça! Eu, por mim, estou disposta a não pensar mais nisso: foi aqui que vi felizes todos os meus, foi aqui que casei, foi aqui que nasceu meu filho, o seu neto.. Por que é que não hei de amar esta terra, como se ela fosse minha?

O colono olhou fixamente a filha:

—Como?! Pois tu és capaz de esquecer a tua terra?

Ela hesitou um momento; mas logo em seguida, com voz firme, disse:

—Não! Esquecer não posso... não posso... mas diga-me: a terra de lá é que é a sua, e é que é a minha.. qual é, porém, a desta criança que aqui está, que nasceu aqui e que vai crescer ignorando a língua que nós mesmos já vamos esquecendo, e vendo todos os dias, da infância à idade madura e à velhice, esta Pátria da liberdade

e da riqueza? Olhe! E veja como ela bate palmas, contente, a este sol que a viu nascer!

De fato, a criança acordara. Piscava os olhinhos, entre as pálpebras gordas, sentindo o calor do sol, e agitava-se, rindo, no colo da rapariga.

O homem sentiu os olhos úmidos, e, tomando a criança nos braços, exclamou:

—Tens razão, filha! Esta é a terra de teu filho, esta é a Pátria do meu neto: por que é que não há de ser também a nossa terra?

E, alegre, levantando e abaixando a criança, no ar, com os seus braços robustos, começou a brincar com ele, dizendo-lhe, com o seu acento napolitano:

—Bravo, brasileirinho! Bravo, brasileirinho!...

ANEXO "B"

"Fon-Fon e Selecta na intimidade" — 1º de janeiro de 1916



FON-FON!

E SELECTA

NA INTIMIDADE



G. Fogliani
Fundador de Fon-Fon! e Selecta
e Director da empresa

A. Gasparoni
Director da empresa

Anno novo, vida nova — diziam os nossos avós...
Uma illusão a mais, uma illusão a menos. O incanto do bem inesperado, a magua de uma



Gonzaga Duque

desillusão, ás vezes — sempre a vida tal qual ella é, óra encantada, óra de amarguras e desalentos...

A verdade é que tudo esperamos do Anno Novo, e, como



Victorio de Castro
Redactor - Secretario

não vimos do seio da terra predispostos a tristezas e desventuras, o Anno Novo é sempre



Mario Pederneiras

o Anno Bom para os nossos sonhos. Esi o encanto de viver a vida ainda fosse o mesmo de outras idades, poderíamos festejar nesta quadra a Esperança, á similhaça dos Gregos e Romanos que festejavam a Primavera.

*Minuit! l'année expire et l'année est éclosé,
Une reine nouvelle entre dans l'univers.*

Hoje, porém, «todos nós, mais ou menos, somos como o casal dereloeiros...» d'aquelle



Alvaro Moreyra
Redactor

conto de Jean Reibrach, e a felicidade para nós reside mais no recordar. E' que levamos demasiadamente longe a anciedade de sermos felizes...



Lima Campos

Anno Novo! Anno Bom! Que assim tu o sejas!

E já que a epocha é de bons votos de felicidade, *Fon-Fon!* aqui depõe aos pés das suas lindas leitoras e dos seus queridos leitores os mais sentidos votos que faz para que o Anno Novo lhes dê toda a alegria,



Antonio da Fontoura Barreto (Antonius)
Redactor

FON-FON !



O edificio de *Fon-Fon !* e *Selecta* á rua da Assembléa.

toda a ventura dos seus sonhos
de felicidade.

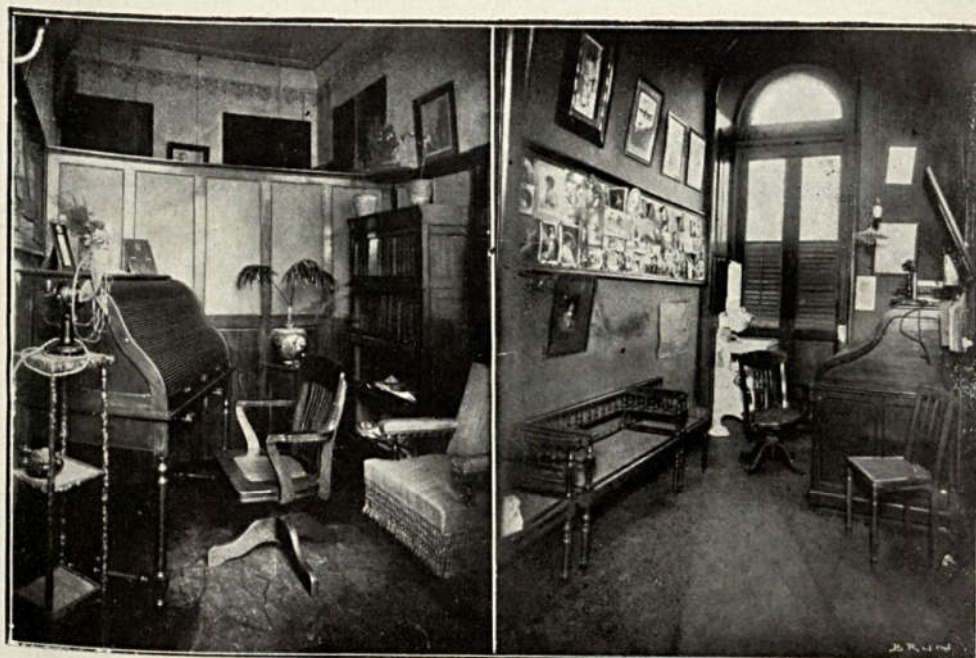
Nos velhos tempos, quando
os nossos avós nos communi-

cavam as suas esperanças e os
seus votos de uma ventura ain-
da maior, também nos conta-
vam do seu passado, dos dias
vividos, enternecidamente.

E' certo, portanto, que os

leitores de *Fon-Fon !*, os seus
amigos, terão um grande pra-
zer em que lhes contemos a
historia do seu passado, que
não sendo muito distante pare-
ce comtudo bem longinquo!

FON-FON!



Gabinetes da direcção.

D. Lucia Lambeyer
Redactora de *Seleção*

O Brasil despertava para uma vida mais sadia, mais activa, de empreendimentos e de trabalho. O Rio, que é o coração

do Brasil, cuidava de se fazer mais bello e mais saudavel. Um punhado de homens de valor, capazes de querer e dotados de energia, havia iniciado o saneamento desta grande cidade. As viellas infectas e sombrias cediam praça a ruas amplas, asseadas e banhadas de sol. O estrangeiro, surprehendido com o despertar do colosso da America do Sul, já nos fitava mais curiosamente.

A transformação material da cidade tambem acarretava a transformação dos habitos e

Sta. Maria Livia Martin
Secretaria de *Seleção*

dos costumes. O Carioca scysmarento e arredio de pouco antes, sentia-se outro dentro do novo scenario. As ruas amplas,

Lindolpho Azevedo
RedactorFelipe de Oliveira
CollaboradorDeputado Dr. Gustavo Barroso
(João do Norte) - Redactor

FON-FON!



as avenidas, a casaria mais bem proporcionada e alegre, comunicavam á sua maneira de ser, necessidades novas, outras tendencias, habitos novos, prazeres até então desconhecidos para elle.

E não só a parte central da cidade recebia o novo impulso do progresso e melhoria. Os bairros mais distantes, que antes não passavam de agrupamentos de cabanas perdidas entre a mattaria, vinham sur-



Salas de redacção



gindo, de subito, n'um irromper de construcções modernas e elegantes. Leme e Ipanema, que eram habitados exclusivamente por pescadores, rece-

biam o primeiro impulso do seu desenvolvimento de hoje, bairros que são da elegancia e que, lá longe, á orla do mar, logo indicam aos olhos do fo-

rasteiro que se extendem de bordo dos transatlanticos, a belleza desta linda cidade.

Consequencia logica, a imprensa acompanhou a evolução da cidade e, para bem servir o publico que se fazia mais exigente, mais requintado, enveredou francamente pelo caminho dos processos mais modernos, mais adequados, abandonando os systemas archaicos do jornal antigo, doutrinario e pesado. A gravura passou a ser de uso corrente e, sem pre-

juizo dos artigos bem lançados, da polemica, o *suelto* entrou a se impôr como processo mais leve, mais rapido e mais effcaz. Os jornaes mais conservadores sentiram a necessidade de se assimilar ao novo paladar do publico, refazendo toda a sua installação material, e, sem quebra da sua feição caracteristica, adaptando a ás exigencias dos seus leitores.

A par da crescente actividade que o Carioca sentia ferver-lhe no animo, havia tambem e por isso mesmo a necessidade de uma revista typica, de caracter proprio, de leitura leve e bem humorada, que, registrando os

FON-FON!



Homero Prates
Collaborador



Eduardo Guimaraens
Collaborador



Rodrigo Octavio Filho
Collaborador



Hermes Fontes
Collaborador



Peres Junior (*Telles de Mairalles*)
Collaborador



Adelmar Tavares
Collaborador



Elysio de Carvalho
Collaborador



Affonso Lopes de Almeida
Collaborador



Carlos Magalhães
Collaborador



Moacir Silva (*Frei Gil*)
Collaborador



João Moreira da Silva (*Arcimor*)
Collaborador



Heitor Lima
Collaborador

FON-FON!



Adrien Delpech
Collaborador



Sebastião Sampaio
Collaborador



Moacir Silva (Frei Gil)
Collaborador



Fernando Mesquita
Correspondente em Paris



Dr. Eugenio Dahne
Correspondente na America do Norte



Deputado Ildefonso Marinho
Antigo collaborador e representante de *Fon-Fon!*
na exposição de Turim.



Mario Sette
Collaborador



Calixto Cordeiro
Desenhista nos primeiros annos de *Fon-Fon!*



Raul Pederneiras
Desenhista desde a fundação



Correia Dias
Desenhista



Torquato Tarquino
Desenhista



Max Yantock
Desenhista

FON-FON!



Coronel Sergio Silva
Gerente



José Alves Garcia
Chefe do escriptorio



Fernando Martin
Dactylographo

te, por ser novo, offerecia todas as incertezas para a sua realização. A reportagem photogra-

factos mais interessantes da vida da cidade e dos Estados, dêsse aos leitores deste immenso paiz o commentario trocista da sua vida, sem offensas, sem maldade — o bastante para fazer sorrir — sem idéas preconcebidas de susceptibilizar o amor proprio, ou o pudor das suas lindas leitoras e dos seus queridos leitores, cujas sympathias fizesse por merecer.

Não nos parecia facil a empreitada, entretanto. Tudo eram difficuldades, desde o aparelhamento material que se fazia necessario, até a escolha de um corpo de redacção capaz de realizar um programma que, exactamen-

phica, por exemplo, era uma barreira quasi intransponivel, para não fallar da ausencia de um estabelecimento de gravura

inicio da éra do automovel no Rio, mas não era tudo, quasi nada mesmo para o que restava ainda fazer. Não desanimámos, comtudo.

Mario Pederneiras, Gonzaga Duque e Lima Campos, tres nomes de responsabilidade nas nossas lettras, desde logo tomaram a si a tarefa de realizar o programma previamente delineado, e que não era facil, como provaram pequenas falhas, oriundas da falta de experiencia, logo sanadas.

O nosso querido Gasparoni, por exemplo, que por esse tempo fazia parte do corpo de collaboradores e que mais tarde



Salas do escriptorio

capaz de ser aproveitado para a nossa revista. E quanto mais desciámos a detalhes mais avultavam os embaraços de toda a natureza.

Fon-Fon!, magnifico titulo, n'aquella epocha que marcava o



FON-FON!



Ernesto Marcellino Pinto
Agente Commercial

viria ao nosso lado dirigir *Fon-Fon!*, abandonando os seus antigos interesses, quando foi do primeiro numero, mal orientado ainda sobre o verdadeiro programma de *Fon-Fon!*, trou-



Daniel Ribeiro
Director do serviço photographico

xe um conto cheio d'aquella graça gauleza com que costuma dizer as suas brejeirices, mas tão *em genero* que não poudeser aproveitado.



Coronel Joaquim Ayres
Chefe do serviço de publicidade

Entendiamos já então, que um jornal ou uma revista, como um individuo deve ter a sua feição á parte, o seu caracter, as suas virtudes. Propunhamos a captar a sympathia e a estima do publico; precisavamos, pois, nos collocar á altura dessa sympathia e dessa estima, sem descambos nem esmorecimentos. E nada mais indispensavel, para tanto, do que dar, no primeiro numero, a conhecer ao publico



Francisco Macina
Encarregado do expediente externo

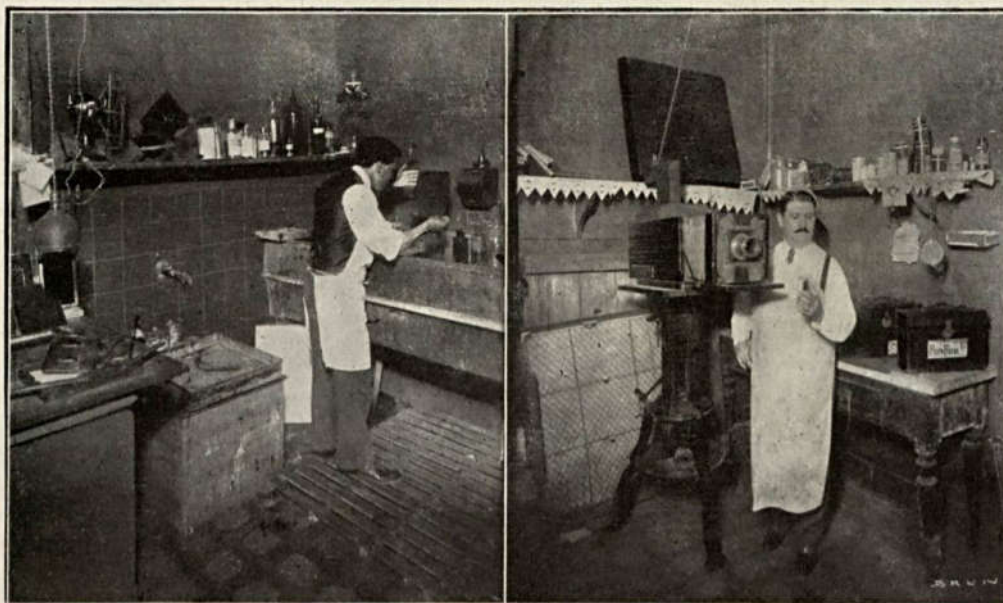
a feição que pretendiamos adoptar em *Fon-Fon!* E da maneira com a qual temos cumprido o nosso programma, o melhor testemunho são o favor e as sympathias com que nos distinguem os nossos leitores e o commercio que se serve das nossas paginas de informações uteis para as suas communicações ao publico.



Euclides Nascimento



Romulo Ayres



Secção photographica.

FON-FON !

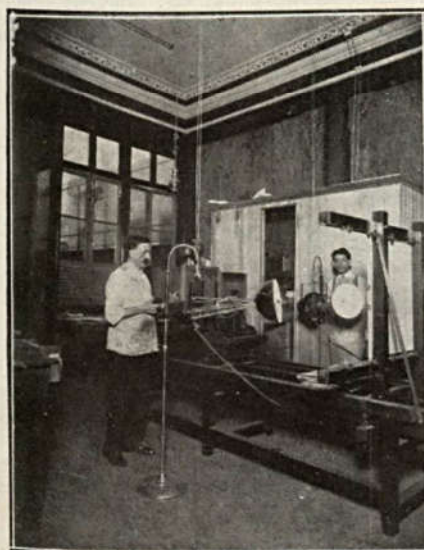


Luiz Brun
Gravador

Iniciando a sua vida apenas com trinta e seis paginas, bem cêdo *Fon-Fon!* se via obrigado a augmentar o numero dellas, não só para attender ao acolhimento sempre mais carinhoso do publico de todo o paiz, como também para facilitar o seu serviço de registro dos acontecimentos mais importantes da Capital e dos Estados aos quaes precisavamos attender. E'-nos



Alfredo Bioleto
Gravador



Secção de gravura

zado, *Fon-Fon!* quebrou o compromisso que tomára para com o publico de lhe dar uma



J. Garcia
Gravador

agradavel reconhecer, de passagem, que a isso, em grande parte, devemos a larga circulação com que hoje contamos nos mais longinquos recantos do paiz. Não obstante, porém, o seu crescente desenvolvimento, o seu prestigio formado á custa de uma attitude sempre correcta diante dos acontecimentos mais graves, das paixões populares mais violentas, nunca *Fon-Fon!* se afastou uma linha do programma que se impoz desde o inicio da sua existencia, nunca as suas paginas serviram para a exploração de odios partidarios ou sectaristas, nem mesmo na quadra mais terrivel e recente em que o paiz todo se sentia anarchi-



Alois Fabian
Gravador



Roberto Campean Victor Valerio



José Mega José Carvalho

FON-FON!



Luigi Palmucci
Director tecnico

cesso obtido por *Nick Carter* que nos animámos a levar por diante o desenvolvimento da nossa empresa, já adquirindo por preço bastante elevado o direito de propriedade litteraria, em lingua portugueza de todas as obras de Michel Zevaco, as quaes faziam então grande successo em França, e grande parte das quaes démos em tempo aos nossos leitores — já



Fernando Coridori
Chefe da officina de typographia

leitura que fosse apenas um repouso alegre e sadio para as suas preocupações da labuta diaria.

Sempre confiantes na nossa boa estrella, iniciámos no Brasil a publicação de romances populares em fasciculos semanais, dando ao publico a leitura do romance policial, cuja publicação iniciámos com *Nick Carter*, e cujas edições nunca foram ultrapassadas por nenhuma outra publicação do mesmo genero. E foi, em grande parte, devido ao suc-

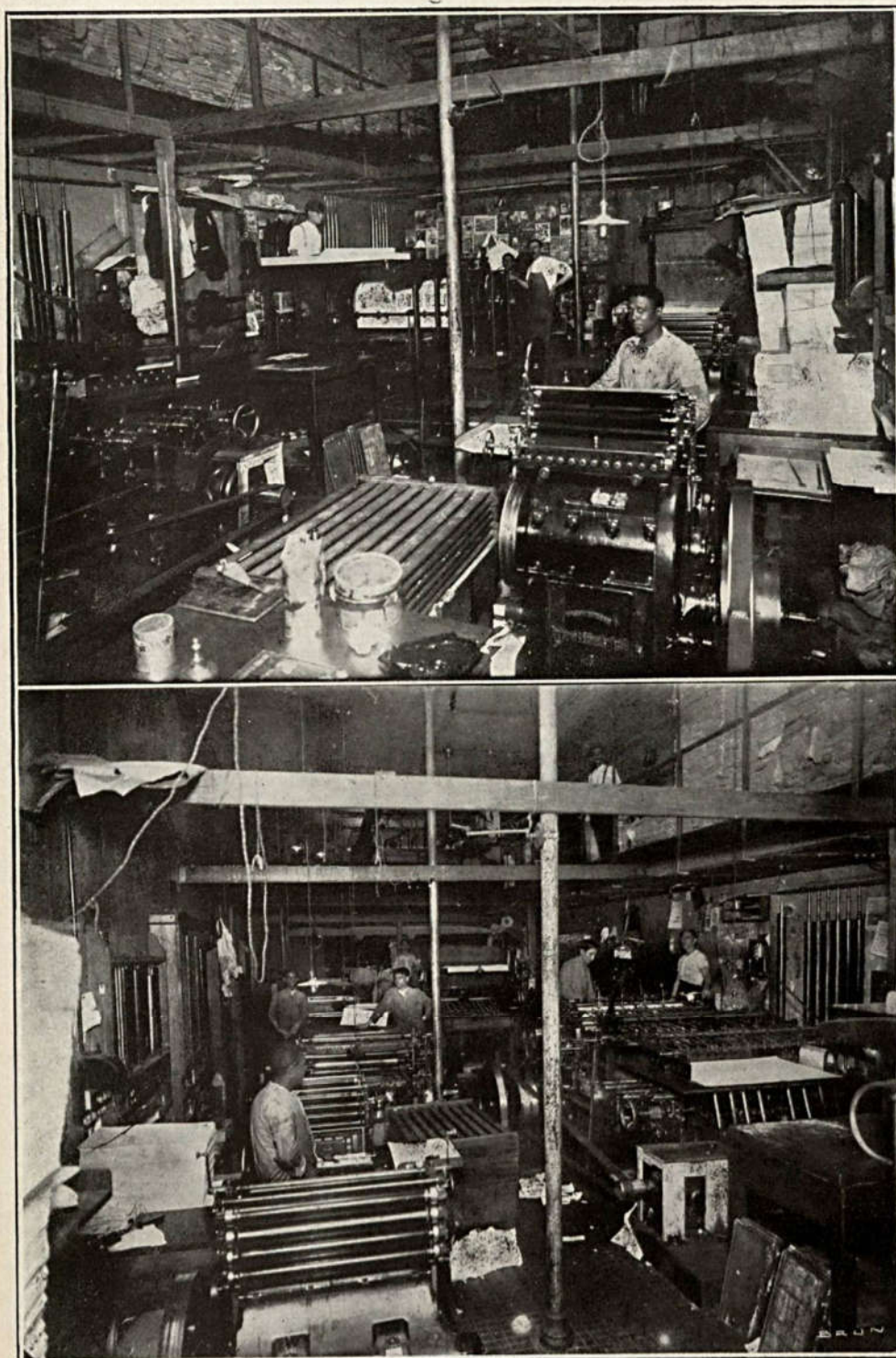


Gabinete do director tecnico

transplantando para o Brasil o typo de revista magazine, verdadeiro repositório de arte, de sciencia, de litteratura, de sports e conhecimentos praticos sobre todos os assumptos de interesse geral, iniciando a publicação de *Selecta* numa epocha em que todos os empreendimentos pareciam fadados ao mais absoluto desastre. Lisongea-nos por isso, duplamente, o bom acolhimento que desde o seu primeiro numero o publico vem dispensando á nova revista,



Officinas typographicas.

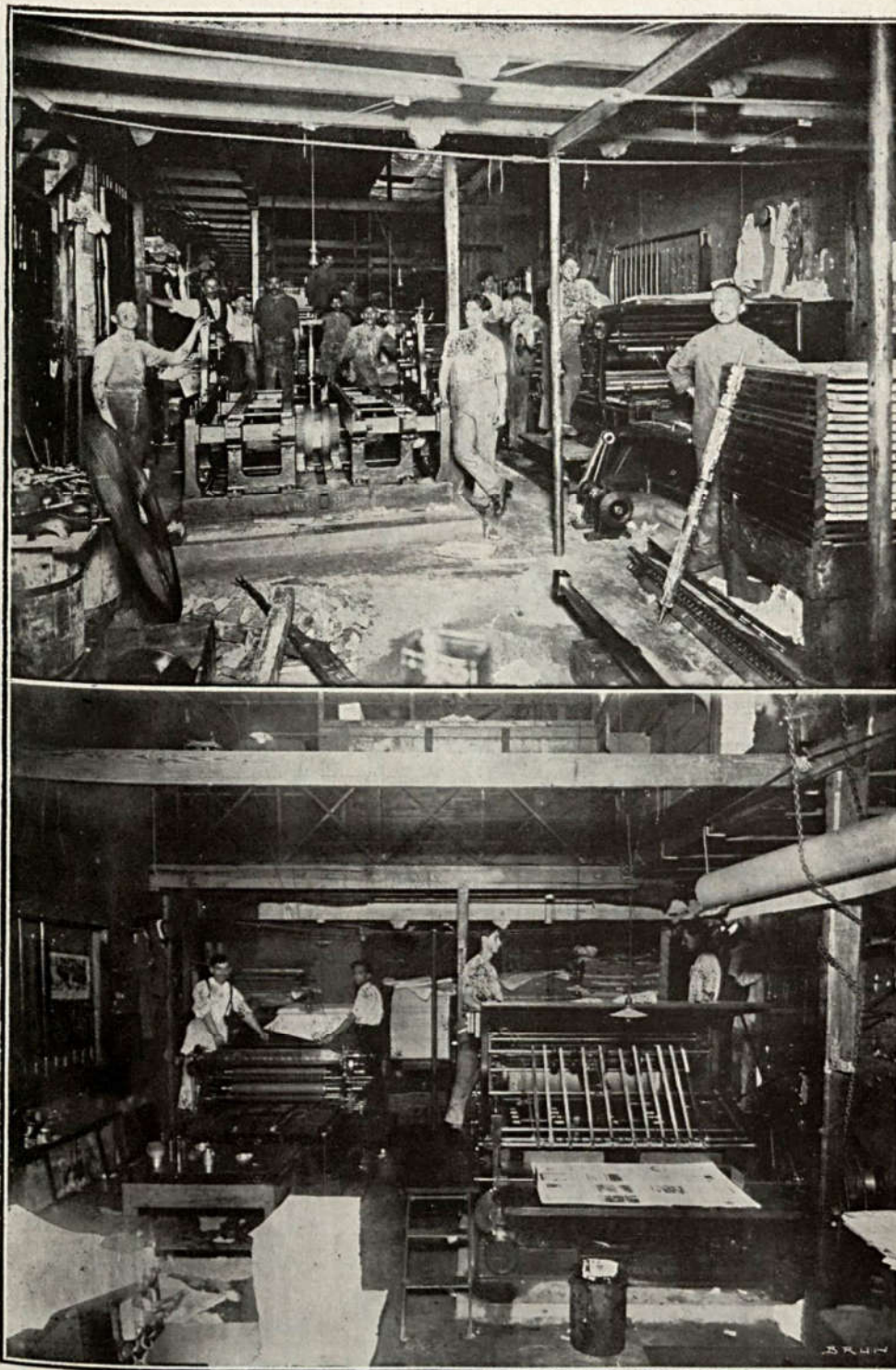


Officinas de impressão

nitidez das nossas paginas não é a mesma de sempre, estamos certos de que os nossos leito-

res compreenderão ser isso devido às nossas grandes tiragens semanais.

Aos que labutam ao nosso lado também devemos, aqui, algumas referencias de grati-



Officinas de impressão.

dão pela intelligencia e boa vontade com que nos teem auxiliado no desempenho de nossa missão.

Mario Pederneiras, Gonzaga Duque, Lima Campos, Calixto Cordeiro e Raul Pederneiras que nos acompanharam desde

o inicio de *Fon-Fon* ! os dous primeiros até á morte, deixando nesta casa uma saudade immortal, representam uma

FON-FON!



Ismael Gonçalves
Chefe da oficina de encadernação

pleiade brilhante de artistas, a cuja capacidade durante longos annos esteve entregue a feitura litteraria e artistica da nossa revista.



Officinas de encadernação.

ENCADERNAÇÃO



Bráulio Salles



Henrique Wenceslau



José de Oliveira



Faustino da Silva



Oswaldo Seabra



Waldemiro Seabra

Graças a ella deve *Fon-Fon!* o prestigio litterario de que goza em todo o paiz e que outra mais nova procura manter á mesma altura. Distinguido com a collaboração de muitos

nomes dos mais acatados das nossas letras, *Fon-Fon!* tem sido um amigo dos que surgem, podendo lisongear-se de haver contribuido para a formação do renome de que go-

zam algumas das figuras mais em destaque da nova geração.

Ligados por laços indestrutíveis de verdadeira amizade leal e sincera a cada um dos que ao nosso lado trabalham

IMPRESSÃO



Tiberio Frattini



José Casanova



Horacio Certo



Pedro Marques



João Levin



Napoleão Paim



João Angelino



José Ullanovicz



Jesuino Cruz



Euclides dos Santos



Belmiro Correa



Alberto d'Almeida

FON-FON!



Raymundo Guedes



Manoel Domingos



Florindo Viale



Carlos de Carvalho



Nilo Paim



Emilio d'Almeida



Domingos Ribeiro

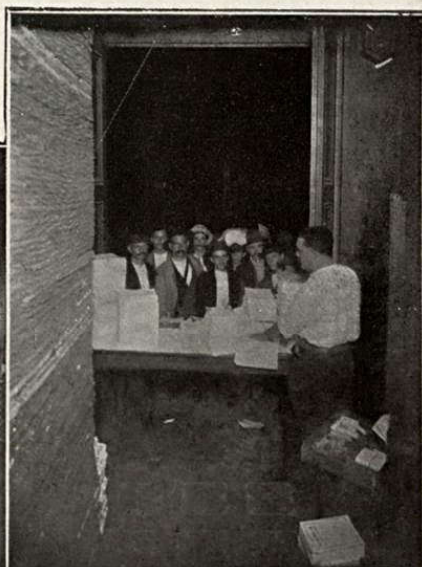


Reginaldo Quintães



Modesto Sardinha

nesta casa, desde o de hierarchia mais elevada ao mais humilde, não carecemos de pôr em destaque a cada um, nominalmente. A todos, indistinctamente, hypothecamos os nossos mais sinceros agradecimentos, desejando-lhes as melhores venturas ao anno que hoje se inicia, sem



Distribuição de *Fon-Fon!* e *Selecta* aos vendedores da Capital, nas madrugadas de quartas feiras e sabbados.

esquecer os nossos correspondentes no exterior, como Fernando Mesquita — nosso cor-

FON-FON!



Serviço de correio para os Estados.

respondente em Paris — Mario Sette — nosso correspondente no Recife — e os nossos prezados amigos e agentes de todo o Brasil e do estrangeiro.

Cabe aqui uma referencia aos acontecimentos mundiaes que fizeram do anno de 1915 um anno execrando, em que os povos retrogradaram de muitos seculos, esquecendo os mais elevados ideaes da humanidade. E é com a lembrança de todos os graves acontecimentos que veem ha quasi dous annos enlutando o mundo, que formulamos os votos mais sinceros para que 1916, o Anno Novo, o Anno Bom das nossas esperanças, traga novamente a paz ao mundo, restabelecendo o equilibrio de forças e de energias das nações, para que a lucta entre ellas volte a desenvolver se, como antes, no campo do progresso e do bem estar dos povos.

Quanto ao Brasil, cuja boa estrella nunca o abandonou, esperamos que depois das amargas provações por que tem passado, volva ao bom caminho do seu desenvolvimento e com ardor se dê á regeneração por que neste momento se batem as classes dirigentes e intellectuaes.



José Narciso Mello

Antonio Costa

Encarregados do serviço de expedição.

**CASA RATO**FABRICA DE BORDADOS E PLISSÉS — PONTO A JOUR
EM TODOS OS TECIDOS — ESPECIALIDADE EM ARTIGOS
PARA MODISTAS

RUA GONÇALVES DIAS, 57 — Telephone 2118 - CENTRAL

ANEXO “C”

Tabela de seções da *Fon-Fon!*

SEÇÃO	COLABORADOR	CONTEÚDO
Página Infantil		Coluna social infantil
Chronica de Moda	Paulette e, posteriormente, Lygia	Tendências de moda parisienses
Fon-Fon Feminino	Helene	
A arte de vestir, cortar e costurar	Prof. J. Dias Portugal	Lições práticas de corte e costura; método "Toutemode"
Página do Lar	Silvia Watteau	Vida doméstica
Culinária de Bom Gosto		Receitas e dicas culinárias
A arte de ser bela ¹⁴	Miss Leeds – especialista de Hollywood Jeanne D’Arcy Paulette Goddart	Beleza, comportamento e tendências de moda
Conselhos às mães	Rinaldo de Lamare	Nutrição, saúde, práticas higienistas e educação infantis
Deixe-me ler sua mão	Yves	Quiromancia
Contos Ilustrados		
O conto brasileiro		
Saibam todos	Yves	
Atualidades		
De Hollywood		
PR1 Fon-Fon	Alziro Zarur	Cinema e rádio
Seára alegre		Humor, charges e notas
Palavras cruzadas		
Notas de arte	Oscar D’alva	Crítica de arte
Escretores de livros	Mario Poppe	Crítica literária
Moscas	Mata-Mosquitos	Atualidades
Modas		

¹⁴ Em 1951, realizavam a leitura da coluna na rádio, às quartas-feiras, patrocinada por Leite de Colônia, Rádio Mayrink Veiga, das 14 às 14h30.

